

Inês Raquel Afonso Rodrigues

35652

Vinculação em Homens Vítimas de Violência nas Relações de
Intimidade: Uma Revisão Sistemática de Literatura



Universidade Fernando Pessoa

Faculdade de Ciências Humanas e Sociais

Porto, 2017

“The propensity to make strong emotional bonds to particular
Individuals is a basic component of human nature.”

John Bowlby

Inês Raquel Afonso Rodrigues

35652

Vinculação em Homens Vítimas de Violência nas Relações de
Intimidade: Uma Revisão Sistemática de Literatura



Universidade Fernando Pessoa

Faculdade de Ciências Humanas e Sociais

Porto, 2017

Inês Raquel Afonso Rodrigues

Assinatura: _____

Vinculação em Homens Vítimas de Violência nas Relações de Intimidade: Uma Revisão Sistemática de Literatura

Dissertação de Mestrado apresentada à Faculdade de Ciências Humanas e Sociais da Universidade Fernando Pessoa, como parte dos requisitos necessários para a obtenção do grau de mestre em Psicologia da Justiça, sob a orientação da Prof^ª. Doutora Glória Jolluskin e da Prof^ª. Doutora Cristina Soeiro (Instituto Superior de Ciências da Saúde Egas Moniz)

Resumo

A violência nas relações de intimidade é um fenômeno com elevada representatividade social e com um enorme impacto na vida das vítimas, sendo que também os homens se podem configurar como vítimas deste tipo de violência. Este artigo consiste numa revisão sistemática de literatura acerca da relação entre a vinculação na idade adulta e a violência nas relações de intimidade em homens vítimas. Apesar de existirem diversos estudos, tanto a nível internacional como a nível nacional, que abordam esta questão, são poucos aqueles que estudam esta temática em homens vítimas, sendo a maioria destes desenvolvidos com mulheres. Neste sentido, foi efetuada uma seleção de acordo com os critérios estabelecidos, tendo sido selecionados artigos que avaliavam o impacto que a violência nas relações de intimidade representa para os homens, os principais fatores de risco associados a este tipo de violência, e a relação entre determinados estilos de vinculação e a violência nas relações de intimidade. Conclui-se que predominam os estudos quantitativos de natureza transversal, sendo os instrumentos de autorrelato utilizados com maior frequência, quer para avaliar o estilo de vinculação, o tipo de vitimação sofrida e a sintomatologia associada, recorrendo, maioritariamente, a amostras por conveniência. Os dados obtidos sugerem que existe uma relação entre estilos de vinculação inseguros e a violência nas relações de intimidade, podendo a vinculação ser considerada um fator de risco tanto para a perpetração, como para a vitimação neste contexto. É de salientar a existência de diversas lacunas na investigação, associadas essencialmente à ausência de estudos realizados exclusivamente com amostras de homens vítimas de violência nas relações íntimas, assim como ao impacto associado a este tipo de vitimação. Finalmente, serão apresentados os principais contributos e limitações que derivam desta revisão sistemática.

Palavras-chave: Violência nas Relações Íntimas; Vinculação; Impacto; Prevalência.

Abstract

Violence in intimate relationships is a phenomenon with a high social representation and a huge impact on the victims' lives, with men also being configured as victims of this type of violence. This paper consists in a systematic review of the literature about the relation between adulthood attachment and violence in intimate relationships in male victims. Although there are several international and national studies addressing this issue, few are studying this topic in male victims, since most of them are developed with women. Therefore, a selection was made in accordance to the established criteria, and papers which assessed the impact that violence in intimate relationships represents for men, the main risk factors associated with this type of violence and the relation between specific attachment styles and violence in intimate relationships were selected. It is concluded that quantitative studies of a cross-sectional nature predominate, with self-report instruments being used more frequently, either to assess the attachment style, the type of victimization suffered and the associated symptomatology, and frequently resorting to convenience samples. The obtained data suggests a relationship between insecure attachment styles and violence in intimate relationships, with attachment being considered a risk factor both for perpetration and victimization in this context. It is noteworthy the existence of several investigations gaps, associated mostly with the absence of studies conducted using male victims of this type of violence exclusive samples, as well as the impact associated with the victimization in this context. Finally, the main contributions and limitations of this systematic review are presented.

Keywords: Intimate Partner Violence; Attachment; Prevalence; Impact.

Agradecimentos

A realização desta dissertação apenas foi possível graças à ajuda e colaboração de um conjunto de pessoas que contribuíram com a toda a sua experiência e sabedoria.

Em primeiro lugar, gostaria de agradecer às minhas orientadoras Professora Doutora Cristina Soeiro e Professora Doutora Glória Jolluskin, pela infinita paciência, disponibilidade, confiança e apoio. A exigência e rigor científico que impõem, para além de terem sido elementos fundamentais na realização e conclusão deste trabalho, contribuíram de igual forma, para o meu crescimento pessoal e profissional.

Agradeço também a todos os professores que cruzaram o meu percurso académico, e que de certa forma, contribuíram para a minha formação.

À minha colega de curso, Sara Sousa, que se tornou uma amiga para a vida, obrigada pela partilha de ideias, dúvidas, receios, angústias, e sobretudo, muitas alegrias e bons momentos.

Ao meu namorado, por ser uma das pessoas mais importantes da minha vida, e que sempre me acompanhou ao longo de todo este percurso. Obrigado por todo o carinho, por nunca teres duvidado de mim, e por me fazeres levantar sempre que não era capaz.

Ao meu pai, que esteve sempre lá quando precisei, que ouviu tantas vezes as minhas angústias e desabafos, e que tinha sempre uma palavra de carinho que me reconfortava.

Ao meu irmão e à minha cunhada, que durante este percurso sempre me apoiaram e deram força nos momentos mais difíceis. Obrigado pela vossa paciência e compreensão demonstradas face às minhas longas ausências e indisponibilidades.

Por último, o agradecimento mais importante para mim, à minha mãe, a minha estrela guia, que apesar de não presenciares fisicamente este momento, sei que estás a olhar por mim, como sempre fizeste. Partiste cedo de mais, mas ao longo deste longo caminho, fui sempre recebendo a tua força para nunca desistir mesmo quando já não tinha forças para continuar. Obrigado por estares sempre lá e acima de tudo, por teres feito de mim a pessoa que sou hoje.

Índice

Resumo	V
Abstract	VI
Agradecimentos	VII
Índice de Tabelas	X
Índice de Figuras	XI
Introdução	1

PARTE I – Enquadramento Teórico

1. Violência nas Relações de Intimidade	5
1.1. Prevalência.	7
1.2. Fatores de risco associados à violência nas relações de intimidade.	10
1.3. Tipologia de agressores.	13
2. Violência Contra os Homens	15
2.1. Impacto e sintomatologia.	19
3. Vinculação	21
3.1. Vinculação na idade adulta.	23
3.2. Vinculação no contexto das relações de intimidade.	24
4. Vinculação e Violência nas Relações de Intimidade	29

PARTE II – Revisão Sistemática de Literatura

1. Objetivos de Estudo	33
2. Método	36
2.1. Procedimentos de pesquisa.	36
2.2. Critérios de seleção.	36
2.3. Seleção dos artigos.	37
2.3.1. <i>Etapa 1.</i>	37
2.3.2. <i>Etapa 2.</i>	38
2.4. Avaliação de qualidade.	40
3. Resultados	50
3.1. Estudos empíricos.	50
3.1.1. <i>Design.</i>	60
3.1.2. <i>Caraterísticas das amostras.</i>	61
3.1.3. <i>Contexto de recrutamento e processo de amostragem.</i>	62
3.1.4. <i>Instrumentos utilizados.</i>	63
3.1.5. <i>Impacto da violência nas relações de intimidade.</i>	65
3.1.6. <i>Fatores de risco associados à violência nas relações de intimidade.</i>	65
3.1.7. <i>Violência nas relações de intimidade e estilo de vinculação.</i>	67
3.2. Trabalhos de revisão/Discussão teórica.	69
4. Discussão	76
5. Conclusão	83
Referências Bibliográficas	87

Índice de Tabelas

Tabela 1. Avaliação de Qualidade (Estudos Empíricos)	41
Tabela 2. Avaliação de Qualidade (Estudos de Revisão/Discussão Teórica)	43
Tabela 3. Sumário dos Estudos Empíricos	51
Tabela 4. Sumário dos Estudos de Revisão/Discussão Teórica	73

Índice de Figuras

Figura 1. Modelo de vinculação na idade adulta	25
Figura 2. Fluxograma de processo de seleção de artigos para a revisão	39

Introdução

No contexto português, o crime de violência doméstica (que engloba a violência nas relações íntimas) tem vindo a sofrer algumas alterações nos últimos anos, nomeadamente de carácter legal e político, tendo-se tornado um crime público desde o ano de 2000, o que reflete um maior reconhecimento e preocupação face a este fenómeno. De facto, de acordo com os dados anuais do Relatório de Segurança Interna de 2016 (Sistema de Segurança Interna, 2016), a violência doméstica contra conjugue ou análogo sofreu um aumento de 1.4% em relação ao ano de 2015, o que remete para a importância de considerar e intervir neste tipo de violência.

A violência nas relações de intimidade é considerada um problema social e de saúde pública que representa uma grave violação dos direitos humanos, sendo igualmente considerado um fenómeno com uma forte representatividade social e com graves consequências para as vítimas. Não obstante, tem vindo a ser reconhecido que este tipo de violência afeta de forma diferente homens e mulheres, sendo que a violência perpetrada contra as mulheres tende a ser mais severa e frequente, o que se reflete num maior impacto para as vítimas (Smith & Stover, 2015). É possível verificar então que existem estudos que apontam para uma prevalência de 24.8% de violência nas relações íntimas para as mulheres e 7.6% para os homens (Tjaden & Thoennes, 2000a). No entanto, a violência perpetrada contra homens pode mesmo atingir níveis equivalentes aquela perpetrada contra mulheres, sendo que os homens experienciam, frequentemente, formas similares de vitimação (Archer, 2000; O'Leary, Tintle, Bromet, & Gluzman, 2008; Schafer, Caetano, & Clarck, 1998; Straus, 1993), pelo que estes resultados vêm, mais uma vez, reforçar a importância de estudar estas vítimas específicas, bem como o impacto que situações de violência continuada podem representar nas suas vidas (tanto a nível físico como psicológico), associado muitas vezes à falta de reconhecimento deste tipo de situações (George, 1994).

A importância de estudar a vinculação associada à violência na intimidade, deve-se ao facto de a vinculação estabelecida na infância ter repercussões nas relações interpessoais que o indivíduo virá a estabelecer na idade adulta, sendo que a separação precoce ou ausência das figuras de vinculação, podem contribuir para o desenvolvimento de atitudes marcadas pela insegurança e distância emocional e afetiva, o que se pode vir mesmo a refletir na falta de proximidade face ao parceiro na idade adulta (Bowlby, 1969). Assim, verifica-se como necessário estudar a vinculação em homens vítimas de violência nas relações íntimas, uma vez que se trata de um crime relacional, associado muitas vezes a dificuldades de relacionamento interpessoal e precariedade de vínculos afetivos.

Nos últimos anos, tem vindo a observar-se ainda, internacionalmente, um número extensivo de estudos sobre a vinculação adulta e a violência nas relações de intimidade (e.g. Bond & Bond, 2004; Godbout et al., 2009; Henderson, Bartholomew, Trinke, & Kwong, 2005; Wilson et al., 2013), com maior incidência em vítimas do sexo feminino, verificando-se uma demarcada escassez de estudos que analisem esta questão em homens vítimas. Por seu turno, em Portugal, o número de estudos que avaliam a relação entre a vinculação e a violência nas relações de intimidade é significativamente menor, tanto em vítimas do sexo feminino, como do sexo masculino.

A presente dissertação surge então, a partir das lacunas previamente identificadas de estudos sobre a violência nas relações de intimidade contra homens, bem como a sua relação com determinados estilos de vinculação. A escolha da revisão sistemática como metodologia de trabalho deveu-se essencialmente à dificuldade de acesso à amostra, uma vez que este tipo de vítimas tende a não reportar as situações de vitimação de que é alvo (e.g. Shuler, 2010), assim como ao facto de tentar compreender quais as variáveis que têm vindo a ser estudadas sobre o fenómeno da vitimação em homens vítimas de violência nas relações de intimidade. Além disso, é de referir a pertinência de refletir sobre um fenómeno criminal que se tem vindo

a ser cada vez mais frequente não só a nível internacional como nacional, alertando assim, para a importância de fomentar a consciência social para este problema, uma vez que a vitimação em homens tende a ser alvo de menos investigações. Do mesmo modo, deve promover-se o desenvolvimento de estratégias de prevenção e intervenção a fim de minimizar o impacto que este tipo de violência representa para as vítimas.

Assim, com a presente revisão sistemática, pretende-se fazer um levantamento exaustivo dos estudos realizados até ao momento sobre a violência nas relações de intimidade em homens, procurando também caracterizar os padrões de vinculação apresentados pelos mesmos, identificando as principais linhas de investigação, bem como as lacunas existentes. De um modo geral, este estudo pretende avaliar a prevalência deste fenómeno, tentando identificar quais os fatores de risco que, de certa forma, predispoem os indivíduos a ser vítimas; caracterizar os estilos de vinculação presentes em homens vítimas de violência na intimidade, procurando averiguar se existem de facto, determinados estilos de vinculação que possam predispor estes indivíduos à vitimação neste contexto; e avaliar a influência que a vinculação pode ter em homens vítimas de violência na intimidade, uma vez que um padrão de vinculação inseguro pode predispor o indivíduo ao desenvolvimento de sintomatologia psicopatológica, que por sua vez, se irá refletir na qualidade das relações que este virá a estabelecer posteriormente.

Atendendo aos objetivos supramencionados, a presente dissertação está organizada em duas partes. Numa primeira instância, será feito um enquadramento teórico acerca da violência nas relações íntimas e formas de violência, sendo abordado especificamente a violência contra os homens, assim como o impacto e fatores de risco associados. Posteriormente, será feito um breve enquadramento acerca da vinculação na infância, fundamental para compreender a associação que existe com a vinculação na idade adulta, sendo de seguida, abordadas as diferentes tipologias de vinculação na idade adulta, e a sua relação com a violência nas relações

Vinculação em Homens Vítimas de Violência na Intimidade: Uma Revisão Sistemática de Literatura de intimidade. Numa segunda instância, será apresentada a metodologia de trabalho utilizada na revisão sistemática, em que serão apresentados os critérios de seleção dos artigos, sendo efetuada posteriormente, uma análise dos artigos selecionados, e conseqüente interligação dos resultados com investigações efetuadas anteriormente, e em que serão ainda apresentados os principais contributos e limitações que derivaram da presente dissertação, assim como sugestões para futuros estudos.

Enquadramento Teórico

1. Violência nas Relações de Intimidade

A violência na intimidade é considerada um problema social e de saúde pública e representa uma grave violação dos direitos humanos, podendo ser definida como “*qualquer comportamento que ocorre no contexto de uma relação íntima e que causa danos físicos, psicológicos e/ou sexuais, que inclui atos de agressão física, psicológica, coerção sexual e comportamentos controladores*” (WHO, 2010), correspondendo à violência exercida entre duas pessoas envolvidas numa relação íntima, sendo transversal a todos os países, culturas e sociedades, podendo ocorrer no contexto de uma relação hetero ou homossexual, entre conjugues, ou entre parceiros que não coabitem, que pode incluir atos de violência física, psicológica e sexual, comportamentos de controlo e coerção, ameaças e isolamento social (Ali, Dhingra, & McGarry, 2016; Breiding et al., 2015; La Flair, Bradshaw, Mendelson, & Campbell, 2015; Reid et al., 2008). Mais especificamente, a violência nas relações íntimas abrange contextos de relacionamento mais íntimos (e.g. namoro), sejam estes atuais ou passados, englobando como qualquer tipo de ameaça e violência ou abuso (Baldry, 2003).

No contexto das relações íntimas, é possível identificar a ocorrência de diferentes formas de violência, salientando-se a violência física, psicológica e sexual. A violência física pode ser definida como o uso intencional de força, suscetível de causar a morte, incapacidade ou ferimentos graves. Pode incluir comportamentos como: Empurrar, arranhar, puxar o cabelo, estrangular, queimaduras, utilização de armas brancas e/ou de fogo, coação física através da utilização da força contra outra pessoa. A violência física inclui também indivíduos que tentem coagir outros a cometer qualquer um dos atos supramencionados (Breiding et al, 2015; Randle & Graham, 2011). Por seu turno, a violência psicológica traduz-se na utilização da comunicação verbal ou não-verbal com a intenção de ferir emocionalmente alguém e/ou exercer controlo sobre essa pessoa. A violência psicológica não deixa marcas visíveis, pelo que

Vinculação em Homens Vítimas de Violência na Intimidade: Uma Revisão Sistemática de Literatura

em muitos casos, pode não ser considerada como uma forma de violência, devido à natureza manipulativa associada à mesma. No entanto, este tipo de violência é bastante frequente no contexto das relações íntimas, sendo que muitas vezes coocorre com outras formas de violência (e.g. física e/ou sexual). Além disso, os atos de violência psicológica podem influenciar o impacto de outras formas de violência (e.g. uma vítima irá sentir mais medo se tiver sido anteriormente ameaçada pelo seu parceiro), pelo que esta forma de violência tem um grande impacto na vida das vítimas. Este tipo de violência pode então incluir, entre outros tipos de comportamentos: Chamar nomes, humilhar, ameaças, controlo coercivo (e.g. limitar o acesso a bens, impedir o contacto com outras pessoas – incluindo a família, controlar o email, telemóvel e outros tipos de correspondência), controlo da saúde reprodutiva/sexual (e.g. gravidez forçada), exploração da vulnerabilidade da vítima, entre outros (Breiding et al., 2015). Por fim, a violência sexual é entendida como um ato sexual (na forma tentada ou consumada) cometido contra a vontade da vítima, ou contra alguém que seja incapaz de dar o seu consentimento, envolvendo um espectro de comportamentos que podem incluir simples carícias, contactos genitais, e/ou penetração (vaginal ou anal). A violência sexual pode também ocorrer quando o perpetrador coage a vítima a cometer estes atos com terceiros (Bagwell-Gray, Messing, & Baldwin-White, 2015).

Relativamente às motivações que estão na base da violência nas relações íntimas, os homens tendem a ser mais motivados pela sensação de poder/controlo, ao passo que as mulheres tendem a utilizar a violência em autodefesa ou como uma forma de retaliação. Além disso, as mulheres apresentam uma probabilidade cerca de seis vezes maior de virem a sofrer de violência mais severa, podendo mesmo culminar na morte das mesmas (Hamberger & Larsen, 2015). No entanto, existem vários estudos (e.g. Busch & Rosenberg, 2004; Melton & Sillito, 2012) que demonstram que as mulheres, em determinadas situações, podem utilizar níveis mais severos de violência, recorrendo muitas vezes ao uso de armas, o que pode ser mais

uma vez indicador de que as mulheres tendem a utilizar a violência em legítima defesa, ou como uma tentativa de através do uso da força, atenuarem as assimetrias de poder associadas ao gênero.

A fim de determinar quais as principais motivações que levam as mulheres a utilizarem a violência contra o parceiro íntimo, Bair-Merritt e colaboradores (2010) realizaram uma revisão sistemática em que concluíram que os principais motivos são: Raiva (tendo sido identificada como a motivação mais comum para a utilização da violência neste contexto); procura de atenção (i.e. por vezes as mulheres tendem a utilizar a violência como uma forma de chamar a atenção dos parceiros, quando se sentem ignoradas por estes); autodefesa e retaliação (muitas vezes as mulheres utilizam a violência como uma forma de se protegerem da violência física e/ou psicológica, que por vezes é perpetrada contra estas, ou mesmo por “vingança”); poder/controlo (apesar de este tipo de motivação ser mais associado à violência perpetrada por homens, também se verifica que as mulheres por vezes tendem a controlar os comportamentos dos parceiros, sentindo assim um maior poder sobre estes); e incapacidade de se expressarem verbalmente. Apesar de estas serem as motivações mais comuns, é importante ter em consideração que estas podem variar em função de diferentes fatores, nomeadamente da natureza da relação íntima e determinadas características individuais. Por exemplo, as mulheres tendem a utilizar mais a violência como resposta à agressão física ou em legítima defesa se a violência perpetrada contra estas for severa, sendo possível constatar ainda que mulheres que utilizam violência mais severa tendem a experienciar uma maior diversidade de motivações (Neal & Edwards, 2015; Weston, Marshall, & Coker, 2007).

1.1. Prevalência

A violência nas relações de intimidade, ao longo dos últimos anos, tem vindo a evidenciar-se como um fenómeno cada vez mais reportado por parte das vítimas em todo o mundo (e.g.

Vinculação em Homens Vítimas de Violência na Intimidade: Uma Revisão Sistemática de Literatura APAV, 2016b; Campbell, Hicks, Thompson, & Wiehe, 2017). Por exemplo, nos Estados Unidos cerca de 25% de mulheres foram física ou sexualmente abusadas pelos seus parceiros pelo menos uma vez. É importante ter em consideração que tanto homens como mulheres podem ser perpetradores de violência na intimidade, no entanto a violência perpetrada contra as mulheres tende a ser mais severa, tendo, conseqüentemente, um maior impacto nas vítimas (Smith & Stover, 2015).

O modelo patriarcal da sociedade suporta a ideia de que a violência nas relações íntimas é uma questão de gênero, sendo perpetrada por homens contra mulheres, existindo ainda determinados fatores culturais que legitimam a perpetração da violência contra a mulher (Barber, 2008; Drijber, Reijnders, & Ceelen, 2013). É um facto que, de modo geral, os homens são fisicamente mais fortes que as mulheres, estando assim menos “vulneráveis” a este tipo de vitimação. No entanto, existem estudos que apresentam resultados contraditórios, demonstrando que os níveis de agressão são mesmo equivalentes para homens e mulheres, sendo que os homens, em determinadas situações, podem experienciar formas similares de violência física aquela que é perpetrada contra as mulheres (O’Leary, Tintle, Bromet, & Gluzman, 2008; Schafer, Caetano, & Clarck, 1998; Straus, 1993). Por exemplo, Archer (2000) realizou uma meta-análise que vem corroborar estes mesmos resultados, tendo constatado que as mulheres eram mais propensas a utilizar a violência física contra os seus parceiros.

A nível internacional, os estudos apontam para uma prevalência de 24.8% de violência nas relações íntimas para as mulheres e 7.6% para os homens, em que se incluem episódios de violência física e/ou sexual (Tjaden & Thoennes, 2000a), enquanto que outro estudo, um estudo realizado no Canadá ao longo de cinco anos, com 11607 homens e 14269 mulheres, estimou que quase metade das vítimas (47%) eram homens (Laroche, 2005). No mesmo sentido, outros estudos demonstram que nos EUA, entre todas as vítimas de violência nas relações íntimas, cerca de 25% a 50% são homens (Hines & Douglas, 2011).

Outro estudo realizado por Hines e Saudino (2003) com 481 estudantes universitários (179 rapazes e 302 raparigas), veio corroborar estes mesmos resultados, em que se constatou que cerca de 29% dos rapazes e 35% das raparigas admitiram ter perpetrado vários atos de agressão física, e 12.5% dos rapazes e 4.5% das raparigas reportaram ter sido vítimas de atos de violência severa.

Na Europa, um projeto de pesquisa multinacional foi projetado para avaliar a frequência da violência nas relações íntimas em homens e mulheres, em populações de seis cidades europeias (Atenas, Budapeste, Estugarda, Londres, Östersund e Porto), tendo sido verificado que as taxas de violência neste contexto são idênticas entre os sexos, apresentando prevalências similares para a vitimação e perpetração (Costa et al., 2015).

Em Portugal, apesar de os estudos acerca deste fenómeno serem escassos, é possível verificar que, em 2016 foram registadas 22773 participações por este tipo de crime, o que corresponde a um aumento de cerca de 1.4% face a 2015. Do total das participações apresentadas, 20.1% foram feitas por homens, sendo que na sua maioria, a tipologia de vitimação mais frequente era a psicológica/emocional (Sistema de Segurança Interna, 2016). Por sua vez, a Associação Portuguesa de Apoio à Vítima (APAV) registou entre 2013 e 2015, um total de 1240 homens vítimas de violência doméstica, sendo que 56% dos casos ocorreram no contexto da intimidade. É possível verificar ainda um aumento das denúncias dos casos de violência doméstica contra homens (entre 2013 e 2015), de cerca de 14.4% (APAV, 2016a). Carmo, Grams e Magalhães (2011) realizaram um estudo em que concluíram que 11.5% dos casos recebidos pelo Instituto de Medicina Legal eram de vítimas do sexo masculino, sendo que em 81.6% dos casos já existia histórico de violência prévia por parte das suas parceiras íntimas. A violência exercida era essencialmente psicológica (insultar, humilhar, fazer falsas acusações), identificando-se também algumas situações de violência física, sendo que em cerca de 39.6% dos casos, as vítimas tiveram necessidade de receber assistência médica.

Em termos mais gerais (i.e. quando não é especificado o tipo de violência, e/ou em situações em que coocorrem mais que um tipo de violência), outros estudos mostram que a violência perpetrada contra os homens varia entre 0.6% e 32%, enquanto que contra as mulheres surgem percentagens entre os 1.4% e 35.2%, o que significa que, tal como supramencionado, apesar de a violência contra as mulheres no contexto da intimidade ser mais frequente, tem vindo a ser evidenciado que o número de denúncias por parte de homens vítimas tem sofrido um aumento significativo ao longo dos últimos anos (Nowinski & Bowen, 2012). No mesmo sentido, Amole e colaboradores (2015) realizaram um estudo com 265 homens casados e que se encontravam numa relação heterossexual, em que verificaram que cerca de 66.8% reportaram ter sido vítimas de pelo menos uma forma de violência ao longo da vida, sendo que no último ano a prevalência foi de 46.8%. O tipo de violência mais experienciado foi a psicológica (81.4%), seguido da violência física (78%), e por último a violência sexual (16.4%).

No entanto, quando nos referimos a tipos específicos de violência, alguns estudos sugerem que os homens tendem a reportar mais episódios de violência física e psicológica em comparação com as mulheres. Relativamente à violência sexual, apesar de os homens também serem vítimas deste tipo de violência (e.g. Peterson et al., 2011), com taxas que podem variar entre os 0.2% (Tjaden & Thoennes, 2000b) e os 30.1% (Krahé, Scheinberger-Olwig, & Bieneck, 2003), os estudos tendem a ser unânimes, demonstrando taxas mais elevadas de vitimação nas mulheres (Coker et al., 2002; Harned, 2001; Romans et al., 2007; Tjaden & Thoennes, 2000b).

1.2. Fatores de risco associados à violência nas relações de intimidade.

Farrington, Gaffney e Ttofi (2017) realizaram uma revisão sistemática cujo principal objetivo era identificar os fatores de risco para determinados tipos de comportamentos

Vinculação em Homens Vítimas de Violência na Intimidade: Uma Revisão Sistemática de Literatura

violentos, incluindo a violência nas relações íntimas, tendo concluído que, de um modo geral, os principais fatores que se destacam eram: Características do meio social, vítima e/ou testemunha de violência na infância, experiências adversas precoces, baixo estatuto socioeconómico, desemprego e crenças/atitude que legitimam a violência. Existem, no entanto, outros estudos (e.g. Capaldi et al., 2012; Costa et al., 2015) que acrescentam outros fatores que contribuem igualmente para a violência neste contexto, nomeadamente: História criminal na família de origem, problemas comportamentais na infância e adolescência, associação a pares antissociais, reduzido suporte social e emocional, elevados níveis de raiva e hostilidade, perturbações da personalidade (e.g. perturbação antissocial), baixa autoestima, estilo de vinculação inseguro ou ansioso. Um estudo semelhante (O’Leary et al., 2008), veio demonstrar a associação entre o abuso e/ou dependência de substâncias e a violência nas relações de intimidade perpetrada por mulheres.

No mesmo sentido, Rodrigues e Kitzmann (2007) realizaram um estudo 96 jovens com idades compreendidas entre os 18 e 19 anos, em que verificaram que existe uma associação entre a exposição à violência interparental e a presença de elevados níveis de ansiedade face à vinculação nas relações íntimas futuras, sendo estas caracterizadas pelo medo de rejeição/abandono, preocupação, e elevados níveis de ciúme.

No entanto, é possível identificar, de forma mais específica, determinados fatores de risco que contribuem para determinado tipo de vitimação. Neste sentido, Schumacher, Slep e Heyman (2001a) verificaram que a insatisfação com a relação conjugal, padrões de comunicação agressivos e um estilo de vinculação receoso são fortes preditores da agressão psicológica. No que concerne à agressão física, configuram-se como principais fatores de risco o baixo rendimento económico, história de vitimação sexual, exposição à violência interparental, características da personalidade (marcada impulsividade, elevados níveis de raiva e hostilidade), depressão, abuso de substâncias, défice de competências sociais, baixa

Vinculação em Homens Vítimas de Violência na Intimidade: Uma Revisão Sistemática de Literatura

assertividade e crenças/attitudes que legitimam o abuso (Schumacher, Slep, & Heyman, 2001b). Além disso, um estudo realizado por Thornton, Graham-Kevan e Archer (2016) no Reino Unido com 184 homens e 171 mulheres sugere que existem diferenças de gênero no que concerne à perpetração de violência no contexto das relações íntimas, sendo que um baixo autocontrole está mais associado à violência perpetrada por homens, enquanto que a presença de elevados níveis de raiva parece predizer a violência perpetrada por mulheres.

Existem ainda outros estudos que demonstram, que é possível estabelecer uma associação entre determinados fatores e a maior propensão para a vitimação neste contexto, nomeadamente o facto de terem sido vítimas e/ou testemunhas de violência na infância, uma vez que tendem a conceber a violência como algo legítimo e aceitável na resolução de problemas. Por outro lado, a exposição repetida à violência faz com que estas vítimas não consigam desenvolver competências de autorregulação emocional, tornando-se assim mais vulneráveis. Além disso, este tipo de violência é influenciado, não apenas por fatores distais (e.g. experiências adversas precoces) como também por características do próprio indivíduo (e.g. abuso de substâncias, baixa autoestima). No entanto, deve ter-se em consideração que não existe uma relação causa-efeito, i.e. muitos indivíduos que experienciaram eventos traumáticos na infância não reportam episódios de violência interpessoal na idade adulta (Ehrensaft et al., 2003; Ridley & Feldman, 2003; Smith & Stover, 2015). Noutros casos, este tipo de vitimação pode mesmo traduzir-se na dificuldade e/ou incapacidade de manter um relacionamento conjugal (Allwood & Widom, 2013).

Outro fator de risco que tem vindo a ser igualmente apontado como um fator de risco para a vitimação no contexto das relações íntimas é a etnia, sendo que indivíduos de raça negra ou hispânicos apresentam uma maior propensão para virem a tornar-se vítimas (Caetano, Vaeth, & Ramisetty-Mikler, 2008). Mills, Avegno e Haydel (2006) realizaram um estudo em que verificaram que os indivíduos afro-americanos apresentavam uma maior propensão para serem

Vinculação em Homens Vítimas de Violência na Intimidade: Uma Revisão Sistemática de Literatura

vítimas de violência psicológica em comparação com indivíduos caucasianos (43.9% vs. 16.7%), bem como de violência física (19.5% vs. 16.7%). No mesmo sentido, Mechem e colaboradores (1999) realizaram um estudo em que foi possível constatar que, em comparação com homens não vítimas, os homens vítimas de violência nas relações de intimidade, são maioritariamente afro-americanos (78.7%).

De modo geral, é possível concluir que os fatores de risco associados à vitimação no contexto das relações de intimidade tendem a ser similares para homens e mulheres, sendo que a exposição à violência interparental, abuso de substâncias, sintomatologia depressiva e baixa autoestima, se configuram como os principais fatores de risco para este tipo de violência, uma vez que este tipo de vítimas acabam por conceber a violência como algo legítimo, não conseguindo desenvolver estratégias de regulação emocional (Capaldi et al., 2012; Farrington, Gaffney, & Ttofi, 2017; Gass et al., 2011).

1.3. Tipologia de agressores.

Holtzworth-Munroe & Stuart (1994) desenvolveram uma tipologia de agressores nas relações de intimidade, por forma a contribuir para uma maior compreensão deste fenómeno, uma vez que estes indivíduos representam um grupo heterogéneo com características distintas, sendo o comportamento agressivo entendido como um *continuum* entre a violência expressiva (associada à dificuldade no controlo de impulsos e expressão afetiva) e a violência instrumental (associada a um grau profundo de insatisfação, mas que não gera sentimentos de culpa).

Deste modo, é possível identificar três perfis de agressores de violência nas relações de intimidade: *Namely Family Only* (representam cerca de metade do total de agressores neste contexto, sendo a violência dirigida essencialmente a membros da família. Raramente são violentos fora do contexto familiar, e não apresentam indícios de perturbações psicológicas); *Dysphoric/Borderline* (representam cerca de 25% do total de agressores, sendo possível

Vinculação em Homens Vítimas de Violência na Intimidade: Uma Revisão Sistemática de Literatura

encontrar nestes indivíduos elevados níveis de violência física e sexual, dentro e fora do contexto familiar. Tendem a apresentar perturbação *borderline*, níveis elevados de raiva e depressão, assim como abuso de álcool e/ou drogas); *Generally Violent/Antisocial* (representam cerca de 25% do total de agressores, caracterizando-se pela utilização de violência física e sexual, dentro e fora do contexto familiar, que pode variar de moderada a severa. Apresentam perturbação antissocial da personalidade, com elevados níveis de raiva e impulsividade, assim como abuso de álcool e/ou drogas) (Amor, Echeburúa, & Loinaz, 2009; Calvete, 2008).

À semelhança da tipologia desenvolvida por Holtzworth-Munroe e Stuart (1994) de agressores de violência nas relações intimidade, Miller e Meloy (2006) classificam as mulheres que utilizam a violência contra o parceiro íntimo em três categorias:

- 1) *Generalized Violent Behavior*: Inclui mulheres que utilizam a violência em diversas circunstâncias, e não apenas no contexto das relações íntimas (e.g. agressões a vizinhos, outros membros da família, estranhos ou conhecidos).
- 2) *Frustration Response Behavior*: Estas mulheres apresentam antecedentes de violência perpetrada contra estas (na relação atual ou anterior), e tendem a utilizar a violência como resposta a situações stressantes em que existe violência mútua. Este grupo difere do anterior, uma vez que exibem um comportamento mais violento com um parceiro que era emocional, física ou sexualmente abusivo em oposição a uma violência mais generalizada.
- 3) *Defensive Behavior*: Estas mulheres tendem a apresentar, essencialmente, um comportamento defensivo (e.g. fugir para evitar episódios de violência ou quando o seu parceiro estava a tornar-se violento). Nestas situações, as mulheres tendem a utilizar a violência após terem sido agredidas pelos seus parceiros íntimos, ou nos casos em que

têm filhos e sentem que estes estão em perigo, utilizam a violência como uma forma de os proteger.

Neste sentido, apesar de existirem diferenças nos perfis e motivações apresentados por homens e mulheres, existem vários estudos que têm vindo a demonstrar que a violência perpetrada por mulheres apresenta algumas similaridades em relação aquela perpetrada por homens (Archer, 2000, O’Leary et al., 2008; Schafer, Caetano, & Clarck, 1998). Por exemplo, um estudo realizado com 52 mulheres referenciadas para um programa de intervenção de perpetradores de violência doméstica, veio demonstrar que as mulheres que utilizavam a violência exclusivamente na intimidade – *Partner-only* (PO), tendem a utilizar a violência defensiva ou reativa em legítima defesa com maior frequência e a reportar menos sintomas traumáticos, em comparação com aquelas que eram violentas em diferentes contextos – *Generally Violent* (GV), que tendem a utilizar mais a violência instrumental, como forma de exercer o controlo sobre o parceiro (Babcok, Miller, & Siard, 2003).

2. Violência Contra os Homens

A violência contra homens nas relações de intimidade é um tema algo negligenciado, por diversos motivos, existindo ainda poucos estudos acerca desta temática, no entanto a violência neste contexto tem vindo a tornar-se um grave problema, estimando-se que por ano, em cada 1000 vítimas, 3.8% são mulheres e 1.3% são homens. Diversos investigadores consideram que homens que sofrem este tipo de vitimação se deve ao facto de as mulheres utilizarem a violência como um comportamento de autoproteção (i.e. em legítima defesa), ou porque existe uma dinâmica de violência bidirecional dentro do casal (e não o uso crónico da força e poder tradicionalmente associado à violência perpetrada por homens contra as mulheres). Apesar de a violência letal no contexto das relações íntimas ser mais associada às mulheres, tem vindo a

verificar-se que a violência perpetrada contra os homens pode culminar igualmente, na morte destes (Ménard, Anderson, & Godboldt, 2009; Reid et al., 2008).

Como supramencionado, apesar de as mulheres apresentarem uma maior propensão para serem vítimas de violência na intimidade, a violência contra os homens tem vindo a aumentar nas últimas décadas, sendo que a violência perpetrada por mulheres contra os seus parceiros íntimos tende a estar fortemente associada à presença de diversos problemas de saúde mental, tais como sintomatologia depressiva e ansiosa, *stress* e sintomas psicossomáticos (Hines & Douglas, 2009), tendo vindo a ser constatado que nestas situações, os homens apresentam uma maior propensão para ser vitimizados e uma menor probabilidade de utilizarem a violência no contexto da intimidade (Felson & Cares, 2005). O’Leary e colaboradores (2008) desenvolveram um estudo com 1116 indivíduos (558 homens e 558 mulheres) identificados como agressores no contexto das relações íntimas, que veio corroborar estes mesmos resultados, tendo sido constatado que existe uma maior percentagem de mulheres (12.7%) do que homens (5.8%) que reportaram ter sido fisicamente agressivas em relação ao parceiro no último ano. Além disso, nos últimos anos tem vindo a verificar-se um aumento significativo de mulheres em prisões, sendo que estas tendem a utilizar mais a violência direta ou relacional contra os seus parceiros (Blanchette & Brown, 2006).

No que concerne às diferentes formas de violência perpetradas no contexto das relações íntimas, as mulheres têm uma maior probabilidade de serem vítimas de violência física, ao passo que a violência utilizada contra os homens é essencialmente verbal e/ou psicológica, sendo raros os casos em que sofreram algum tipo de violência sexual (Machado & Matos, 2014; Simmons, Knight, & Menard, 2015). Hines e Douglas (2010) realizaram um estudo com 302 homens identificados como vítimas de violência na intimidade que veio corroborar estes mesmo resultados, tendo verificado que todos reportaram elevados níveis de vitimação psicológica. No entanto, um estudo realizado por Hines e Saudino (2003) veio demonstrar que

Vinculação em Homens Vítimas de Violência na Intimidade: Uma Revisão Sistemática de Literatura

numa amostra de estudantes universitárias, cerca de 30% relataram ter recorrido a atos de violência (física ou psicológica) a fim de coagir os pares do sexo masculino a envolver-se nalgum tipo de comportamento sexual.

A nível internacional, um estudo realizado por Coker e colaboradores (2002) com 2014 mulheres e 1656 homens vítimas de violência na intimidade, veio corroborar igualmente estes resultados, tendo sido constatado que os homens apresentam uma maior propensão para serem vítimas de violência psicológica (17.3%) em comparação com as mulheres (12.1%), no entanto quando se trata da violência sexual, existe uma percentagem mínima de homens que sofreu este tipo de vitimação (0.2%). Outro estudo, realizado por Reid e colaboradores (2008) com 420 homens vítimas de violência nas relações íntimas, veio corroborar igualmente estes resultados, tendo sido constatado que a maioria dos participantes foram vítimas de vários atos de violência de forma continuada ao longo do tempo, sendo que 68.1% relataram ter sido vítimas de violência física e 92.4% admitiram ter sido vítimas de violência não física em mais do que um momento. Dos que relataram ter sido vítimas de violência física, em 31.9% dos casos trataram-se de atos de violência moderada e 29% admitiram que se trataram de atos de violência extrema.

No contexto português, Machado, Santos, Graham-Kevan e Matos (2016) realizaram um estudo com 10 homens vítimas de violência na intimidade, que se encontram numa relação heterossexual, tendo constatado que existem duas grandes formas de violência: Direta, que inclui atos de violência física, psicológica, económica, *stalking* e administrativo (i.e. quando um dos parceiros utiliza o sistema jurídico em detrimento do outro); e indireta, i.e. quando os atos de violência não são perpetrados diretamente contra eles, principalmente quando as crianças estão presentes e acabam por ser vítimas deste tipo de violência, o que abarca consequências negativas para as mesmas. Além disso, a maioria dos participantes referiu que a violência psicológica (e.g. apresentação de queixas falsas na polícia, ameaças à família,

ameaças de que nunca mais veriam os filhos) teve um impacto mais significativo em comparação com a violência física.

No entanto, a violência perpetrada contra homens no contexto das relações de intimidade é considerada, do ponto de vista social, menos “grave” do que aquela perpetrada contra mulheres, pelo que este fenómeno tem vindo a ser ignorado e alvo de poucas investigações. Consequentemente, as vítimas do sexo masculino tendem a não admitir que são vítimas de violência por parte das suas parceiras, não tendo por isso o apoio necessário, o que pode ser igualmente explicativo, de em alguns estudos, os níveis de violência identificados contra homens, serem significativamente menores (Shuler, 2010). Por este motivo, os homens são menos propensos a relatar episódios de violência por vergonha e medo de serem ridicularizados, ou mesmo devido à falta de suporte social disponível, sendo que apenas tendem a reportar os episódios abusivos à polícia quando foram fisicamente agredidos e existem marcas visíveis, uma vez que existe uma maior probabilidade de não serem desacreditados (Drijber, Reijnders, & Ceelen, 2013). Machado, Hines e Matos (2016) realizaram um estudo com 89 homens vítimas de violência na intimidade, que veio demonstrar que os homens são de facto mais reticentes em denunciar este tipo de situações por diversas razões. A maioria da amostra (76.4%) não solicitou ajuda, sendo que os restantes recorreram essencialmente ao apoio de amigos e familiares, profissionais de saúde e serviços de apoio à vítima. Estas vítimas tendem a sentir ainda necessidade de ter alguém com quem falar, ter um lugar seguro onde ficar, ter algum tipo de apoio especializado (e.g. apoio psicológico), e ter acesso a cuidados de saúde.

De um modo geral, é possível concluir que os estudos tendem a ser unânimes, demonstrando que os homens tendem a experienciar níveis mais elevados de violência psicológica e/ou verbal (Machado & Matos, 2014; Simmons, Knight, & Menard, 2015). Apesar destes resultados, existem outros estudos que demonstram, igualmente, taxas elevadas de vitimação física para os homens, que variam entre 12.7% (O’Leary et al., 2008) e 68.1% (Reid

Vinculação em Homens Vítimas de Violência na Intimidade: Uma Revisão Sistemática de Literatura et al., 2008), no entanto, a violência psicológica tende a apresentar um impacto mais significativo em comparação com a violência física (Carney, Buttell, & Dutton, 2007; Machado et al., 2016).

2.1. Impacto e sintomatologia.

A violência nas relações de intimidade, seja esta física, psicológica e/ou sexual, tem um grande impacto a vários níveis na vida das vítimas, tanto em vítimas do sexo feminino, como em vítimas do sexo masculino. No entanto, e apesar de a maioria da literatura se focar no impacto que este tipo de violência tem nas mulheres, as consequências que advêm deste tipo de vitimação não estão tão estudadas para os homens (e.g. Hines & Douglas, 2009). Apesar disso, é importante ter em consideração que também os homens experienciam diversas consequências negativas em função da violência física, emocional e sexual de que são vítimas no contexto das relações de intimidade, sendo que as consequências que resultam para as vítimas (sejam estas homens ou mulheres) podem refletir-se a curto ou a longo-prazo, podendo muitas vezes, culminar na morte das mesmas (Black, 2011; Ménard, Anderson, & Godboldt, 2009; Simmons, Knight, & Menard, 2015).

Como supramencionado, este tipo de violência tem um grande impacto na vida das vítimas, com consequências a curto e longo prazo, tais como: Problemas ao nível do sistema nervoso (e.g. problemas de memória, convulsões, dificuldades de linguagem), comportamentos sexuais de risco (e.g. doenças sexualmente transmissíveis), problemas de saúde mental (e.g. ansiedade, raiva/hostilidade, depressão, ideias suicidas, perturbação de pós-stress traumático, mal-estar psicológico), e abuso de substâncias (Black, 2011; Hines, Brown, & Dunning, 2007; Hines & Douglas, 2009; 2011). Hines e Douglas (2015) realizaram um estudo em que utilizaram uma amostra de 611 homens vítimas de violência na intimidade, e outra amostra de 1601 homens da população em geral (i.e. que não eram vítimas de violência), que veio corroborar estes

mesmos resultados, tendo sido possível constatar ainda que homens vítimas de violência tendem a apresentar estratégias de *coping* mal adaptativas (e.g. abuso de substâncias), associadas às sequelas psicológicas que resultam da experiência traumática.

Peterson, Voller, Polusny e Murdoch (2011) procederam a uma revisão de diversos estudos empíricos que tinham como principal objetivo avaliar a prevalência e as consequências associadas à vitimação sexual nos homens, tendo constatado que, apesar de este impacto ser significativamente maior em mulheres, também os homens experienciam diversas consequências negativas em função deste tipo de violência específico. É possível encontrar nestes indivíduos indícios de depressão, ansiedade, raiva, irritabilidade, baixa autoestima, automutilação, ideação e tentativas de suicídio, abuso de álcool, reduzido envolvimento em atividades sociais e desconforto com a proximidade, disfunção sexual, e ainda o aparecimento de sentimentos de incerteza face à sua própria identidade sexual.

É importante referir ainda que além das consequências negativas a nível físico, psicológico, social e ocupacional que se refletem nas próprias vítimas, é possível identificar um impacto negativo também para as suas famílias, que muitas vezes não sabem como lidar com este tipo de situações. Neste sentido, torna-se fundamental desenvolver estratégias de prevenção e intervenção a fim de minorar o impacto negativo que esta forma de violência tem na vida das vítimas e das suas famílias (Coker et al., 2002; Ridley & Feldman, 2003).

Existem vários estudos que demonstram ainda que existe uma relação entre a violência na intimidade e o desenvolvimento de sintomatologia depressiva, sendo que o género assume um importante papel nesta relação. Nas sociedades ocidentais, estima-se que a depressão é mais prevalente em mulheres do que em homens (e.g. Devries et al., 2013), o que pode ser explicado pela complexa interação entre fatores biológicos, psicológicos e sociais. Além disso, tem sido evidenciado que a depressão está associada ao desenvolvimento de diferentes tipos de agressão, incluindo a violência física no contexto das relações íntimas. Os indivíduos depressivos têm

Vinculação em Homens Vítimas de Violência na Intimidade: Uma Revisão Sistemática de Literatura

uma menor capacidade para conseguir entender o seu parceiro, expressando frequentemente sentimentos negativos, pelo que a depressão de um ou ambos os parceiros íntimos pode ser uma causa e/ou efeito de uma relação disfuncional, contribuindo assim, para o aparecimento de conflitos que podem escalar em frequência e severidade (Winstok & Straus, 2014). Existem ainda outros estudos que demonstram que existe uma relação entre estilos de vinculação inseguros e uma maior propensão para o desenvolvimento de sintomas de pós-stress traumático (e.g. Scott & Babcock, 2010).

3. Vinculação

A teoria da vinculação de Bowlby (1969, 1973, 1980) admite que todos os indivíduos têm necessidade de estabelecer laços afetivos ao longo da sua existência, com o intuito de garantir a segurança, o que lhes irá permitir explorar o mundo e assim conhecerem-se a si próprios e aos outros. As relações de vinculação envolvem afetos intensos, principalmente em momentos de separação (desvinculação), constituindo-se assim como relações indispensáveis, contribuindo simultaneamente, para um sentimento interno de segurança. Assim, é possível identificar três reações emocionais que se verificam quando uma criança está separada da sua figura de vinculação: A primeira reação é de protesto/reclamação, que envolve choro, busca ativa e resistência perante os esforços reconfortantes de outros; seguindo-se o desespero/aflição, que se caracteriza por um estado de passividade e tristeza; e por último a desvinculação/distanciamento, i.e. uma atitude defensiva e de evitação perante a figura de vinculação (Bowlby, 1969, 1977).

As experiências com a vinculação tiveram início em 1970 com Mary Ainsworth, tendo surgido para explicar a teoria da vinculação de Bowlby. Ainsworth e colaboradores (1978) criaram uma situação experimental, a qual designaram por *Situação Estranha*, que consistiu numa sequência de separações e reencontros entre o bebé/criança e a figura de vinculação,

sendo que o seu principal objetivo é ativar o sistema de vinculação e o de exploração. As experiências foram conduzidas com crianças entre os 12 e os 18 meses, e permitiram a identificação de três estilos de vinculação: Seguro (as crianças tendem a procurar proximidade e conforto na figura de vinculação), inseguro/evitante (as crianças tendem a ignorar e evitar a figura de vinculação) e ansioso/ambivalente (por um lado procuram o contacto e proximidade com a figura de vinculação, e por outro evitam-na e ignoram-na, expressando sentimentos de fúria e revolta) (Ainsworth, 1985; Ainsworth & Bowlby, 1991; Holtzworth-Munroe, Stuart, & Hutchinson, 1997). Mais tarde, Main e Solomon (1990) identificaram um quarto estilo de vinculação, denominado desorganizado/desorientado, para caracterizar crianças em situações de risco, que não se enquadravam em nenhum dos estilos anteriormente identificados.

É ainda importante referir que de acordo com a teoria da vinculação de Bowlby, a infância é o primeiro momento em que se começam a delinear os alicerces necessários para o estabelecimento de relações íntimas na adolescência, e conseqüentemente na idade adulta, até ao final da vida. Neste sentido, é possível afirmar que a vinculação estabelecida precocemente tem repercussões nas relações interpessoais que o indivíduo virá a estabelecer, nomeadamente nas relações de intimidade, será expectável que, por um lado os padrões de vinculação estabelecidos na infância persistam na idade adulta, e por outro, que o desenvolvimento do sistema de vinculação possa orientar comportamentos, pensamentos e emoções do indivíduo nas relações de intimidade que este virá a estabelecer (Lima, Vieira, & Soares, 2006; Matos & Costa, 1996; Simpson, Rholes, & Nelligan, 1992). Assim, se os indivíduos desenvolveram padrões de vinculação disfuncionais na infância, poderão vir a tornar-se mais insensíveis, agressivos e violentos, menos empáticos e afetivos, e incapazes de dar e receber amor, o que se irá refletir nas relações que irão estabelecer posteriormente (Levy & Orlans, 2000).

3.1. Vinculação na idade adulta.

À semelhança do que ocorre na infância, também na idade adulta o conceito de vinculação pode ser definido como uma *“ligação afetiva que tem por objetivo a procura de proximidade com uma figura capaz de proporcionar segurança, proteção e conforto, sendo esta ligação influenciada e regulada pelas concepções que o indivíduo constrói acerca de si próprio e do outro, a partir das suas experiências de vinculação”* (Berman & Sperling, 1994, p.8). Neste sentido, é possível afirmar que as relações de vinculação desempenham um papel crucial no sentimento de segurança e estabilidade emocional do indivíduo, não só na infância, mas também na vida adulta.

Relativamente ao conceito de vinculação no adulto, é importante ter em conta três aspetos centrais: O primeiro, passa pela identificação de elementos de uniformidade entre a vinculação durante a infância e a vida adulta (a vinculação na vida adulta é semelhante aquela que ocorre durante a infância, e neste sentido as relações estabelecidas entre as crianças e as figuras de vinculação são semelhantes aquelas que são estabelecidas entre pares ou companheiros. Os principais elementos de uniformidade entre a vinculação na infância e idade adulta são as características emocionais e comportamentais, a generalização da experiência das relações de vinculação, e ainda a ligação que une os dois fenómenos no tempo). O segundo corresponde ao reconhecimento das diferenças entre processos que sucedem ao longo da vida dos indivíduos (na vida adulta as relações são essencialmente estabelecidas entre pares, em que são necessários acontecimentos que induzam *stress* para que o sistema de vinculação seja ativado). E por último, é importante fazer a diferenciação entre as relações de vinculação estabelecidas da vida adulta de outras estabelecidas nesse período, sendo que a principal diferença é marcada pela natureza mútua das relações românticas estabelecidas na idade adulta (Weiss, 1991).

3.2. Vinculação no contexto das relações de intimidade.

De acordo com a teoria da vinculação, a vinculação que é estabelecida nos primeiros anos de vida tem um forte impacto nas relações interpessoais na vida adulta, influenciado, de forma positiva ou negativa, as suas relações de intimidade (Hazan & Shaver, 1987, 1994). Relativamente à vinculação na idade adulta não existe um consenso na literatura, sendo que diferentes autores propõem diferentes modelos:

Bowlby (1980) propôs um modelo que incluía os seguintes estilos: Prestação de cuidados compulsiva, relacionada com a forma com o indivíduo se envolve e o esforço que deposita na resolução de problemas do seu parceiro; procura de cuidados compulsiva, que se traduz essencialmente na procura de contacto físico/proximidade, atenção e aprovação; autoconfiança compulsiva, que diz respeito a indivíduos extremamente independentes, que não necessitam do outro para se sentirem felizes e realizados; e desvinculação emocional, que se observa nos casos em que o indivíduo é emocionalmente desligado do outro, não dependendo deste.

Hazan e Shaver (1987) basearam-se no modelo original de Ainsworth e colaboradores, e conceberam um modelo com três estilos de vinculação: Seguro (conforto com a proximidade e intimidade, sentimentos de segurança e confiança, relações mais duradouras e felizes); evitante (desconforto com a proximidade e medo da intimidade); e ansioso/ambivalente (medo excessivo do abandono/rejeição, necessidade constante de aprovação por parte do parceiro íntimo, preocupação excessiva com a relação e sentimentos de ciúme), conceptualizando o amor romântico como um processo de vinculação.

Mais tarde, Bartholomew (1990) e Bartholomew e Horowitz (1991) propuseram um modelo no qual acrescentaram um outro estilo de vinculação, a fim colmatar as limitações evidenciadas no modelo desenvolvido por Hazan e Shaver. A vinculação poderia então ser influenciada pelas relações interpessoais estabelecidas na infância, servindo de base para a construção de padrões vinculativos na idade adulta (Bartholomew & Shaver, 1998). De acordo com estes autores, é possível identificar quatro estilos de vinculação quando os modelos do *self* e do outro se cruzam: Seguro (conforto com a proximidade, segurança em si mesmo, imagem positiva do *self* e do outro); preocupado (excessiva dependência do outro, vivem em função de ser aceites pelo outros, imagem negativa do *self* e positiva do outro); e dois subtipos do estilo evitante: Evitante/desligado (negação de qualquer desejo de intimidade/proximidade, sentimentos de independência e autodeterminação, imagem positiva do *self* e negativa do outro) e evitante/receoso (por um lado deseja a intimidade e proximidade, mas por outro evita-a por ter medo de ser rejeitado, sentimentos de insegurança e desconfiança, imagem negativa do *self* e do outro).

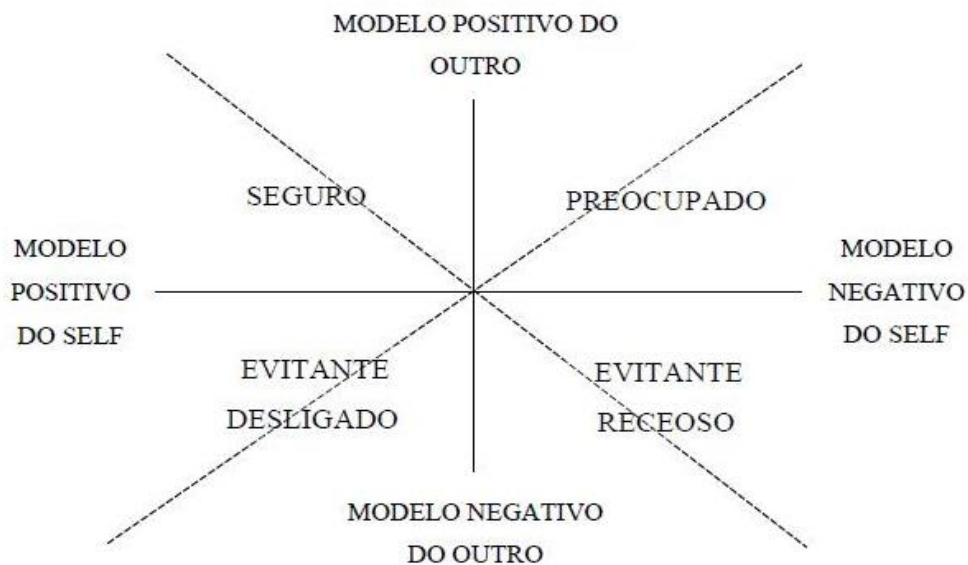


Figura 1.

Modelo de vinculação na idade adulta (Adaptado de Bartholomew, 1990; Bartholomew & Horowitz, 1991).

Brennan, Clark e Shaver (1998) propuseram um modelo ligeiramente diferente dos anteriores, conceitualizando a vinculação como um constructo bidimensional, definindo a evitação e a preocupação como as dimensões básicas do estilo de vinculação na idade adulta. A evitação corresponde ao desconforto com a proximidade e intimidade, falta de envolvimento e entrega emocional nas relações íntimas, enquanto que a preocupação diz respeito a uma preocupação excessiva com o abandono e rejeição, desejo constante de proximidade e intimidade, assim como de viver em função bem-estar do outro.

Como supramencionado, a natureza e qualidade das relações de intimidade nos adultos é fortemente influenciada pelas relações afetivas estabelecidas durante a infância. Neste sentido, a teoria da vinculação pode ser utilizada para explicar as relações amorosas que se estabelecem na vida adulta (e.g. os adultos com um estilo de vinculação seguro tinham relações caracterizadas pela felicidade, confiança e amizade, enquanto que os adultos com um estilo de vinculação inseguro tinham relações marcadas essencialmente por altos e baixos, inveja e preocupação obsessiva com o parceiro). Uma vez que os estilos de vinculação têm uma grande implicação no tipo de relações que são estabelecidas na idade adulta, então, estes têm também grande importância na escolha dos parceiros e na qualidade dos relacionamentos de cada um (Collins & Read, 1990).

Experiências de vinculação precoce constituem-se assim como um “modelo interno” que orienta comportamentos relacionais, constituindo a base de relações românticas adultas, i.e. as diferenças individuais existentes no comportamento de vinculação adulto refletem crenças e expectativas que os indivíduos têm acerca de si mesmos e das suas relações íntimas, sendo que os comportamentos de vinculação na infância podem influenciar as relações românticas na idade adulta (Collins & Read, 1990; Honari & Saremi, 2015). Neste sentido, é possível afirmar que a vinculação no contexto das relações íntimas assenta numa relação de simetria e reciprocidade, de forma a procurar e proporcionar segurança e conforto. Na relação adulto-

adulto é de esperar então que cada pessoa considere a outra como uma “base segura”, sendo que deve existir sempre uma disponibilidade de ambas as partes, possibilitando assim uma percepção de segurança, pertença e partilha, que se irá traduzir no estabelecimento da intimidade (Cassidy, 2001; Faria et al., 2009).

Assim, é possível constatar que existem diferenças no tipo de relações íntimas que os adultos estabelecem, de acordo com o estilo de vinculação: Os adultos com um estilo de vinculação seguro demonstram uma grande facilidade em estabelecer relações de intimidade e proximidade com os outros. As suas relações caracterizam-se pela felicidade, confiança, aceitação, reciprocidade, o cuidar do outro ou permitir que o outro cuide deles, e regra geral apresentam relações duradouras. Estes indivíduos não mostram preocupação com o facto de poderem ser abandonados pelas figuras de vinculação, sendo que estas constituem uma base segura em situações hostis, e são percebidas como sensíveis e disponíveis perante as suas necessidades, mostrando-se “confortáveis” neste tipo de relações, pelo que tendem a reportar níveis mais elevados de satisfação nas suas relações íntimas, bem como uma maior coesão familiar e flexibilidade face a diferentes situações. Por seu turno, os adultos com um estilo de vinculação ansioso/ambivalente, demonstram uma grande dificuldade em estabelecer relações de intimidade, apesar de conscientes da sua necessidade de uma maior proximidade, têm sempre um enorme receio que este facto leve ao distanciamento e perda das figuras de vinculação. As relações que estabelecem caracterizam-se pela assimetria em termos de cuidados, uma vez que demonstram uma reduzida flexibilidade para a troca de papéis. Os adultos com um estilo de vinculação evitante demonstram um enorme desconforto em estabelecer relações de intimidade e proximidade, e conseqüentemente uma enorme dificuldade em confiar no outro, uma vez que consideram que as figuras de vinculação não estão presentes em situações adversas. Estes indivíduos evitam o cuidar e ser cuidado, uma vez que para eles isso constitui uma dependência desagradável. Por fim, os indivíduos com um estilo de

Vinculação em Homens Vítimas de Violência na Intimidade: Uma Revisão Sistemática de Literatura

vinculação receoso, possuem uma visão negativa em relação a si mesmos e aos outros, sentindo-se desconfortáveis com a proximidade a nível emocional, sendo-lhes difícil confiar e depender dos outros. Apesar de necessitarem de relações íntimas, apresentam, de forma marcada, sentimentos de vulnerabilidade e inadequação (Bartholomew e Horowitz, 1991; Collins, 1996; Fonseca, Soares & Martins, 2006; Özmen & Atik, 2010).

A maioria da literatura existente acerca da vinculação na idade adulta e qualidade destas relações foca-se essencialmente no nível de satisfação que os indivíduos expressam relativamente às suas relações de intimidade. Por exemplo, indivíduos com uma vinculação insegura não conseguem desenvolver relações positivas, baseadas na confiança, uma vez que tendem a ser excessivamente ansiosos ou evitantes. Neste sentido, indivíduos com elevados níveis de ansiedade tendem a sobreinvestir nos seus relacionamentos, sendo também mais sensíveis quando os seus parceiros não estão disponíveis em momentos de necessidade. Por outro lado, indivíduos que tendem a ser demasiado evitantes, tendem a experienciar baixos níveis de satisfação com as suas relações, uma vez que tendem a ser emocionalmente desligados dos seus parceiros, evitando a intimidade e proximidade (Hadden, Smith, & Webster, 2014; Shaver & Mikulincer, 2005). Além disso, é possível verificar ainda que existe uma relação entre estilos de vinculação inseguros (e.g. ambivalente, evitante) e um padrão de amor obsessivo, pelo que estes indivíduos tendem a reportar níveis mais baixos de satisfação com as suas relações (Honari & Saremi, 2015).

Em suma, é importante referir ainda que apesar de a investigação empírica demonstrar que existe uma continuidade entre os padrões de vinculação estabelecidos na infância e na idade adulta, as experiências de vinculação na infância não acarretam imutabilidade, sofrendo apenas alterações em função das novas experiências ocorridas, pelo que as relações íntimas se podem então constituir como um contexto de reorganização da vinculação (Faria et al., 2009).

4. Vinculação e Violência nas Relações de Intimidade

A vinculação assume um papel particularmente importante nesta relação, uma vez que as relações de vinculação estabelecidas precocemente influenciam as relações que estes indivíduos irão estabelecer na vida adulta, incluindo as relações românticas. Dado que a vinculação se começa a desenvolver nos primeiros anos de vida, estes modelos de interação precoces influenciam pensamentos, sentimentos, comportamentos e relacionamentos, pelo que é possível afirmar que a vinculação que os indivíduos desenvolvem na infância se reflete nas relações que irão ser estabelecidas posteriormente (i.e. na idade adulta) (Lawson & Malnar, 2011). Neste sentido, Horowitz, Rosenberg e Bartholomew (1993) sugerem que os problemas interpessoais são uma parte do padrão de vinculação dos indivíduos, sendo possível verificar que indivíduos adultos que tiveram experiências negativas com as suas figuras de vinculação na infância, tendem a desconfiar de outras pessoas, evitando assim envolver-se num relacionamento. Por exemplo, se na infância desenvolveram um estilo de vinculação ambivalente ou preocupado, na idade adulta terão uma maior propensão de vir a experienciar frequentemente níveis patológicos de ciúme, dependência e medo da rejeição, o que poderá contribuir para o desenvolvimento de comportamentos violentos no contexto das relações íntimas (Holtzworth-Munroe & Stuart, 1994).

Bowlby (1988) postulou que, na perspetiva da violência intrafamiliar, a raiva se poderia alterar em função de determinadas situações, passando de um comportamento de protesto funcional, a uma versão distorcida e excessiva do mesmo. Assim, é possível constatar que também nas relações íntimas a raiva pode ser expressa de forma adequada e funcional (i.e. sem hostilidade e com efeitos positivos na relação) em indivíduos com vinculação segura, em que se geram reações intensas e justificáveis em função do medo da rejeição e abandono, sendo as necessidades de vinculação expressas sem recurso a comportamentos abusivos. Com este padrão de vinculação, os sujeitos sentem-se confortáveis com a intimidade e autonomia, pelo

Vinculação em Homens Vítimas de Violência na Intimidade: Uma Revisão Sistemática de Literatura

que não se espera que indivíduos seguros se envolvam em comportamentos abusivos no contexto das relações íntimas (Bartholomew & Allison, 2006; Mikulincer & Shaver, 2005). Em indivíduos com um estilo de vinculação inseguro, reconhecidos como os mais sensíveis face à rejeição e abandono, a raiva tende a ser expressa de forma disfuncional, traduzindo-se em sentimentos de ressentimento e hostilidade face ao parceiro, apresentando assim uma maior probabilidade para se comportarem agressivamente (Mikulincer & Shaver, 2005).

Vários estudos têm vindo também a demonstrar que a vinculação na idade adulta é um forte preditor da qualidade das relações românticas adultas, tendo vindo a ser evidenciado que uma vinculação ansiosa ou evitante está negativamente correlacionada com a qualidade destes mesmos relacionamentos (e.g. Butzer & Campbell, 2008; Collins & Read, 1990), sendo que um baixo nível de satisfação com a relação tem um impacto a vários níveis, estando frequentemente associado ao aparecimento de sintomas de *stress* (Kiecolt-Glaser & Newton, 2001). Gormley e Lopez (2010) verificaram ainda que, mulheres com um estilo de vinculação evitante, apresentavam maiores índices de perpetração de violência psicológica, em que estavam também associados elevados níveis de stress.

Dutton e White (2012) verificaram que um estilo de vinculação inseguro pode mediar a relação entre a exposição a eventos traumáticos e a violência na intimidade. Estes autores entendem então que, os indivíduos que experienciaram eventos traumáticos tendem a desenvolver uma vinculação insegura, fazendo com que, posteriormente, desenvolvam uma série de vulnerabilidades (e.g. estratégias de *coping* mal adaptativas, comportamentos antissociais, desenvolvimento de psicopatologias, abuso de substâncias), tornando-se assim mais suscetíveis a este tipo de vitimação.

Na idade adulta, indivíduos com um estilo de vinculação ansioso apresentam uma maior probabilidade de vir a desenvolver uma variada gama de vulnerabilidades emocionais, incluindo não apenas a revitimação no contexto das relações íntimas, mas também a utilização

Vinculação em Homens Vítimas de Violência na Intimidade: Uma Revisão Sistemática de Literatura de violência contra o parceiro (Godbout, Dutton, Lussier, & Sabourin, 2009; Henderson et al., 2005; La Flair et al., 2015). Nesse sentido, existem diversos estudos que demonstram que existe uma relação entre estilos de vinculação inseguros (e.g. evitante, ansioso) e a violência nas relações de intimidade. Por exemplo, Bond e Bond (2004) verificaram que nos casos em que as mulheres tinham um estilo de vinculação ansioso e os homens um estilo de vinculação evitante, existia uma probabilidade cerca de nove vezes maior de existir violência na intimidade, em comparação com outros casais em que não foram identificados estes estilos de vinculação. Doumas, Pearson, Elgin e McKinley (2008) constataram igualmente que, a conjugação de um estilo de vinculação ansioso e um estilo de vinculação evitante era um forte preditor da violência física.

Lawson e Malnar (2011) realizaram um estudo com 100 homens identificados como agressores no contexto das relações íntimas, baseando-se no modelo de Baron e Kenny (1986), que postula que os problemas interpessoais medeiam a relação entre o estilo de vinculação (evitante ou ansioso) e a severidade da violência física e/ou psicológica. Os resultados obtidos demonstram que problemas interpessoais de hostilidade medeiam a relação entre uma vinculação evitante a severidade da violência física e/ou psicológica, não tendo sido, no entanto, encontrada qualquer relação entre a vinculação ansiosa e a violência física e/ou psicológica. Este estudo vem então corroborar resultados de estudos anteriores, que demonstram que indivíduos com um estilo de vinculação evitante evidenciam uma maior probabilidade de virem a ser perpetradores de violência na intimidade (e.g. Doumas et al., 2008).

A perpetração de comportamentos abusivos no contexto das relações de intimidade por parte de indivíduos com estilos de vinculação inseguros está relacionada essencialmente com a percepção da falta de satisfação e disponibilidade do parceiro face às suas necessidades (Henderson et al., 2005; Lafontaine & Lussier, 2005). Deste modo, é possível identificar vários

Vinculação em Homens Vítimas de Violência na Intimidade: Uma Revisão Sistemática de Literatura

estudos (e.g. Bond & Bond, 2004; Critchfield, Levy, Clarkin, & Kernberg, 2008; Rogers, Bidwell, & Wilson, 2005) que postulam que existe uma relação entre a vinculação insegura e múltiplas formas de comportamento agressivo (e.g. violência psicológica e/ou física, automutilação), sendo possível encontrar fortes indicadores de uma vinculação insegura em determinados tipos de ofensores – ofensores violentos (e.g. Ross & Pläfflin, 2007), ofensores sexuais (e.g. Sigre-Leirós, Carvalho, & Nobre, 2015), e perpetradores de violência nas relações íntimas (e.g. Wilson et al., 2013).

É possível verificar ainda que homens vítimas de violência na intimidade, tendem a desenvolver um estilo de vinculação inseguro ou preocupado, que se caracteriza essencialmente pelo desejo de ser amado, contrastando com o medo de não ser amado e/ou desejado. Este tipo de vinculação está relacionado essencialmente com a capacidade de suportar o abuso devido ao medo constante de perder a parceira, e à existência de uma percepção de atenção negativa (que nestas situações se traduz no abuso) como algo satisfatório (Henderson et al., 2005). Os laços vinculativos que se estabelecem no contexto de um relacionamento íntimo, dificultam o seu término, mesmo quando se tratam de contextos disfuncionais e violentos, o que pode ser explicativo da permanência destas vítimas em relações abusivas (Bartholomew & Allison, 2006).

Revisão Sistemática de Literatura

1. Objetivos de Estudo

Apesar de a perpetração de violência nas relações de intimidade ser um fenômeno mais associado aos homens (e.g. Black, 2011), existem também várias mulheres perpetradoras neste contexto, existindo mesmo estudos que demonstram que as mulheres são fisicamente mais agressivas que os homens em relações de intimidade (Archer, 2000). No entanto, estes resultados suscitaram diversas reações negativas na comunidade científica, uma vez que, existem estudos contraditórios, que concluem que as mulheres tendem a utilizar essencialmente a violência psicológica contra os seus parceiros (Carmo, Grams, & Magalhães, 2011; Coker et al., 2002; Hines & Douglas, 2010; Machado & Matos, 2014; Simmons, Knight, & Menard, 2015), pelo que é necessário esclarecer esta questão. Além disso, a legítima defesa não pode ser a única razão apontada para a violência perpetrada por mulheres, sendo que em mais de metade dos casos são estas que iniciam as agressões (Straus, 1993). Estes resultados vêm então alertar para a importância de considerar a violência nas relações de intimidade, em que também os homens se configuram como vítimas (O’Leary, 2000).

Assim, e uma vez que a investigação tem vindo a demonstrar alguns avanços nesta área, e que a violência contra os homens no contexto da intimidade parece não ser tão negligenciada como no passado, é de extrema importância sistematizar o que tem vindo a ser feito no sentido de conhecer o estilo de vinculação e o impacto da violência em homens vítimas, percebendo que tipo de estudos têm vindo a ser desenvolvidos e qual a metodologia utilizada. Desta forma, a presente revisão sistemática pretende responder à seguinte questão de investigação: Qual o tipo de estudos que têm vindo a ser realizados no âmbito da vinculação com homens vítimas de violência nas relações de intimidade?

Com base na revisão de literatura anteriormente apresentada, é possível definir ainda os seguintes objetivos de investigação: O primeiro objetivo consiste em avaliar a prevalência de

Vinculação em Homens Vítimas de Violência na Intimidade: Uma Revisão Sistemática de Literatura

violência contra homens em relações de intimidade, dado o facto de existirem cada vez mais evidências de que a violência contra os homens pode atingir proporções similares aquela que é perpetrada contra as mulheres (Archer, 2000; Felson & Cares, 2005; O’Leary et al., 2008), pelo que se torna importante averiguar a incidência deste fenómeno com estas vítimas específicas, tentando compreender o porquê de, maioritariamente, estas vítimas não relatarem as situações de vitimação.

O segundo objetivo consiste em identificar e caraterizar os estilos de vinculação presentes em homens vítimas de violência nas relações de intimidade, uma vez que é expectável que os indivíduos que perpetuam este tipo de comportamentos apresentem um estilo de vinculação inseguro (e.g. Bond & Bond, 2004; Butzer & Campbell, 2008; Collins & Read, 1990; Dutton & White, 2012; Wilson et al., 2013), pelo que será importante compreender também qual o tipo de vinculação que estas vítimas desenvolvem, e em que medida este tipo de vitimação pode contribuir para o desenvolvimento de diferentes estilos de vinculação.

O terceiro objetivo consiste em verificar se o estilo de vinculação é um fator de risco para a violência nas relações de intimidade em homens, uma vez que existem vários estudos que postulam que um padrão de vinculação inseguro se constitui como um fator de risco para a vitimação neste contexto (Doumas et al., 2008; Henderson et al., 2005; La Flair et al., 2015), devido aos sentimentos de ansiedade insegurança e preocupação frequentemente vivenciados por estes indivíduos, e que levam muitas vezes à vitimação no contexto das relações íntimas, pelo que será interessante averiguar em que medida este estilo de vinculação se pode constituir também como um preditor da vitimação em homens vítimas de violência na intimidade.

O quarto e último objetivo consiste em avaliar qual a influência que a vinculação em homens vítimas de violência nas relações de intimidade tem noutros domínios da vida, e de que forma o estilo de vinculação pode contribuir para ultrapassar os efeitos negativos associados a este tipo de vitimação. Apesar de ter vindo a ser constatado que esta forma de

violência tem um grande impacto na vida das vítimas, interferindo de forma significativa a vários níveis, em que estas vítimas experienciam frequentemente sintomas de ansiedade, depressão, pós-stress traumático, abuso de substâncias, ideação suicida, sintomas psicossomáticos e baixa autoestima (Black, 2011; Hines, Brown, & Dunning, 2007; Hines & Douglas, 2009; 2011), será importante compreender até que ponto o estilo de vinculação se poderá constituir como um mediador das respostas das vítimas a este tipo de vitimação, dado que um padrão de vinculação inseguro tem vindo a ser associado ao desenvolvimento de sintomatologia psicopatológica (Mikulincer & Shaver, 2012; Taft et al., 2006; Uytun, Oztop, & Esel, 2013).

2. Método

2.1. Procedimentos de pesquisa.

A pesquisa foi efetuada nas seguintes bases de dados eletrónicas: *B-On*, *Ebsco*, *PubMed*, *Sage* e *ScienceDirect*, utilizando a combinação das seguintes palavras-chave: “*adult attachment styles*” ou “*adult attachment*”, “*men victims of intimate partner violence*” ou “*battered men*”, “*female perpetrated intimate partner violence*” ou “*female perpetrators domestic violence*” ou “*women's violence*”, “*symptoms*” ou “*effects*”, tendo sido forçada a exclusão das palavras “*women's victimization*”, “*child maltreatment*”, e “*child abuse*”. A pesquisa foi efetuada em março e abril de 2017. É de referir que se utilizaram expressões mais abrangentes, que focassem também as mulheres como perpetradoras, dado que os resultados obtidos sem a utilização deste tipo de palavras-chave, não apresentavam tanta relevância para o tema.

2.2. Critérios de seleção.

Os critérios de inclusão utilizados na procura dos artigos para o estudo foram os seguintes:

- (a) Publicações a partir do ano 1984, uma vez que de acordo com a literatura científica, foi por volta da década de 80 que começaram a surgir mais investigações nesta área (e.g. Hyde, 1984);
- (b) Artigos originais escritos em inglês, português e espanhol;
- (c) Estudos realizados com adultos (amostras com idade igual ou superior a 18 anos) do sexo masculino vítimas de violência na intimidade, que estejam numa relação heterossexual;
- (d) Estudos de metodologia quantitativa, qualitativa ou mista;
- (e) Estudos comparativos;
- (f) Estudos de caso;
- (g) Estudos revistos por especialistas e que constem em revistas académicas, de modo a assegurar a cientificidade dos resultados. Foram também incluídos trabalhos de revisão de literatura ou discussão teórica sobre o tema, pelo facto de se tratar de uma temática pouco explorada, e cujas

Vinculação em Homens Vítimas de Violência na Intimidade: Uma Revisão Sistemática de Literatura
definição e conceptualização por vezes não serem consensuais, carecendo de maior clarificação.

Quanto aos critérios de exclusão foram definidos os seguintes: (a) Artigos que não estavam escritos em inglês, português e espanhol; (b) Estudos desenvolvidos com amostras com idade inferior a 18 anos; (c) Estudos que se foquem exclusivamente em amostras de vítimas do sexo feminino; (d) Estudos desenvolvidos com adultos que foquem exclusivamente outros tipos de violência, que não a violência nas relações íntimas; (e) Estudos que se foquem exclusivamente em amostras de homens perpetradores e não vítimas no contexto das relações íntimas.

2.3. Seleção dos artigos.

Na pesquisa obteve-se o total de 1067 resultados (335 na *B-On*, 248 na *Ebsco*, 0 na *PubMed*, 414 na *Sage* e 70 na *ScienceDirect*). Considerando os critérios de inclusão e exclusão definidos, o processo de seleção dos artigos ocorreu em duas etapas (cf. Figura 2).

2.3.1. Etapa 1.

Fez-se uma primeira seleção dos 1067 resultados, com base na leitura dos títulos e *abstracts*, excluindo-se 1040 resultados. A grande maioria dos artigos foi excluída por não estarem relacionados com o tema ou por não preencherem os critérios de inclusão, focando outros tipos de vitimação (que não a violência no contexto das relações íntimas), ou por utilizar uma amostra de indivíduos que não se encontravam numa relação heterossexual. Assim, no final desta primeira fase, ficou um total de 27 resultados.

2.3.2. Etapa 2.

Na segunda etapa, procedeu-se à leitura integral e análise detalhada dos 27 artigos resultantes da etapa anterior, tendo sido construída uma tabela com os principais objetivos, metodologia, resultados e conclusões, a fim de facilitar a interpretação dos mesmos. Desta análise, foram excluídos 12 artigos que não preenchiam os critérios de inclusão: Quatro estudos por se encontrarem repetidos em bases de dados; três estudos por não se focarem e/ou por não fazerem qualquer referência à relação entre a violência nas relações de intimidade e a vinculação; dois estudos por se focarem exclusivamente em mulheres vítimas de violência nas relações de intimidade, não sendo feita qualquer referência a homens vítimas neste contexto; um estudo que se focava noutros tipos de vitimação (diferentes formas de violência na infância), não sendo abordada a relação com a violência nas relações de intimidade; um estudo realizado com indivíduos com idade inferior a 18 anos; e por último, um estudo que procurava analisar os vários tipos de violência perpetrados por mulheres (e.g. roubos, homicídios), que não se encontravam diretamente relacionados com a violência nas relações de intimidade, não sendo feita também qualquer referência às características de homens vítimas. Desta segunda etapa de seleção, resultou, assim, a inclusão de 15 artigos para a análise no presente trabalho.

É de referir ainda, que tendo em consideração os critérios previamente definidos, a seleção dos estudos (i.e. a sua inclusão ou exclusão), foi efetuada a partir da leitura e análise independente de duas investigadoras, por forma a assegurar a pertinência e adequabilidade dos artigos incluídos.

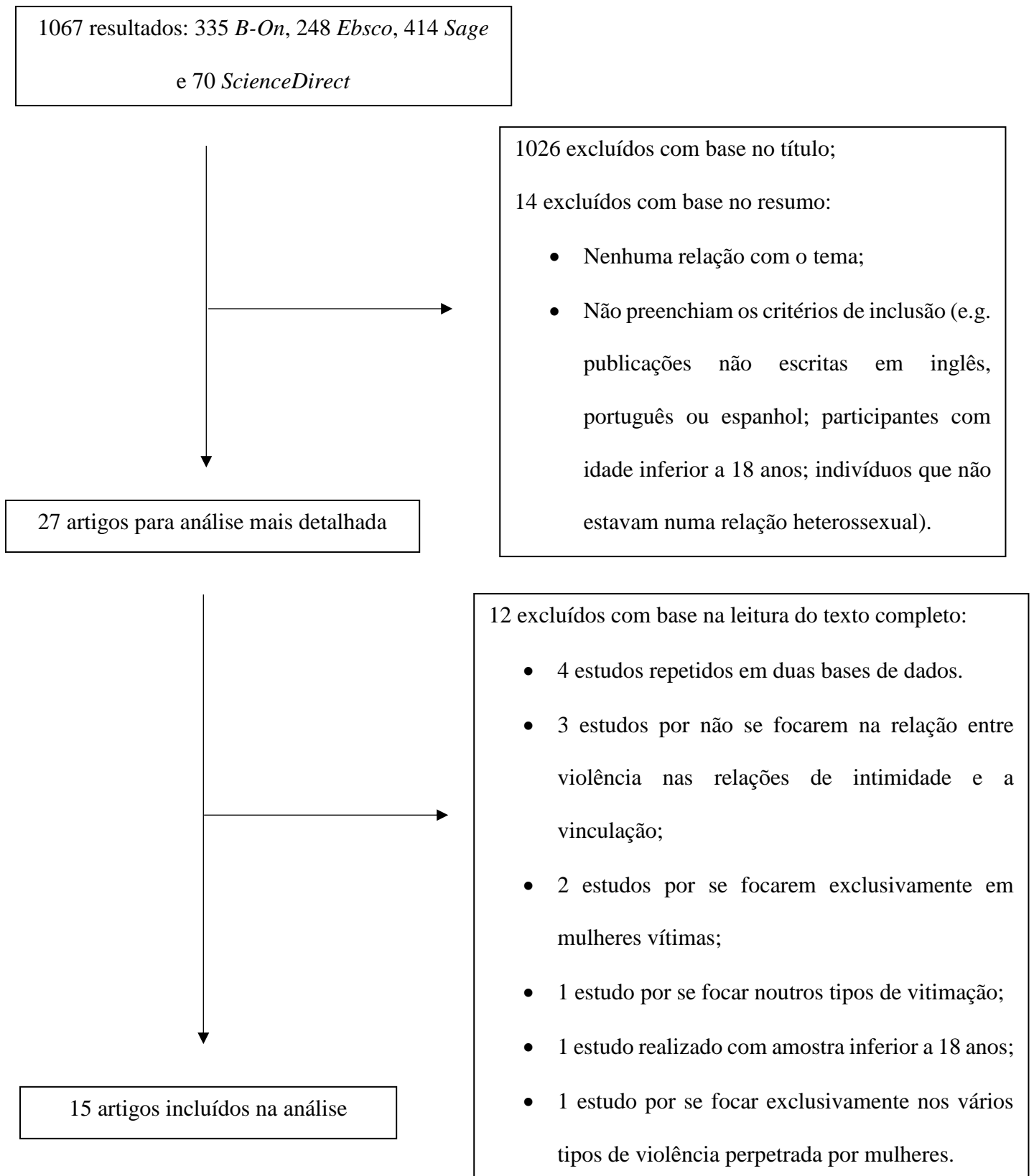


Figura 2.

Fluxograma de processo de seleção de artigos para a revisão.

2.4. Avaliação de qualidade.

As tabelas seguintes apresentam a avaliação da qualidade dos artigos anteriormente selecionados, por forma a verificar que estudos devem ser incluídos ou excluídos com base na metodologia utilizada para avaliar a questão de investigação e/ou nos problemas de implementação do estudo. Esta avaliação é fundamental, para que apenas se incluam artigos de qualidade nos resultados, implicando então efetuar julgamentos acerca de determinada informação que é considerada fiável/credível.

Foram elaboradas duas tabelas distintas, uma para os estudos de caráter empírico, e outra para os estudos de revisão/discussão teórica. Assim, foram utilizadas duas escalas de cotação: Nos estudos empíricos (cf. Tabela 1), houve a necessidade de adaptar a escala de cotação, devido à questão dos instrumentos. Nestes casos, a escala utilizada foi a seguinte: 0 – Não reportado; 1 – Reportado, mas pouco claro; 2 – Reportado sem as características psicométricas; 3 – Reportado incluindo as características psicométricas dos instrumentos; enquanto que nos estudos de revisão/discussão teórica (cf. Tabela 2) utilizou-se a seguinte escala: 0 – Não efetuado/não reportado; 1 – Efetuado, mas pouco claro/incompleto; 2 – Efetuado de forma adequada/Reportado adequadamente.

É de referir ainda que a avaliação de qualidade dos artigos foi efetuada por duas investigadoras de forma independente, a fim de assegurar a cientificidade dos estudos incluídos na análise, bem como o acordo inter-avaliadores (através do cálculo do coeficiente Kappa de Cohen).

Tabela 1

Avaliação de Qualidade (Estudos Empíricos)

	Recolha dados	Objetivo	<i>Abstract</i>	Critérios inclusão/exclusão	Participantes	Instrumentos	Discussão (Corroboração hipóteses)	Limitações/ Sugestões	Total (Qualidade da Investigação)
Allen et al. (2005)	2	2	2	1	2	2	2	1	14 Muito bom
Cross, Tee, & Campbell (2011)	1	2	1	1	1	1	1	1/2*	9/10* Suficiente
Doumas et al. (2008)	2	2	1	1	2	3	2	2	15 Muito bom
Gass et al. (2011)	2	2	2	1	2	1	2	2	14 Muito bom
Henning, Jones, & Holdford (2003)	2	2	1	1	2	2	2	0	12 Suficiente
Herrera, Wiersma, & Cleveland (2010)	2	2	1	2	2	1/2*	2	1	13/14* Bom
Hughes et al. (2007)	2	2	2	1	2	3	2	2	16 Muito bom
Madey & Jilek (2012)	2	1	1	1	1	2	1	1	10 Suficiente

Vinculação em Homens Vítimas de Violência na Intimidade: Uma Revisão Sistemática de Literatura

Pearce & Halford										13/14*
(2008)	2	2	2	1	1	2	2	1/2*		Bom
Pretorius & Botha										10
(2009)	2	1	2	1	1	1	1	1		Suficiente

Nota. 0 – Não reportado; 1 – Reportado, mas pouco claro; 2 – Reportado adequadamente/Reportado sem as características psicométricas dos instrumentos; 3 – Reportado incluindo as características psicométricas dos instrumentos.

* A cotação dos itens diferiu entre as duas investigadoras nestes pontos.

Tabela 2

Avaliação de Qualidade (Estudos de Revisão/Discussão Teórica)

	Recolha dados	Objetivo	<i>Abstract</i>	Critérios inclusão/exclusão	Discussão/ Conclusão	Limitações/ Sugestões	Total (Qualidade da Investigação)
Carney, Buttell, & Dutton (2007)	0	1	1	0	1	0	3 Insuficiente
Dutton & Nicholls (2005)	2	0	1	1	1	0	5 Suficiente
Dutton & White (2012)	2	1	1	1	0	0	5 Suficiente
Mikulincer & Shaver (2005)	2	1	1	2	1/2*	1	8/9* Suficiente
Nowinski & Bowen (2012)	2	1	1	2	1	1	8 Suficiente

Nota. 0 – Não efetuado/não reportado; 1 – Efetuado, mas pouco claro/incompleto; 2 – Efetuado de forma adequada/Reportado adequadamente.

* A cotação dos itens diferiu entre as duas investigadoras nestes pontos.

Nas tabelas 1 e 2 apresentam-se então os artigos analisados com base em determinados critérios, tendo sido a escala de cotação adaptada de Higgins e Green (2011). Uma pontuação elevada representa um estudo de qualidade, enquanto que uma pontuação mais baixa pode representar uma potencial ameaça à validade do estudo. Quando é atribuída a cotação de 0 em algum dos pontos, significa que aquele critério não foi preenchido, sugerindo assim a existência de uma falha significativa nesse ponto; a cotação de 1 é atribuída quando a informação apresentada é insuficiente e/ou está pouco explícita. Nos estudos empíricos, a cotação de 2 remete para a ausência das características psicométricas dos instrumentos utilizados; ao passo que nos estudos de revisão teórica esta pontuação remete para a existência de informação adequada e completa num determinado ponto. A cotação de 3 (que apenas é possível nos estudos empíricos), remete para uma descrição clara e completa dos instrumentos, com referência às características psicométricas.

Na recolha dos dados foi avaliada a adequabilidade (i.e. se os métodos utilizados foram ou não os mais adequados para recolher os dados nos estudos em análise), bem com os procedimentos utilizados, e se estes foram igualmente adequados na posterior análise e tratamento dos dados, determinando se ocorreram eventuais erros que possam ter afetado os dados obtidos. Foi também avaliado se os procedimentos utilizados foram escrupulosamente definidos e explicados (e.g. local de recolha, recrutamento dos participantes). Todos os estudos definiram claramente a forma como recolheram os dados, bem como os métodos utilizados na posterior análise dos mesmos. No entanto, no estudo de Cross, Tee e Campbell (2011), esta informação não está totalmente clarificada, uma vez que apenas foi feita uma breve descrição à forma como os dados foram recolhidos. É de referir ainda que no estudo de Carney, Buttell e Dutton (2007) não é feita qualquer referência ao modo como os dados foram recolhidos e analisados, pelo que foi atribuída a cotação de 0.

Relativamente aos objetivos de investigação, torna-se importante a definição da questão de investigação e do problema, com base na evidência de estudos anteriores, sejam estudos empíricos ou revisões sistemáticas já efetuadas, assim como nos casos em que são apresentadas hipóteses, deve atender-se se estão teoricamente sustentadas. Além disso, deve ter-se em consideração se a questão de investigação está ou não corretamente formulada, i.e. se é clara e sucinta, e retrata exatamente o que se pretende estudar. Dos estudos analisados, apenas dois não definem claramente o objetivo do estudo (Madey & Jilek, 2012; Pretorius & Botha, 2009), fazendo-o apenas de forma sucinta, não desenvolvendo estes aspetos. Os restantes estudos empíricos analisados definem claramente o objetivo do estudo, formulando corretamente as hipóteses e questões de investigação. É de referir ainda que no estudo realizado por Dutton e Nicholls (2005), não é feita qualquer referência nem à questão de investigação, nem aos objetivos do estudo.

No *abstract*, aquilo que se teve em consideração foi se estavam ou não presentes todos os pontos essenciais que devem constar no resumo, nomeadamente objetivo(s), em que deve ser feita referência às variáveis em estudo; metodologia, i.e. a forma como foi conduzido o estudo, incluindo dados acerca dos participantes, instrumentos, procedimentos; resultados (apenas os mais importantes, interligando-os com os objetivos numa sequência lógica); uma breve conclusão e possíveis implicações; e palavras-chave, que devem estar relacionadas com o tema e metodologia utilizada. O resumo é um dos pontos mais importantes de um artigo, uma vez que é uma das primeiras secções a ser alvo de análise por parte dos autores, podendo determinar a leitura, ou não, do texto na íntegra (Andrade, 2011). Assim, da análise efetuada verifica-se que em todos os estudos o *abstract* estava presente, no entanto apenas seis dos estudos preenchiam todos os critérios supramencionados (Allen et al., 2005; Doumas et al., 2008; Gass et al., 2011; Hughes et al., 2007; Pearce & Halford, 2008; Pretorius & Botha, 2009), enquanto

que os restantes, poderiam até focar alguns destes pontos (e.g. Allen et al., 2015), no entanto, faziam-no de forma muito superficial.

Nos critérios de inclusão/exclusão, aquilo que se pretendia avaliar era se estavam definidos determinados critérios que determinavam a inclusão (ou não) de determinados indivíduos e/ou estudos, atendendo-se nomeadamente ao período temporal (e.g. intervalo de publicação de artigos), tipo de documento, linguagem, metodologia (quantitativa, qualitativa ou mista), participantes (e.g. sexo, idade, outras características – presença de algum tipo de patologia específica), variáveis em estudo e explicação para possíveis re-inclusões de determinados estudos e/ou indivíduos. Nos estudos analisados, verifica-se que apenas três (Herrera, Wiersma, & Cleveland, 2007; Mikulincer & Shaver, 2005; Nowinski & Bowen, 2012) preenchiem estes critérios na totalidade, em que definiram claramente os critérios de inclusão e exclusão, apresentando as razões para a exclusão de determinados estudos e/ou indivíduos. Dos restantes, apenas um dos estudos analisados não fez qualquer referência aos critérios de inclusão ou exclusão (Carney, Buttell, & Dutton, 2007), e outros fizeram-no de forma muito incompleta (e.g. Henning, Jones, & Holdford, 2003), não fundamentando o porquê de terem incluindo ou excluído determinados participantes.

Quanto aos participantes, o critério utilizado foi se existia ou não, uma descrição completa dos mesmos (caraterísticas sociodemográficas – sexo, idade, orientação sexual, estado civil, habilitações literárias, etnia, estilo de vinculação, entre outras). É de realçar que nos artigos de revisão/discussão teórica este critério não se aplicou. Assim, é possível identificar seis estudos (Allen et al., 2015; Dumas et al., 2008; Gass et al., 2011; Henning, Jones, & Holdford, 2003; Herrera, Wiersma, & Cleveland, 2007; Hughes et al., 2007), que focam determinadas variáveis sociodemográficas relevantes em função do objetivo do estudo (e.g. a literatura indica que a violência precoce pode constituir-se como um fator de risco para a violência nas relações de

intimidade e influenciar o estilo de vinculação desenvolvido por estes indivíduos, pelo que é importante avaliar esta questão).

Nos instrumentos, houve a necessidade de adequar a escala de cotação, em função de determinados aspetos, nomeadamente: Capacidade discriminativa, validade interna e características psicométricas, sendo que apenas neste ponto a escala varia entre 0 (não reportado) e 3 (reportado adequadamente). À semelhança dos participantes, nos artigos de revisão/discussão teórica este critério também não se aplicou. Todos os estudos empíricos fazem referência aos instrumentos utilizados, no entanto apenas dois dos estudos fazem uma descrição completa dos mesmos, incluindo as características psicométricas (Doumas et al., 2008; Hughes et al., 2007). É possível identificar ainda um estudo (Madey & Jilek, 2012) que apesar de fazer referência às características psicométricas do instrumento utilizado, apenas apresenta uma descrição breve do mesmo, pelo que não foi atribuída cotação máxima neste ponto. É de referir também que nos estudos de Cross, Tee e Campbell (2011), e Gass e colaboradores (2008), apenas são mencionados quais os instrumentos utilizados, não sendo feita qualquer descrição dos mesmos. No estudo de Pretorius e Botha (2009), os autores utilizaram a entrevista na recolha dos dados, referindo apenas de forma breve quais os tópicos que seriam abordados, não apresentando o guião utilizado.

Na discussão/conclusão, pretendeu-se avaliar essencialmente se existe interligação entre os resultados obtidos e o problema/objetivo/hipóteses, recorrendo sempre à revisão de literatura anteriormente apresentada, e nos casos em que se considere relevante, verificar se é feita referência a possíveis implicações práticas. À exceção do estudo de Dutton e White (2012) que não faz qualquer referência à discussão, todos os outros fazem a ligação dos resultados obtidos com a literatura. Dos estudos analisados, oito destes (Allen et al., 2015; Doumas et al., 2008; Gass et al., 2011; Henning, Jones, & Holdford, 2003; Herrera, Wiersma, & Cleveland, 2007; Hughes et al., 2007; Mikulincer & Shaver, 2005; Pearce & Halford, 2008) apresentam

Vinculação em Homens Vítimas de Violência na Intimidade: Uma Revisão Sistemática de Literatura

explicações para os resultados obtidos, tendo por base literatura científica, procurando do mesmo modo comparar os resultados com os objetivos e hipóteses anteriormente definidos. Os restantes estudos apenas o fazem sucintamente, não explorando os resultados de forma adequada.

Nas limitações e sugestões para estudos futuros, foi avaliado essencialmente, se os autores conseguiram identificar e reconhecer quais as lacunas nos seus estudos (e risco de viés) e possíveis estratégias que poderiam utilizar para as colmatar, bem como os aspetos positivos do estudo e sugestões para futuros investigadores (e.g. amostras representativas, utilização de outros instrumentos). Nos estudos analisados, é possível verificar que em quatro destes (Carney, Buttell, & Dutton, 2007; Dutton & Nicholls, 2005; Dutton & White, 2012; Henning, Jones, & Holdford, 2003), não é feita qualquer referência a esta questão. Destacam-se apenas três estudos (Cross, Tee, & Campbell, 2011; Gass et al., 2011; Hughes et al., 2007) que preenchem os critérios para a cotação máxima neste ponto, em que são identificadas não apenas as principais limitações, como também são sugeridas possíveis estratégias para as ultrapassar, explicitando quais as diretrizes a adotar em estudos futuros.

Posteriormente, procedeu-se ao somatório de todos os critérios, a fim de obter a pontuação total para cada um dos estudos. Nos estudos empíricos a pontuação total máxima que se poderia obter era de 17 (uma vez que no critério dos instrumentos, o valor máximo que se poderia obter era de 3, ao passo que nos restantes critérios esse valor era de 2). Nos estudos de revisão/discussão teórica, a pontuação total máxima que poderia ser obtida era apenas de 12, dado que não se aplicam os critérios dos participantes e instrumentos. Assim, nos estudos empíricos definiu-se o valor médio de 9 ($\cong 8,5$), e nos estudos de revisão/discussão teórica o valor médio assumido foi de 6.

Neste sentido, é possível constatar que todos estudos empíricos revelam ser de qualidade, uma vez que se encontram acima do valor médio, destacando-se o estudo de Hughes e

Vinculação em Homens Vítimas de Violência na Intimidade: Uma Revisão Sistemática de Literatura

colaboradores (2007), que obteve a pontuação máxima em todos os critérios, à exceção de um. No entanto, é possível verificar que a pontuação obtida em quatro dos estudos (Cross, Tee, & Campbell, 2011; Henning, Jones, & Holdford, 2003; Madey & Jilek, 2012; Pretorius & Botha, 2003) ficou muito próxima do valor médio, pelo que se tratam de estudos de qualidade suficiente.

Nos estudos de revisão/discussão teórica, existem apenas dois (Mikulincer & Shaver, 2005; Nowinski & Bowen, 2012) que estão acima do valor médio, sendo que o estudo desenvolvido por Carney, Buttell e Dutton (2007) obteve uma pontuação muito baixa, o que se poderá constituir como uma possível ameaça à validade do mesmo. No entanto, apesar de não se considerar como um artigo de qualidade em termos estruturais, o estudo apresenta resultados bastante pertinentes, pelo que foi incluído na análise.

Posteriormente, a fim de verificar o acordo inter-avaliadores, procedeu-se então, ao cálculo do coeficiente Kappa de Cohen, através do software de análise estatística *Statistical Package for the Social Sciences* (SPSS). A fim de verificar se o valor obtido representa ou não uma boa taxa de concordância, teve-se em consideração a seguinte escala adaptada de Landis e Koch (1977): ≤ 0 (sem concordância), 0.01 – 0.20 (reduzida a nenhuma concordância), 0.21 – 0.40 (concordância reduzida), 0.41 – 0.60 (concordância moderada), 0.61 – 0.80 (concordância moderada a elevada), 0.81 – 1.00 (concordância elevada), pelo que valores entre 0.61 e 0.80 representam uma boa taxa de concordância, sendo expectável que o Kappa de Cohen se encontre entre estes valores. Após o cálculo deste coeficiente, verificou-se que o valor obtido foi de .70 ($p=.00$), o que representa um grau de concordância moderado/elevado entre as avaliadoras, assim como um nível moderado de confiabilidade.

3. Resultados

Apresentam-se os resultados da análise descritiva dos 15 artigos selecionados, para a qual se procedeu à extração dos dados mais relevantes, tendo em consideração o tipo de publicação: Estudo empírico (n=10) ou revisão da literatura/discussão teórica sobre o tema (n=5).

No que concerne aos estudos empíricos, foram selecionados dados relativos aos autores, ano de publicação, país onde o estudo foi realizado, *design* do estudo, amostra/participantes, instrumentos de avaliação, principais resultados e conclusões. Relativamente às revisões teóricas (Carney, Buttell, & Dutton, 2007; Dutton & Nicholls, 2005; Dutton & White, 2012; Mikulincer & Shaver, 2005; Nowinski & Bowen, 2012), foram recolhidos dados referentes aos autores, ano de publicação e principais conclusões (cf. Tabelas 3 e 4).

3.1. Estudos empíricos.

Dos 10 artigos de investigação empírica selecionados sobre a relação entre os estilos de vinculação e homens vítimas de violência nas relações de intimidade, seis dos estudos foram desenvolvidos nos Estados Unidos da América (Allen, Swan, Maas, & Barber, 2015; Dumas, Pearson, Elgin, & Mckinley, 2008; Herrera, Wiersma, & Cleveland, 2010; Henning, Jones, & Holdford, 2003; Hughes, Stuart, Gordon, & Moore, 2007; Madey & Jilek, 2012), dois na África do Sul (Gass, Stein, Williams, & Seedat, 2011; Pretorius & Botha, 2009), um no Reino Unido (Cross, Tee, & Campbell, 2011), e um na Austrália (Pearce & Halford, 2008).

Todos os estudos são de natureza quantitativa, à exceção de um estudo de natureza qualitativa (Pretorius & Botha, 2009).

Tabela 3

Sumário dos Estudos Empíricos

Autores/País	Objetivos	Participantes	Metodologia	Resultados	Conclusões
Allen et al. (2015) EUA	Avaliar e comparar os fatores estruturais que estão na base da escala de propensão para o abuso para homens e mulheres que estão em programas de tratamento de violência doméstica.	885 participantes: 647 mulheres com idades compreendidas entre os 18 e 64 anos ($M= 31$; $DP= 16.70$); 238 homens com idades compreendidas entre os 18 e 64 anos ($M= 33$; $DP= 16.70$); Os participantes tinham que ter sido presos pelo crime de violência doméstica, e tinham que ter sido encaminhados pelo tribunal para um programa de tratamento de violência doméstica.	<i>Propensity for Abusiveness Scale</i> (PAS; Dutton, 1995), para avaliar os comportamentos abusivos, bem como os fatores de risco para o abuso (labilidade afetiva, expressão da raiva, sintomas de trauma e parentalidade severa).	Embora os comportamentos associados à violência nas relações de intimidade serem diferentes para homens e mulheres, os fatores subjacentes a esses comportamentos medidos pelo PAS são preditores igualmente importantes de violência para homens e mulheres; Os fatores estruturais que estão na base do PAS não diferem entre os géneros.	Apesar de ser menos provável que a violência perpetrada por mulheres resulte em danos graves ou na morte do parceiro, esta deve ser tida em consideração; O PAS demonstra invariância métrica e escalar para homens e mulheres; Estes resultados demonstram então que esta escala pode ser utilizada para fazer comparações entre os géneros, com base nas pontuações obtidas.
Cross, Tee, & Campbell (2011) Reino Unido	Avaliar as assimetrias de género na violência em relações de intimidade, em função do nível de intimidade e do género.	174 estudantes universitários (59 homens e 115 mulheres), com uma média de idades de 20.3 anos ($DP= 2.7$);	Questionário online: Avaliação dos comportamentos de raiva (16 questões) e agressivos (nos últimos 2 anos); No início do questionário foram colocadas algumas questões acerca da caracterização	Os resultados demonstram que os homens apresentam níveis mais baixos de agressividade, pelo facto de a parceira ser do sexo feminino; Em contrapartida, as mulheres tendem a apresentar níveis mais elevados de agressividade, sendo	Os homens tendem a inibir a sua agressividade em relação às suas parceiras, não porque são suas parceiras, mas sim porque são mulheres, enquanto que as mulheres tendem a apresentar níveis mais elevados de

Vinculação em Homens Vítimas de Violência na Intimidade: Uma Revisão Sistemática de Literatura

		Os participantes teriam que ser heterossexuais.	sociodemográfica (idade, sexo, e orientação sexual).	este um efeito da intimidade que têm com o parceiro; A agressão por parte das mulheres não pode ser explicada apenas pela autodefesa.	agressividade contra os seus parceiros, não apenas porque são seus parceiros, mas também porque são homens.
Doumas et al. (2008) EUA	Avaliar a relação entre o estilo de vinculação e a violência nas relações de intimidade.	70 casais heterossexuais: Mulheres com idades compreendidas entre os 17 e 67 anos ($M= 27.03$; $DP= 10.52$); Homens com idades compreendidas entre os 16 e 69 anos ($M= 28.46$; $DP= 10.36$); Os participantes tinham que se encontrar numa relação há mais de 6 meses.	<i>Relationship Questionnaire</i> (RQ; Bartholomew & Horowitz, 1991), para avaliar a vinculação (ansiosa e evitante); <i>Conflict Tactics Scale</i> (CTS; Straus, 1979), para avaliar os níveis de violência física.	Um estilo de vinculação ansioso está relacionado com a violência nas relações íntimas, tanto para homens como para mulheres; Homens com vinculação evitante e mulheres com vinculação ansiosa: Violência no casal; Homens com um estilo de vinculação evitante respondem com violência contra as suas parceiras com um estilo de vinculação ansioso, e estas respondem com violência como um comportamento de autoproteção; O tempo (duração da relação) está significativamente correlacionado com a violência.	A violência nas relações de intimidade tem um forte impacto no desenvolvimento da vinculação ansiosa nas mulheres e da vinculação evitante nos homens; A violência é utilizada para regular a distância socio emocional entre o casal; Estes resultados demonstram as implicações no tratamento da violência no contexto das relações íntimas e a importância do tratamento da violência neste contexto, nomeadamente ao nível da terapia de casal.
	Analisar as diferenças de género tanto para a	1715 participantes vítimas de violência na intimidade, casados ou que coabitam (1074 mulheres e 641	Caraterização sociodemográfica; Questões que avaliam fatores de risco precoces (e.g. exposição a	Taxas de violência elevadas para homens e mulheres, sendo que as mulheres tendem a reportar maiores	A violência nas relações de intimidade é um problema significativo de saúde pública,

Vinculação em Homens Vítimas de Violência na Intimidade: Uma Revisão Sistemática de Literatura

Gass et al. (2011) África do Sul	perpetração como para a vitimização nas relações de intimidade, tendo em consideração fatores de risco da infância e da idade adulta.	homens), com uma média de idades de 42 anos (<i>DP</i> = 13); Os participantes faziam parte de uma amostra psiquiátrica epidemiológica e representativa de adultos sul-africanos.	violência na família de origem) e atuais (e.g. perturbações mentais e/ou de personalidade); <i>Conflict Tactics Scale</i> (CTS; Straus, 2004; Straus, Hamby, Boney-McKoy, & Sugarman, 1996), para avaliar a existência de violência.	níveis de vitimação (29.3% vs. 20.9%); Taxas de perpetração similares para homens e mulheres (26.5% e 25.2% respetivamente); Homens reportam mais fatores preditivos para a perpetração de violência, e as mulheres para a vitimação; Fatores de risco comuns para homens e mulheres: Exposição à violência na família de origem, uso/abuso de álcool e drogas; Nas mulheres destacam-se ainda outros fatores de risco, tais como um baixo nível de escolaridade; Homens vítimas tendem a ser mais novos, com menor estatuto socioeconómico, vítima e/ou testemunha de violência na infância.	fortemente associado ao ciclo intergeracional da violência e exposição a determinados eventos de vida; Estes resultados vêm demonstrar as diferenças de género existentes ao nível da violência nas relações de intimidade, bem como fatores de risco comuns para a sua perpetração; Os homens tendem a reportar menos situações de vitimação, devido à vergonha e ao medo; As políticas e programas de prevenção e intervenção devem focar-se nos fatores supramencionados, a fim de minimizar os níveis de violência e as consequências associadas a este problema, bem como reduzir o impacto deste tipo de violência em gerações futuras.
Henning, Jones, & Holdford (2003) EUA	Avaliar as necessidades de tratamento para mulheres perpetradoras de violência nas relações íntimas, em	3200 perpetradores de violência nas relações íntimas (2254 homens e 281 mulheres);	Caraterização sociodemográfica (idade, etnia, nível educacional, emprego atual, relação com a vítima);	A maioria das mulheres perpetradoras de violência nas relações de intimidade foram	A exposição à violência na família de origem leva ao desenvolvimento de estilos de vinculação ansiosos, bem como a

Vinculação em Homens Vítimas de Violência na Intimidade: Uma Revisão Sistemática de Literatura

<p>comparação com homens perpetradores.</p>	<p>Média de idades (homens): 32.6 (DP= 9.4); Média de idades (mulheres): 31.3 (DP= 8.7); Os participantes teriam que ter sido presos, condenados, e posteriormente colocados em liberdade condicional pelo crime de violência contra o parceiro íntimo.</p>	<p><i>Conflict Tactics Scale</i> (CTS; Straus, 1990), para avaliar a existência de violência física; Questões que avaliam o historial de saúde mental (8 itens que avaliam caraterísticas da perturbação de conduta do DSM); <i>Locke-Wallace Marital Adjustment Test</i> (Locke & Wallace, 1987), para avaliar o nível de satisfação com a relação; <i>Substance Abuse Subtle Screening Inventory-III</i> (SASSI-III; Miller, 1999), para avaliar a possível existência de problemas relacionados com o abuso de substâncias; <i>ShIPLEY Institute for Living Scale</i> (SILS; Zachary, 1986), para avaliar o funcionamento intelectual; <i>Millon Clinical Multi-axial Inventory-III</i> (MCMI-III; Millon, 1994), para avaliar o funcionamento psicológico.</p>	<p>vítimas de violência na família de origem; Taxas elevadas de divórcio e abuso de substâncias por parte dos pais constituem-se como um fator de risco para a violência neste contexto; Estas experiências de vitimação precoce contribuem para problemas de ajustamento na idade adulta; Estas mulheres tendem a apresentar caraterísticas de personalidade delirante, histriónica e <i>borderline</i>, depressão major, perturbação bipolar, perturbação somatoforme e do pensamento, que poderão influenciar de forma negativa as suas relações de intimidade.</p>	<p>uma elevada hipersensibilidade face ao abandono nas relações íntimas; A intervenção com estas mulheres deve ter em consideração os fatores de risco familiares (e.g. abuso físico e violência interpaparental), devendo existir alguma sensibilidade na abordagem do fenómeno; As caraterísticas da relação (reduzida satisfação e investimento) são alguns dos tópicos que também devem ser abordados; Deve ter-se ainda em consideração problemas de saúde mental, uma vez que as mulheres tendem a apresentar índices mais elevados de ideação suicida.</p>
---	---	--	---	--

<p>Herrera, Wiersma, & Cleveland (2010) EUA</p>	<p>Avaliar a criminalidade feminina e masculina em jovens adultos com modelos que têm em consideração as associações tanto da delinquência passada como da criminalidade dos seus parceiros atuais.</p>	<p>1267 parceiros românticos do sexo oposto (697 mulheres e 570 homens), com idades compreendidas entre os 18 e 27 anos ($M= 22.03$; $DP= 1.70$), e os parceiros com idades compreendidas entre os 18 e 43 anos ($M= 23.26$; $DP= 3.74$).</p>	<p>Caraterização sociodemográfica; Conjunto de questões que avaliam: Qualidade da relação (5 questões), impulsividade (4 questões), delinquência juvenil (11 questões), violência na adolescência (7 questões), criminalidade (8 questões) e violência em jovens adultos (7 questões).</p>	<p>Os resultados das interações por sexo sugerem diferentes padrões para homens e mulheres: História de delinquência juvenil prediz a criminalidade adulta para homens, mas não para mulheres; Estar numa relação com um parceiro criminoso aumenta a probabilidade de vir a desenvolver igualmente este tipo de comportamentos, tanto para homens como para mulheres.</p>	<p>As relações amorosas podem funcionar como um fator de proteção mais para homens do que para mulheres; A duração da relação está associada a baixos níveis de criminalidade para homens e mulheres, enquanto que a qualidade da relação está mais associada a baixos níveis de criminalidade e violência apenas para os homens; Este estudo vem então demonstrar a importância de avaliar o papel que as relações de jovens adultos têm na criminalidade e comportamento violento.</p>
<p>Hughes et al. (2007) EUA</p>	<p>Explorar os fatores de risco que estão na base da utilização da violência física por parte das mulheres nas relações de intimidade.</p>	<p>80 mulheres com uma média de idades de 31.5 anos ($DP= 9.3$), que foram presas por violência doméstica, e que estejam a frequentar programas de intervenção de violência (ordenados pelo tribunal).</p>	<p>Caraterização sociodemográfica (idade, educação, etnia, rendimento, duração da relação, número de filhos, número de sessões em que participaram); <i>Revised Conflict Tactics Scale</i> (CTS 2; Straus, Hamby, Boney-McCoy, & Sugarman, 1996),</p>	<p>A violência perpetrada por mulheres em relações íntimas está relacionada com a existência de violência na família de origem, características de perturbação da personalidade <i>borderline</i> e utilização de violência por parte do parceiro;</p>	<p>Os resultados demonstram que as mulheres que reportam níveis mais altos de violência contra os seus parceiros, experienciaram igualmente níveis elevados de violência na infância, apresentado assim mais dificuldades emocionais e comportamentais;</p>

<p>utilizado para avaliar a existência e frequência da violência; Subescala do <i>Psychiatric Diagnostic Screening Questionnaire</i> (PDSQ; Zimmerman, 2002; Zimmerman & Mattia, 2001), para avaliar a existência de sintomas de pós-stress traumático; Subescala <i>Borderline Personality Disorder</i> (BPD) do <i>Psychiatric Diagnostic Screening Questionnaire</i> (PDQ-4; Hyler et al., 1988), para avaliar a existência de características de perturbação de personalidade <i>borderline</i>; <i>Parent–Child Conflict Tactics Scale</i> (Straus, Hamby, Finkelhor, & Runyan, 1995) e <i>Family of Origin Violence Questionnaire</i> (Holtzworth Munroe, Meehan, Herron, Rehman, & Stuart, 2000), para avaliar a existência e exposição à violência na família de origem.</p>	<p>A violência por parte do parceiro e a existência de sintomas de pós-stress traumático apresentam uma associação negativa com a violência física; Características de personalidade <i>borderline</i> estão positivamente associadas à utilização de violência física; Experiências traumáticas na infância levam ao desenvolvimento de sintomatologia traumática na idade adulta e desregulação emocional e comportamental, constituindo-se como um fator de risco para a utilização de violência na intimidade.</p>	<p>Por outro lado, o desenvolvimento de sintomas de PTSD leva ao afastamento de dinâmicas violentas, a fim de evitar a reexperiência traumática que pode ser desencadeada pela utilização de violência; Estudos futuros devem focar-se nas diferenças de género ao nível dos fatores que predizem a violência nas relações de intimidade (e.g. sintomas de pós-stress traumático podem predizer a violência neste contexto por diferentes motivos para homens e mulheres).</p>
--	--	--

<p>Madey & Jilek (2012) EUA</p>	<p>Avaliar a relação entre os estilos de vinculação e o término de relações românticas em estudantes universitários, bem como os sentimentos associados a essa separação.</p>	<p>78 estudantes universitários (41 homens e 37 mulheres), com uma média de idades de 18.9 anos ($DP=1.08$); Os participantes teriam que ter experienciado uma separação nos últimos 6 meses.</p>	<p><i>Relationship Scales Questionnaire</i> (RSQ; Bartholomew & Horowitz, 1991), para avaliar o estilo de vinculação; Conjunto de questões que avaliam: Satisfação com a relação (1 item), angústia associada à separação (4 itens), se a separação foi amigável (2 itens), e sentimentos em relação ao parceiro após a separação (5 itens).</p>	<p>O estilo de vinculação seguro está associado a uma menor preocupação ao encarar o ex-parceiro, menos sentimentos de culpa, menor probabilidade de voltar para o relacionamento, e maior disponibilidade para iniciar uma nova relação; Por outro lado, um estilo de vinculação inseguro está associado a uma maior angústia/desconforto com a separação, preocupação e vergonha ao encarar o ex-parceiro, mais sentimentos de culpa, menor disponibilidade para iniciar nova relação amorosa; As mulheres são menos propensas que os homens a voltar para a relação.</p>	<p>O estilo de vinculação desempenha um papel crucial após o término de uma relação de intimidade; Uma vinculação segura está associada a sentimentos de confiança, conforto e proximidade, ao passo que uma vinculação insegura está associada essencialmente a sentimentos de desconforto e preocupação; É importante ter em consideração o estilo de vinculação não apenas durante a relação, como também após o seu término.</p>
<p>Pearce & Halford (2008) Austrália</p>	<p>Avaliar se as atribuições negativas face ao comportamento do parceiro medeiam a associação entre a vinculação insegura e uma</p>	<p>59 casais heterossexuais (33 são casados e 26 apenas coabitam); Média de idades (homens): 41.4 ($DP= 10.9$); Média de idades (mulheres): 38.1 ($DP= 10.8$);</p>	<p><i>Dyadic Adjustment Scale</i> (DAS; Spanier, 1976), para avaliar o grau de satisfação com a relação; <i>Experiences in Close Relationships</i> (ECR; Brennan et</p>	<p>A vinculação insegura (para as mulheres) é um preditor consistente da comunicação auto relatada entre o casal, e atribuições negativas medeiam a relação entre a</p>	<p>Os resultados sugerem que uma vinculação insegura aumenta a probabilidade de gerar atribuições negativas, que em alguns casos, influenciam mesmo o estilo de comunicação de cada parceiro.</p>

Vinculação em Homens Vítimas de Violência na Intimidade: Uma Revisão Sistemática de Literatura

	comunicação negativa entre o casal.	Os participantes teriam que estar numa relação há pelo menos 6 meses, e despender um mínimo de 4 noites por semana juntos.	al., 1998), para avaliar a vinculação; <i>Communication Patterns Questionnaire</i> (CPQ; Sullaway & Christensen, 1983), para avaliar o nível de comunicação entre o casal; <i>RAM</i> (Fincham & Bradbury, 1992), para avaliar as atribuições auto relatadas para comportamentos hipotéticos do parceiro.	vinculação e a comunicação auto relatada do casal.	
Pretorius & Botha (2009) África do Sul	Analisar o perfil biográfico de mulheres que matam os seus parceiros; Comparar mulheres que recorrem a terceiros para cometer os homicídios, com aquelas que não o fazem.	60 mulheres presas por homicídio dos parceiros, com idades compreendidas entre os 21 e >50 anos.	Questionário biográfico que inclui questões relacionadas com a idade, profissão, fatores que contribuíram para o homicídio, características da família de origem – experiências prévias de abuso, uso/abuso de álcool e/ou drogas, história relacional, entre outros.	As mulheres que matam os seus parceiros tendem a ser casadas e têm entre 36 e 45 anos. Após anos de abuso, isolam-se, começando a sentir-se cada vez mais sozinhas e impotentes face à situação de violência em que vivem; Consumo de substâncias como estratégia de <i>coping</i> a fim de lidar com a situação de abuso; Sintomas de depressão e tentativas de suicídio; O facto de recorrerem a uma terceira pessoa para cometer o	A violência nas relações de intimidade é uma experiência diária para muitas mulheres, sendo que quando estas matam os seus parceiros abusivos, o ciclo de violência termina, e a vítima torna-se o agressor; Estas vítimas muitas vezes acabam por cometer estes homicídios em legítima defesa, e quando estão na prisão não tem qualquer tipo de apoio ou intervenção;

homicídio prende-se com o nível educacional e recursos disponíveis; Podem utilizar uma faca ou arma de fogo (normalmente utilizam a faca por esta mais acessível, e poderão alegar que cometeram o homicídio em legítima defesa).	Torna-se importante o desenvolvimento de programas de reabilitação nas prisões, através da identificação precoce de mulheres que matam os seus parceiros em legítima defesa.
---	--

3.1.1. Design.

Quanto ao *design*, a maioria dos estudos são transversais, à exceção de um estudo que adotou um *design* prospetivo e longitudinal (Herrera, Wiersma, & Cleveland, 2010), i.e. contemplou vários momentos de recolha.

Relativamente aos estudos transversais, seis são exploratórios (Allen et al., 2015; Dumas et al., 2008; Henning, Jones, & Holdford, 2003; Hughes et al., 2007; Madey & Jilek, 2012; Pearce & Halford, 2008) uma vez que visam proporcionar uma maior familiaridade com a temática, de modo a torná-la mais explícita, tendo como principais objetivos avaliar a relação entre determinados estilos de vinculação e a violência nas relações íntimas, bem como identificar os fatores de risco que contribuem para este tipo de violência. No entanto, é de referir que nenhum dos estudos em análise, investigou especificamente, a relação existente entre a violência nas relações de intimidade contra homens e o estilo de vinculação apresentado por estas vítimas.

Destacam-se ainda dois estudos comparativos (Cross, Tee, & Campbell, 2011; Gass et al., 2011), que tinham como principal objetivo avaliar, separadamente, as assimetrias de género associadas à violência em relações de intimidade, tendo em consideração diferentes fatores de risco da infância e idade adulta. Relativamente ao estudo prospetivo e longitudinal (Herrera, Wiersma, & Cleveland, 2010), este procurava avaliar até que medida os índices de violência no passado, têm influência na criminalidade atual, tanto para homens como para mulheres, uma vez que a delinquência juvenil pode contribuir para a continuidade deste tipo de comportamentos na idade adulta.

Relativamente ao estudo qualitativo (Pretorius & Botha, 2009), este tinha como principal objetivo analisar o ciclo de violência em mulheres que matam os seus parceiros no contexto da intimidade ou que recorrem a terceiros para o fazer, e traçar o seu perfil biográfico, analisando os fatores que estiveram na origem dos homicídios (experiências traumáticas precoces, vítimas

Vinculação em Homens Vítimas de Violência na Intimidade: Uma Revisão Sistemática de Literatura de abuso continuado no contexto das relações íntimas, abuso de substâncias, relações extraconjugais, entre outros).

3.1.2. *Caraterísticas das amostras.*

No que se refere à constituição das amostras, ao nível do sexo, oito dos estudos utilizaram amostras mistas e dois apresentaram amostras constituídas exclusivamente por mulheres (Hughes et al., 2007; Pretorius & Botha, 2009), sendo que no momento da recolha dos dados, as participantes teriam que estar presas pelo crime de violência nas relações de intimidade contra os seus parceiros íntimos. Do mesmo modo, existem dois estudos (Allen et al., 2015; Henning, Jones, & Holdford, 2003) com critérios de inclusão similares, em que além de os indivíduos estarem presos, teriam que estar a frequentar programas de tratamento de violência doméstica. Nos restantes estudos (Doumas et al., 2008; Pearce & Halford, 2008) que pretendiam avaliar especificamente o estilo de vinculação neste contexto, o critério de inclusão era estar numa relação heterossexual há pelo menos 6 meses. Não obstante, existe ainda um estudo (Madey & Jilek, 2012), que tinha como objetivo avaliar em que medida o estilo de vinculação influencia o modo com os indivíduos lidam com o término de uma relação, pelo que o critério de inclusão utilizado foi o ter experienciado uma separação há pelo menos 6 meses.

Em termos de dimensão das amostras, os estudos variaram entre 78 (Madey & Jilek, 2012) e 3200 participantes (Henning, Jones, & Holdford, 2003), sendo que o número total de participantes nos estudos com amostras mistas é de 6912 participantes. O total de participantes do sexo feminino nestes estudos é 2980 (43.11%), enquanto que o total de participantes do sexo masculino é superior, sendo este de 3932 (56.89%).

Observou-se também uma elevada variabilidade em termos de faixas etárias abrangidas, havendo estudos que incluía, por exemplo, apenas jovens adultos, com uma média de idades

Vinculação em Homens Vítimas de Violência na Intimidade: Uma Revisão Sistemática de Literatura de 20.3 anos ($DP=2.3$) (Cross, Tee, & Campbell, 2011), e outros que abrangiam participantes com idades compreendidas entre os 18 e 64 anos (Allen et al., 2015). No que concerne ao estudo qualitativo (Pretorius & Botha, 2009), este englobou 60 participantes entre os 21 e mais de 50 anos.

No que se refere à inclusão de outras variáveis sociodemográficas, não se verificou nenhum estudo com grupos minoritários, sendo que todas amostras eram constituídas por homens ou mulheres vítimas e/ou perpetradores de violência nas relações de intimidade, provindo estes de contextos sociais diversificados, mas não minoritários. Destaca-se, no entanto, um estudo epidemiológico (Gass et al., 2011) que recorreu a uma amostra psiquiátrica representativa de adultos sul-africanos (*South Africa Stress and Health Study – SASH*).

3.1.3. Contexto de recrutamento e processo de amostragem.

Quanto ao contexto de recrutamento, dois estudos recolheram as amostras em contexto universitário (Cross, Tee, & Campbell, 2011; Madey & Jilek, 2012), um através de um programa de tratamento de violência nas relações de intimidade (Allen et al., 2015), um através de uma amostra de um estudo longitudinal nacional acerca das repercussões que podem existir ao nível da saúde na idade adulta (Herrera, Wiersma, Cleveland, 2010), um através de uma amostra representativa de um estudo sobre o *stress* e a saúde (Gass et al., 2011), um através de um centro de avaliação de violência doméstica (Henning, Jones, & Holdford, 2003), e dois em prisões (Hughes et al., 2007; Pretorius & Botha, 2009).

Apenas dois estudos estão referenciados como tendo adotado um processo de amostragem aleatório, nomeadamente através da colocação de anúncios em jornais locais (Doumas et al., 2008; Pearce & Halford, 2008), enquanto que os restantes utilizaram amostras de conveniência (e.g. população universitária, homens vítimas de violência nas relações íntimas, mulheres perpetradoras de violência na intimidade).

3.1.4. Instrumentos utilizados.

Todos os estudos recorrem a medidas de autorrelato, quer para aferir a existência de violência no contexto das relações íntimas, fatores de risco e sintomatologia associada, quer os estilos de vinculação presentes nas vítimas. No entanto, observou-se alguma variabilidade nos instrumentos utilizados, destacando-se no âmbito da vitimação nas relações íntimas: O *Conflict Tactics Scale* (CTS), presente em quatro estudos (Doumas et al., 2008; Gass et al., 2011; Henning, Jones, & Holdford, 2003; Hughes et al., 2007), que tinha como principal objetivo a avaliação da existência de violência física, e o *Propensity for Abusiveness Scale* (PAS), utilizado num único estudo (Allen et al., 2008), que pretendia avaliar os fatores de risco subjacentes ao abuso, tanto para homens como para mulheres. Especificamente, o PAS visa avaliar os fatores de risco que estão na base da violência neste contexto, incluindo a labilidade afetiva, expressão da raiva, sintomas traumáticos e parentalidade severa. A utilização deste tipo de instrumento é essencial neste contexto, uma vez que permite a avaliação das necessidades dos indivíduos, permitindo assim uma intervenção mais individualizada e direcionada. Além disso, tem vindo a mostrar validade concorrente com outros instrumentos que avaliam a violência nas relações de intimidade, pelo que é importante compreender se os fatores que lhe estão subjacentes são similares para homens e mulheres.

Relativamente à avaliação de fatores de risco específicos para o abuso, destaca-se a utilização de instrumentos que avaliam a existência de problemas relacionados com o abuso de substâncias (*Substance Abuse Subtle Screening Inventory–III* (SASSI-III) o funcionamento intelectual e psicológico (*Shipley Institute for Living Scale* (SILS) e *Millon Clinical Multiaxial Inventory–III* (MCMI-III), respetivamente, ou mesmo a existência de violência na família de origem (*Parent–Child Conflict Tactics Scale* e *Family of Origin Violence Questionnaire*), uma vez que estas variáveis estão identificadas na literatura como tendo uma forte associação com este tipo de comportamentos (Henning, Jones, & Holdford, 2003).

No que diz respeito à sintomatologia associada à violência nas relações de intimidade, os instrumentos utilizados procuram avaliar essencialmente, a presença de sintomatologia psicopatológica ou traumática, principalmente perturbação de pós stress-traumático – *Psychiatric Diagnostic Screening Questionnaire* (Hughes et al., 2007), uma vez que é uma das principais consequências que pode advir de situações de abuso continuado.

No que concerne à avaliação dos estilos de vinculação, destaca-se a utilização do *Relationship Questionnaire* (RQ), utilizado em dois estudos (Doumas et al., 2008; Madey & Jilek, 2012) e do *Experiences in Close Relationships* (ECR), utilizado num estudo (Pearce & Halford, 2008). O RQ permite a avaliação de quatro estilos de vinculação (seguro, preocupado, evitante/desligado e evitante/receoso), sendo frequentemente utilizado para avaliar a vinculação no contexto da violência nas relações íntimas. Por seu turno, no ECR a vinculação é concetualizada como um construto bidimensional (vinculação ansiosa ou evitante), demonstrando convergência com outro tipo de instrumentos que pretendem avaliar a vinculação. Associado à avaliação da vinculação, alguns estudos procuraram avaliar ainda o nível de satisfação com a relação (*Locke-Wallace Marital Adjustment Test, Dyadic Adjustment Scale*), uma vez que um baixo nível de satisfação pode ter um impacto a vários níveis, estando associado à perpetração de violência nas relações de intimidade (Henning, Jones, & Holdford, 2003).

No estudo qualitativo (Pretorius & Botha, 2009), o instrumento de recolha de dados privilegiado foi um questionário aplicado em contexto de entrevista, que permitia recolher não só informação acerca de características sociodemográficas, como também acerca dos fatores que contribuíram para o homicídio dos parceiros, sentença e duração temporal e características familiares relevantes (e.g. abuso de substâncias, tentativas de suicídio).

3.1.5. *Impacto da violência nas relações de intimidade.*

Alguns estudos, além de procurarem verificar qual a relação entre a violência nas relações íntimas e o estilo de vinculação, procuraram também determinar a relação entre o historial de experiências de vitimação e a sintomatologia psicopatológica, tendo-se concluído que a vitimação neste contexto se constitui como um forte e consistente preditor de desajustamento psicológico. Há estudos que encontraram uma relação entre a violência nas relações íntimas e a existência de psicopatologia, nomeadamente sintomas de pós-stress traumático (Hughes et al., 2007), sendo que este tipo de sintomatologia além de ser uma possível consequência da violência neste contexto, pode também ser entendida como uma variável que por um lado, inibe o desenvolvimento de comportamentos agressivos (i.e. se os indivíduos apresentam este tipo de sintomas, tendem a evitar e afastar-se de dinâmicas violentas, por forma a não revivenciar acontecimentos traumáticos), e por outro, fomenta o desenvolvimento deste tipo de comportamentos, caracterizando-se pela hiperexcitação, raiva e irritabilidade. O consumo de substâncias, além de ser um fator de risco para a violência (Gass et al., 2011; Henning, Jones, & Holdford, 2003), é também uma consequência deste tipo de vitimação, sendo que frequentemente estes indivíduos tendem a utilizar este tipo de estratégias de *coping* mal adaptativas, como forma de lidar com a situação de abuso (Pretorius & Botha, 2009). Associado a este tipo de vitimação, é possível identificar o desenvolvimento de sintomas de ansiedade e depressão, e tentativas de suicídio (Henning, Jones, & Holdford, 2003), frequentemente observado neste tipo de vítimas.

3.1.6. *Fatores de risco para a violência nas relações de intimidade.*

Um número expressivo de estudos (n=7) (Allen et al., 2015; Doumas et al., 2008; Gass et al., 2011; Henning, Jones, & Holdford, 2003; Herrera, Wiersma, & Cleveland, 2010; Hughes et al., 2007; Pretorius & Botha, 2009), procurou também determinar os principais fatores de

risco que estão base da violência nas relações de intimidade, tanto para a perpetração como para a vitimação. Todos estes estudos foram unânimes nos fatores de risco identificados, destacando-se: Estilos de vinculação inseguros, uma vez que estes indivíduos tendem a experienciar frequentemente sentimentos de preocupação/ansiedade face ao abandono e desconforto com a proximidade, assim como indivíduos com estilos de vinculação discrepantes (evitante vs. ansioso), dado que as diferenças na vinculação e alterações no sistema socioemocional podem funcionar como catalisadores da violência neste contexto (Doumas et al., 2008; Madey & Jilek, 2012), assim como um baixo nível de satisfação com a relação (Henning, Jones, & Holdford, 2003). As experiências adversas precoces, que podem incluir situações de abuso emocional, abuso físico, abuso sexual, negligência emocional e física, situações de divórcio, familiares com problemas com a justiça (e.g. prisão), ou mesmo violência interparental, podem levar a alterações no sistema de vinculação, contribuindo para que estes indivíduos venham a desenvolver comportamentos de violência interpessoal, nomeadamente no contexto das relações íntimas (Hughes et al., 2007). A delinquência juvenil é outro dos fatores de risco frequentemente associado a este tipo de violência, sendo que um envolvimento precoce desempenha um papel crucial na determinação da continuidade deste tipo de comportamentos no futuro. Associado a esta questão, surge o facto de estes indivíduos frequentemente se envolverem em relações com indivíduos com características antissociais, que acabam por reforçar e sustentar o desenvolvimento deste tipo de comportamentos, sendo as mulheres são mais propensas a envolver-se com parceiros que evidenciam estas características (Herrera, Wiersma, & Cleveland, 2010). A transmissão intergeracional da violência é outro dos fatores de risco identificados, em que se apresentam diferenças entre homens e mulheres, i.e. nos homens tende a estar mais associado à perpetração, enquanto que nas mulheres se configura como um fator de risco para a vitimação. O abuso de substâncias (associado quer ao próprio, quer aos progenitores), é outro dos fatores de risco proeminente para este tipo de violência,

tornando os indivíduos mais desinibidos e com maior dificuldade em controlar os impulsos (Gass et al., 2011; Henning, Jones, & Holford, 2003; Pretorius & Botha, 2009). É possível constatar ainda que, existem determinados tipos de personalidades (narcísicas, histriónicas ou *borderline*) que se associam frequentemente à perpetração de violência nas relações de intimidade, enquanto que personalidades dependentes surgem mais associadas à vitimação (Henning, Jones, & Holford, 2003; Hughes et al., 2007).

Além dos fatores supramencionados, é possível identificar outros que se associam frequentemente a este tipo de comportamentos, nomeadamente a labilidade emocional, associada à incapacidade de controlar as emoções; expressão da raiva, sendo que frequentemente estes indivíduos tendem a perder o controlo sobre os seus comportamentos; sintomas de trauma, como pesadelos, insónias, ataques de ansiedade, sentimentos de medo, tensão frequente, dificuldade em respirar; e tratamento parental negativo, associado a diferentes formas de abuso e falta de afetividade por parte dos cuidadores (Allen et al., 2015).

No estudo qualitativo (Pretorius & Botha, 2009), os principais fatores identificados foram a história criminal na família de origem, relacionamentos abusivos, elevados níveis de ciúme, baixo nível educacional e reduzido suporte social.

3.1.7. *Violência nas relações de intimidade e estilo de vinculação.*

A relação entre a violência nas relações de intimidade e o estilo de vinculação foi objeto de investigação de alguns dos estudos analisados. Neste sentido, foi possível verificar que estilos de vinculação inseguros estão relacionados com a violência nas relações íntimas, tanto para homens como para mulheres, sendo estas relações caracterizadas essencialmente por sentimentos de insegurança, desconforto e preocupação (Doumas et al., 2008; Madey & Jilek, 2012; Pearce & Halford, 2008). Além disso, foi possível constatar ainda que determinadas combinações de estilos de vinculação específicos (e.g. ansiosa vs. evitante), se constituem

Vinculação em Homens Vítimas de Violência na Intimidade: Uma Revisão Sistemática de Literatura

como um forte preditor para a violência neste contexto. Por exemplo, indivíduos com elevados níveis de ansiedade podem entender a violência como um ato de rejeição, pelo que acabam por utilizar a violência, devido ao medo excessivo que têm de ser abandonados (Doumas et al., 2008). Por outro lado, um estilo de vinculação seguro está associado a relacionamentos mais duradouros, conforto com a proximidade, maiores níveis de confiança e intimidade, maior envolvimento na relação, maior estabilidade e compromisso. Neste sentido, é possível afirmar que o estilo de vinculação influencia não apenas a qualidade da relação, como também o modo como os indivíduos lidam com a separação: Indivíduos com uma vinculação segura irão experienciar menos sentimentos de angústia, menor relutância ao encarar o ex-parceiro, assim como uma maior prontidão para iniciar um novo relacionamento; ao passo que indivíduos com uma vinculação insegura tendem a culpabilizar o ex-parceiro pelo término da relação, experienciando frequentemente, sentimentos de angústia e indisponibilidade para iniciar uma nova relação (Madey & Jilek, 2012).

Existe ainda um estudo que veio demonstrar que um estilo de vinculação inseguro está associado a padrões de comunicação negativos, que podem envolver o afastamento ou a comunicação hostil com o parceiro, assim como a uma reduzida satisfação com a relação, sendo que estes indivíduos tendem a sentir-se frequentemente desconfortáveis com a proximidade emocional, o que se reflete nas relações interpessoais que estabelecem. Contrariamente, indivíduos com uma vinculação segura tendem a desenvolver padrões de comunicação positivos, sendo menos propensos a fazer atribuições negativas ao parceiro, e envolver-se num padrão de comunicação hostil (Pearce & Halford, 2008).

Além disso, numa perspetiva da teoria da vinculação, a violência nas relações íntimas pode ser vista como uma tentativa de estabelecer/manter o nível de segurança na relação, sendo possível verificar ainda que a violência no contexto das relações íntimas tem um forte impacto no desenvolvimento de um estilo de vinculação ansioso nas mulheres, e um estilo de vinculação

Vinculação em Homens Vítimas de Violência na Intimidade: Uma Revisão Sistemática de Literatura evitante nos homens (Doumas et al., 2008), sendo que ambos estão fortemente associados tanto à vitimação como à perpetração.

3.2. Trabalhos de revisão/Discussão teórica.

Relativamente aos trabalhos de revisão teórica, foi encontrada uma revisão sistemática (Nowinski & Bowen, 2012) e quatro revisões de literatura (Carney, Buttell, & Dutton, 2007; Dutton & Nicholls, 2005; Dutton & White, 2012; Mikulincer & Shaver, 2005).

A revisão sistemática procurou avaliar a prevalência da violência nas relações íntimas (hetero ou homossexuais) contra homens, sendo que no presente trabalho apenas foi considerada a violência no contexto das relações heterossexuais (i.e. quando os homens são vítimas por parte das suas parceiras íntimas). Assim, foi possível constatar que a prevalência deste tipo de vitimação pode variar entre 0.2% e 93%, em função do tipo de metodologia utilizada. A vitimação masculina neste contexto é tão ou mais frequente que a vitimação feminina, resultando em consequências tanto a nível físico como psicológico. Estes indivíduos evidenciam ainda uma maior probabilidade de apresentarem um estilo de vinculação inseguro, caracterizado pela excessiva dependência e medo da rejeição, e de terem sido vítimas de algum tipo de abuso na infância. Outro fator que deve ser tido em consideração é a etnia, uma vez que os fatores culturais têm um forte impacto na violência nas relações íntimas, devido à forma como é conceptualizada e até que ponto, estes comportamentos são vistos como legítimos. Os resultados demonstram ainda que a vitimação mais frequente é a psicológica, sendo necessário desenvolver estratégias de intervenção específicas com estas vítimas, providenciando o apoio e tratamento necessário.

Nas revisões de literatura, Carney, Buttell, e Dutton (2007) procuraram analisar a literatura existente sobre mulheres perpetradoras de violência nas relações de intimidade, bem com os programas de intervenção existentes, tendo concluído que as taxas de violência nas relações de

Vinculação em Homens Vítimas de Violência na Intimidade: Uma Revisão Sistemática de Literatura

intimidade perpetrada por mulheres é tão elevada como aquela perpetrada por homens, resultando daí diversas consequências negativas para as vítimas, sendo que, muitos destes receberam tratamento médico, e solicitaram apoio psicológico. Assim, é possível afirmar que, apesar de as mulheres utilizarem a violência em legítima defesa, muitas vezes também o fazem de forma “unilateral”, sendo que frequentemente são estas que iniciam as agressões. Além disso, as mulheres são mais propensas a utilizar armas, por forma a sentirem-se em vantagem. Existem ainda evidências de que no período da adolescência, as raparigas tendem a apresentar maiores níveis de agressão, em comparação com os seus pares do sexo masculino. É de referir também que, as mulheres têm vindo a ser cada vez mais referenciadas para programas de tratamento de violência doméstica, sendo de realçar a importância de considerar diferentes fatores de risco, e considerar possíveis necessidades de intervenção de ambos os parceiros.

A revisão de literatura desenvolvida por Dutton e Nicholls (2005) que procurou analisar a questão do paradigma de género associado à violência nas relações de intimidade, vem corroborar estes mesmos resultados, sendo possível encontrar elevados níveis de violência “unilateral” tanto para homens como para mulheres, sendo que as mulheres são tão ou mais violentas que os homens no contexto da intimidade, recorrendo frequentemente à utilização de armas. Não obstante, muitas mulheres admitem que a legítima defesa não é a única motivação para a violência neste contexto, identificando outras, como o desejo de coação, sentimentos de raiva, poder e/ou controlo. Apesar destas evidências, os homens apresentam uma menor probabilidade de se definirem como vítimas, uma vez que a violência perpetrada por mulheres tende a ser descredibilizada e vista como legítima, ao contrário daquela perpetrada por homens. Além disso, foi possível identificar ainda uma pequena percentagem de homens que, no contexto das suas relações íntimas, foi violento ao longo da vida, sendo poucos que consideram este tipo de comportamentos como legítimos.

Por seu turno, Dutton e White (2012) procuraram avaliar a relação entre a violência nas relações de intimidade e estilos de vinculação inseguros, tendo constado que uma vinculação insegura se constitui como um dos maiores preditores para a violência nas relações de intimidade, estando este tipo de vinculação associado a maiores níveis de ansiedade, raiva, hostilidade, e comportamentos de automutilação. Como supramencionado, a vinculação estabelecida na infância tem repercussões na vinculação desenvolvida na idade adulta, sendo que os indivíduos que estiverem expostos a situações de violência interparental, apresentam uma maior propensão para virem a apresentar comportamentos agressivos nas relações interpessoais estabelecidas. Além disso, estes indivíduos tendem a interpretar de forma negativa qualquer intenção dos seus parceiros, o que desencadeia maiores níveis de conflito e agressão. Neste sentido, é possível concluir então que o espectro de desordens da vinculação desempenha um papel crucial como preditor da violência no contexto das relações íntimas.

Por último, Mikulincer e Shaver (2005) procuraram averiguar em que medida o estilo de vinculação influencia as reações emocionais no contexto de uma relação de intimidade, tendo sido verificado que os indivíduos com um estilo de vinculação seguro experienciam uma vasta gama de emoções (aceitação, segurança, amor, gratidão, segurança) refletindo assim uma forte tendência para manter a qualidade do relacionamento e bem-estar do parceiro; ao contrário dos indivíduos com um estilo de vinculação inseguro, que experienciam frequentemente sentimentos de frustração, ciúme, humilhação, medo da rejeição, tristeza e ódio, que se reflete no desenvolvimento de comportamentos violentos. Assim, é possível afirmar que indivíduos com vinculação segura, tendem a adotar estratégias funcionais na expressão das emoções, com maior assertividade e capacidade de manter uma relação sem registo de conflitos e agressões; ao passo que indivíduos com vinculação insegura (ansiosa ou evitante) adotam estratégias disfuncionais, com maiores níveis de ressentimento e vingança, o que leva a relações com elevados índices de agressão. É de referir, no entanto, que também indivíduos com estilos de

vinculação seguros podem experimentar igualmente sentimentos de raiva, no entanto, esta é expressa de forma adequada e funcional (i.e. sem hostilidade, com efeitos positivos na relação), enquanto que a raiva experienciada por indivíduos com estilos de vinculação inseguros tende a ser disfuncional, traduzindo-se em sentimentos de ressentimento e hostilidade face ao parceiro, com maiores níveis de agressão.

Tabela 4

Sumário dos Estudos de Revisão/Discussão Teórica

Autores	Objetivos	Resultados	Conclusões
Carney, Buttell, & Dutton (2007)	Analisar a literatura existente sobre mulheres perpetradoras de violência nas relações de intimidade, bem com os programas de intervenção existentes.	<p>As taxas de violência nas relações de intimidade perpetrada por mulheres é tão elevada como aquela perpetrada por homens, resultando daí diversas consequências negativas, recorrendo frequentemente a apoio psicológico;</p> <p>Existem estudos que revelam que em determinadas situações, as mulheres tendem a ser mais agressivas que os homens, o que se reflete no aumento do número de mulheres em prisões;</p> <p>Existem ainda algumas crenças associadas à violência perpetrada contra homens nas relações de intimidade, acabando por ser descredibilizada, devido ao “paradigma do gênero”;</p> <p>Apesar de as mulheres serem tão ou mais violentas que os homens, a probabilidade de serem presas por esse motivo é muito menor.</p>	<p>Apesar de as mulheres utilizarem a violência em legítima defesa, muitas vezes também o fazem de forma “unilateral”;</p> <p>As mulheres perpetradoras partilham os mesmos motivos e características psicossociais que os homens (e.g. violência na família de origem, história de saúde mental);</p> <p>Os homens tendem a não relatar as situações de abuso de que são vítimas;</p> <p>É necessário desenvolver estratégias de intervenção especializadas que se foquem neste tipo de violência perpetrada por mulheres, considerando diferentes fatores de risco, nomeadamente a vinculação, uma vez que elevados níveis de dependência contribuem para a violência nas relações de intimidade.</p>
Dutton & Nicholls (2005)	Analisar a questão do paradigma de gênero associado à violência nas relações de intimidade.	<p>Os estudos revelam elevados níveis de violência unilateral tanto para homens como para mulheres, sendo que as mulheres tendem a utilizar violência mais severa;</p> <p>A vinculação ansiosa e temperamento agressivo predizem elevados níveis de violência;</p> <p>As mulheres são muito mais propensas a relatar um episódio de violência doméstica (81%), em comparação com os homens (19%), devido ao medo e vergonha;</p>	<p>A vitimação masculina tende a ser descredibilizada, pelo que os homens são muito menos propensos a relatar situações de vitimação;</p> <p>As mulheres são frequentemente violentas no contexto das relações íntimas, e não só em legítima defesa (sentimentos de raiva ou desejo de coação);</p> <p>As mulheres recorrem mais frequentemente a armas, como forma de se sentirem em “vantagem”;</p>

Dutton & White (2012)	Avaliar a relação entre a violência nas relações de intimidade e estilos de vinculação inseguros, em homens e mulheres.	<p>Algumas mulheres referem ser agressivas por não acreditarem que os seus parceiros venham a ser vítimas ou que possam retaliar; A violência utilizada por mulheres é vista como algo “legítimo”.</p> <p>Existe uma relação entre o facto de ter sido vítima e/ou testemunha de violência na infância e a violência na idade adulta, no entanto, não significa que todos os indivíduos que foram vítimas e/ou testemunhas de violência na infância se venham a tornar violentos (apenas quando estão subjacentes padrões de vinculação inseguros);</p> <p>A vinculação estabelecida na infância tende a persistir na idade adulta;</p> <p>Impulsividade, défices na regulação afetiva e emoções negativas constituem-se como preditores da violência;</p> <p>Estilos de vinculação inseguros constituem-se como o maior preditor para a violência nas relações de intimidade;</p> <p>Este tipo de vinculação está associado a maiores níveis de raiva, hostilidade, e comportamentos de automutilação.</p>	<p>Os estudos mostram a necessidade de se desenvolverem programas de prevenção e intervenção com base em abordagens da psicologia e criminologia.</p> <p>Indivíduos com estilos de vinculação inseguros têm tendência a interpretar de forma negativa as intenções e sentimentos do parceiro, o que leva a maiores níveis de conflito e agressão;</p> <p>Estes resultados vêm demonstrar a necessidade de desenvolver mais estudos que se foquem na relação entre determinados estilos de vinculação e a violência nas relações de intimidade, uma vez que tipos específicos de vinculação (e.g. ansioso, evitante) são um dos preditores mais fortes para a violência nas relações de intimidade.</p>
Mikulincer & Shaver (2005)	Analisar em que medida o tipo de vinculação influencia as reações emocionais no contexto de uma relação próxima.	<p>A integração de várias reações emocionais face à relação revela que os indivíduos com um estilo de vinculação seguro, apresentam o padrão mais diferenciado de emoções (felicidade, admiração, gratidão, orgulho, compaixão, culpa e raiva);</p> <p>Estas emoções refletem uma forte tendência para manter a qualidade do relacionamento e bem-estar do parceiro, superar os obstáculos, e incentivar o desenvolvimento pessoal do parceiro;</p>	<p>As reações positivas (felicidade, amor, gratidão) ajudam a manter o ciclo de interações positivas, contribuindo para a qualidade e estabilidade da relação;</p> <p>Indivíduos com vinculação insegura experienciam frequentemente sentimentos negativos face ao parceiro;</p>

Nowinski & Bowen (2012)	Avaliar a prevalência da violência nas relações íntimas heterossexuais contra homens.	<p>Indivíduos com um estilo de vinculação inseguro tendem a apresentar uma gama mais estreita de emoções (frustração, medo da rejeição, humilhação, raiva, tristeza, desespero), que são influenciadas pela hiperativação ou desativação defensiva do sistema de vinculação;</p> <p>As estratégias de vinculação podem moldar a qualidade das experiências emocionais;</p> <p>A expressão da raiva pode ser funcional (indivíduos com vinculação segura) ou disfuncional (indivíduos com vinculação insegura), resultando em comportamentos positivos ou negativos.</p> <p>A prevalência de violência perpetrada contra homens em relações heterossexuais varia de 0.2% a 93%;</p> <p>Os homens tendem a reportar níveis mais elevados de violência psicológica;</p> <p>Maior probabilidade de terem sido vítimas e/ou testemunhas de violência na infância;</p> <p>Estas vítimas tendem a apresentar um estilo de vinculação inseguro ou preocupado, que se caracteriza pelo desejo de ser amado e pelo medo constante de ser abandonado/rejeitado;</p> <p>Estes indivíduos evidenciam uma maior probabilidade de terem sido vítimas de algum tipo de abuso na infância.</p>	<p>Indivíduos com vinculação ansiosa tendem a experimentar frequentemente sentimentos de angústia, assim como combinações ambivalentes de emoções positivas e negativas;</p> <p>O estudo da vinculação tende a focar-se nas reações emocionais do indivíduo face aos comportamentos negativos do seu parceiro, pelo que devem ser desenvolvidos mais estudos em que devem ser considerados os estilos de vinculação de ambos os parceiros.</p> <p>Principais fatores de risco para a vitimação: Elevado nível educacional, elevado estatuto socioeconómico, atitudes hostis, maior probabilidade de ter sido vítima e/ou testemunha de violência na infância, e a idade (homens mais novos apresentam uma maior probabilidade de ser injuriados, no entanto a correlação é baixa);</p> <p>A violência perpetrada contra homens no contexto da intimidade é um tema pouco explorado, pelo que é necessário desenvolver mais estudos nesse sentido, a fim de fornecer o suporte necessário a estas vítimas, e evitar este tipo de violência, que pode ter mesmo consequências irreversíveis na vida das vítimas.</p>
----------------------------	---	---	--

4. Discussão

Contrariamente ao que acontece no estudo dos estilos de vinculação em vítimas de violência nas relações íntimas do sexo feminino, o conhecimento sobre o fenómeno da violência contra os homens neste contexto é bastante escasso, assim como o estudo da vinculação neste grupo de vítimas tão específico. O estudo da violência contra homens nas relações de intimidade e a sua relação com a vinculação, parece ter começado a ser alvo de investigações recentemente, estando ainda numa fase embrionária, o que explica a escassez de estudos analisados nesta revisão sistemática, assim como a não existência de artigos que estudem diretamente a relação entre determinados estilos de vinculação em homens e a sua associação com a violência nas relações de intimidade. Importa referir ainda a variabilidade de estudos no que toca às metodologias utilizadas, aos locais onde foram conduzidos, e aos próprios objetivos específicos que os guiavam, sendo que alguns tinham como objetivo avaliar os principais fatores de risco que contribuíam para a violência nas relações de intimidade, em que se incluíam determinados estilos de vinculação, nomeadamente inseguros (e.g. ansioso ou evitante) (Doumas et al., 2008; Madey & Jilek, 2012; Pearce & Halford, 2008), enquanto que outros pretendiam avaliar as assimetrias de género associadas a esta problemática (Allen et al., 2015; Cross, Tee, & Campbell, 2011; Gass et al., 2011).

No entanto, é possível enumerar alguns contributos que foi possível apurar com a presente revisão sistemática. Foi possível perceber que os estudos analisados, são na sua maioria estudos recentes (com data de publicação posterior ao ano 2003), apesar de a pesquisa ter incluído todos os estudos pertinentes desde a década de 80 (Hyde, 1984). Uma possível explicação prende-se com o facto de, nos anos recentes, existir uma maior consciencialização face a esta temática (Drijber, Reijnders, & Ceelen, 2013), assim como o aumento de estudos no contexto nacional acerca da vinculação no contexto das relações íntimas nos últimos anos (Moreira et al., 2006). Denota-se ainda uma preocupação com o que ocorre após as situações de vitimação, sendo que

cada vez mais têm vindo a ser desenvolvidas e implementadas diversas estratégias a fim de apoiar e incentivar os homens a denunciarem estas situações de violência (Barber, 2008).

Da análise realizada, é possível compreender que o foco dos estudos empíricos parece ser efetivamente o estudar a forma como a vinculação se pode constituir como um fator de risco para a vitimação no contexto das relações íntimas (e.g. Doumas et al., 2008), procurando entender igualmente qual o impacto que este tipo de vitimação pode ter na vida das vítimas, sendo que este se pode refletir a curto e/ou a longo prazo (e.g. Hughes et al., 2007). Como supramencionado, a maioria dos estudos adota uma abordagem quantitativa, onde são ministrados, maioritariamente, instrumentos de autorrelato, o que poderá ser explicado pela simplificação na aplicação e análise dos dados, bem como na celeridade na recolha dos mesmos. Além disso, quando se tratam de estudos que têm como objetivo primordial a identificação de fatores que influenciam uma determinada situação, a abordagem quantitativa parece ser a mais adequada, produzindo resultados mais objetivos e rigorosos (Creswell, 2014). A maioria dos estudos nesta área são exploratórios (e.g. Allen et al., 2015; Hughes et al., 2007), uma vez que se tratam de variáveis pouco exploradas, pelo que a adoção deste tipo de metodologia, permite a obtenção de um conhecimento mais aprofundado acerca da temática.

Relativamente aos processos de amostragem, conseguimos perceber que embora alguns estudos optem por utilizar amostras de homens e mulheres vítimas e/ou perpetradores de violência nas relações de intimidade (e.g. Henning, Jones, & Holdford, 2003), a grande maioria opta por utilizar amostras de conveniência, sendo que algumas são recolhidas através de estudos anteriores, por exemplo (e.g. Herrera, Wiersma, & Cleveland, 2010), ou através de amostras nacionais representativas (e.g. Gass et al., 2011). É de realçar ainda estudos cuja amostra era constituída por perpetradores de violência nas relações de intimidade que se encontravam a frequentar programas de tratamento por ordem do tribunal (e.g. Allen et al., 2015), tendo estes o objetivo de avaliar as necessidades específicas destes indivíduos, bem

como das vítimas, o que permitiria uma intervenção mais direcionada. Assim, é possível constatar que apesar de alguns estudos serem desenvolvidos com amostras forenses (e.g. Pretorius & Botha, 2009), outros focaram-se em amostras normativas, sobretudo estudantes universitários (e.g. Madey & Jilek, 2012), o que pode ser explicado pelo reconhecimento da comunidade científica de que mesmo estes indivíduos podem ser vítimas de violência interpessoal, alargando assim o campo de conhecimentos e caracterização desta problemática junto da população não forense.

O objetivo principal desta revisão sistemática passava, então, por identificar e caracterizar os estilos de vinculação presentes em homens vítimas de violência nas relações de intimidade. Concluiu-se, no entanto, ser impossível responder a este objetivo, uma vez que nenhum estudo analisou especificamente a vinculação em homens vítimas de violência. Apesar de ser possível perceber que este tipo de vítimas tende a apresentar estilos de vinculação inseguros (ansioso e/ou evitante), o que vai de encontro à literatura anterior (e.g. Wilson et al., 2013), não existem estudos que verifiquem todos os estilos de vinculação e os comparem nos dois grupos: Homens adultos que são vítimas de violência nas relações de intimidade e homens adultos que não são vítimas de qualquer tipo de violência, a fim de perceber se existem diferenças nos estilos de vinculação desenvolvidos por estes indivíduos. No entanto, é possível constatar que a vinculação assume um papel particularmente importante neste contexto, uma vez que as relações de vinculação estabelecidas precocemente influenciam as relações que estes indivíduos irão estabelecer na vida adulta, incluindo as relações românticas (Lawson & Malnar, 2011), pelo que indivíduos que desenvolveram precocemente um padrão de vinculação inseguro, tendem a evidenciar uma excessiva dependência em relação ao outro e preocupação face ao abandono e rejeição, falta de envolvimento emocional nas relações íntimas, sentimentos de insegurança, ciúme e desconfiança (Bartholomew, 1990; Bartholomew & Horowitz, 1991; Hazan & Shaver, 1987). Associado a esta questão, identifica-se ainda o facto de estes

indivíduos não conseguem desenvolver relações positivas, baseadas na confiança, uma vez que tendem a ser excessivamente ansiosos ou evitantes, reportando níveis mais baixos de satisfação com as suas relações (Hadden, Smith, & Webster, 2014). Neste sentido, é possível constatar que este estilo de vinculação está associado a uma maior propensão para a perpetração e vitimação tanto para homens como para mulheres, devido ao medo constante de perderem o parceiro, assim como aos sentimentos associados a essa perda (e.g. Dutton & White, 2012). É de referir ainda que os indivíduos com vinculação insegura tendem a experienciar nas suas relações padrões de comunicação negativos, caracterizados por elevados níveis de hostilidade e rejeição, o que contribui para o desenvolvimento de comportamentos violentos no contexto íntimas (Pearce & Halford, 2008).

Em relação a objetivos mais específicos, pretendia-se avaliar a prevalência da violência contra homens nas relações de intimidade. Da análise efetuada, é possível constatar que existe apenas um estudo (Nowinski & Bowen, 2012) que tinha este mesmo objetivo, sendo que a violência contra os homens pode ser tão elevada como a violência feminina, o que vai igualmente de encontro a estudos anteriores (e.g. Costa et al., 2015). É de referir ainda que este tipo de violência tem vindo a aumentar significativamente nos últimos anos, sendo que os homens tendem a reportar mais episódios de violência física e psicológica (Archer, 2000).

Relativamente ao último objetivo, que procurava avaliar qual o impacto da violência em homens vítimas de violência na intimidade, foi possível constatar que apesar de este tipo de vitimação ter um maior impacto em mulheres (e.g. Smith & Stover, 2015), também os homens experienciam diversas consequências negativas em função da violência de que são alvo, estando frequentemente associado ao aparecimento de sintomas de perturbação de pós-stress traumático (Hughes et al., 2007), em que se encontram “obrigados” a recorrer a algum tipo de apoio psicológico (como forma de lidar com a situação de vitimação), sendo que em alguns casos têm mesmo que ser medicamente assistidos (Carney, Buttell, & Dutton, 2007). Como

Vinculação em Homens Vítimas de Violência na Intimidade: Uma Revisão Sistemática de Literatura

supramencionado, a violência contra os homens tem vindo a aumentar de forma significativa, tendo um grande impacto na vida destas vítimas, pelo que se torna crucial o desenvolvimento de estratégias de prevenção e intervenção específicas, de forma a conceder o apoio necessário para que estes consigam lidar com a situação de vitimação (e.g. Dutton & Nicholls, 2005).

Na presente revisão sistemática, procurou-se não só estudos que analisassem as duas variáveis centrais (i.e. vinculação e violência contra homens no contexto das relações íntimas), como também artigos que se focassem noutros fatores de risco que contribuíssem tanto para a perpetração como para a vitimação neste contexto, o que permitiu a análise de um maior número de artigos, sendo este um dos pontos fortes desta revisão sistemática. Neste sentido, os resultados obtidos foram de encontro a estudos anteriores (e.g. Farrington, Gaffney, & Ttofi, 2017), em que se identificaram como principais fatores de risco a existência de sintomatologia traumática, labilidade afetiva e expressão da raiva (Allen et al., 2015), o facto de ter sido vítima e/ou testemunha de violência na infância, abuso de substâncias e baixo nível de escolaridade (Gass et al., 2011), características de personalidade *borderline* (Henning, Jones, & Holdford, 2003; Hughes et al., 2007), e delinquência juvenil (Herrera, Wiersma, & Cleveland, 2007).

Foram também identificadas algumas lacunas nesta revisão sistemática de literatura. A primeira, como já tinha sido referido anteriormente, é a demarcada escassez de estudos neste âmbito, sendo uma temática ainda pouco explorada, principalmente no contexto português. Deste modo, torna-se fundamental estudar esta população específica (homens vítimas de violência na intimidade), a fim de compreender de facto qual o impacto que este tipo de vitimação tem, assim como o tipo de vinculação desenvolvido por estas vítimas, por forma a delinear estratégias de intervenção específicas, uma vez que cada mais tem vindo a ser constatado que os homens são frequentemente vítimas de violência na intimidade (e.g. Felson & Cares, 2005), em que se identifica um impacto bastante negativo a vários níveis (Hines & Douglas, 2009).

Da mesma forma, outra das lacunas identificadas é a ausência de estudos que analisem exclusivamente amostras de homens vítimas de violência na intimidade. A maioria dos estudos empíricos analisados abrange amostras mistas, havendo inclusive, dois estudos que utilizam amostras exclusivamente femininas (de mulheres perpetradoras de violência contra os parceiros íntimos). Além disso, os estudos com amostras mistas, são constituídas, na sua totalidade, por mais homens do que mulheres (essencialmente perpetradores e não vítimas), o que só não é representativo da população geral, como não permite avaliar determinadas características dos homens enquanto vítimas. Os únicos estudos que pretendiam avaliar as diferenças de género associadas à violência em relações de intimidade, tinham como principal objetivo averiguar quais os principais fatores de risco que estão na base da perpetração da violência nas relações de intimidade, sendo feita referência apenas de forma breve, aos fatores que predis põem os homens a sofrer deste tipo de vitimação, tendo sido concluído que homens vítimas tendem a ser mais novos, com baixo estatuto socioeconómico, e ter sido vítimas e/ou testemunhas de violência na infância. Foram ainda identificados vários fatores comuns a ambos os géneros que podem contribuir para a perpetração de violência neste contexto, nomeadamente a exposição à violência interparental e o abuso de substâncias (Gass et al., 2011), tendo sido ainda constatado que as mulheres tendem a apresentar níveis mais elevados de agressividade contra os seus parceiros, pelo facto de serem homens e de apresentarem uma maior probabilidade de se conseguirem defender (Cross, Tee, & Campbell, 2011).

No mesmo sentido, outra das lacunas identificadas prende-se com o facto de os estudos que pretendem avaliar o estilo de vinculação enquanto fator de risco para a perpetração ou vitimação (Doumas et al., 2008; Pearce & Halford, 2008), são constituídos por amostras de casais heterossexuais que se encontram atualmente numa relação, pelo que, à semelhança do que anteriormente referido, estas amostras não são representativas da população em geral, por se tratarem de amostras de dimensão reduzida. Além disso, os estudos pretendiam avaliar,

Vinculação em Homens Vítimas de Violência na Intimidade: Uma Revisão Sistemática de Literatura

essencialmente, a relação entre determinados estilos de vinculação e a violência nas relações íntimas, não se focando nos homens enquanto vítimas, nem nas repercussões que este tipo de vitimação pode ter na vinculação, i.e. se o tipo de vitimação sofrida poderá contribuir para a alteração dos estilos de vinculação evidenciados por estes homens, uma vez que existem estudos que demonstram que os padrões de vinculação podem alterar-se em função de determinados acontecimentos (e.g. Waters, Weinfield, & Hamilton, 2000). No entanto, é possível constatar que os resultados obtidos nos estudos vão de encontro à literatura anterior (e.g. Bond & Bond, 2004; Henderson et al., 2005), corroborando a relação existente entre estilos de vinculação inseguros (evitante e/ou ansioso) e a violência nas relações de intimidade, em que se inclui não apenas a perpetração de violência contra o parceiro, como também a vitimação, uma vez que as vítimas com este estilo de vinculação tendem a ser mais tolerantes em relação à violência que é exercida sobre estas, sendo assim mais vulneráveis a permanecer na relação abusiva. Neste sentido, torna-se indispensável a realização de mais estudos empíricos que além de corroborarem os resultados obtidos por estes autores, se foquem exclusivamente em amostras de vítimas do sexo masculino.

Seria também importante desenvolver estudos comparativos entre homens vítimas de violência nas relações íntimas e homens não vítimas (i.e. homens da população em geral), em que se analisassem não apenas as características e os fatores de risco que poderão potenciar o facto de estes homens se virem a tornar vítimas, como também, mais especificamente, os estilos de vinculação, a fim de perceber até que ponto, a vinculação desenvolvida por estas vítimas tem ou não influência na forma como lidam com a situação de vitimação. Além disso, à semelhança de estudos realizados anteriormente exclusivamente com amostras de vítimas do sexo feminino (e.g. Black, 2011), poderiam ainda ser desenvolvidos estudos que se focassem exclusivamente nas consequências que este tipo de violência pode representar nas vidas de homens vítimas.

Do mesmo modo, destaca-se ainda a escassez de estudos longitudinais, sendo que na presente revisão sistemática apenas foi identificado um estudo de caráter longitudinal (Herrera, Wiersma, & Cleveland, 2010), o que pode ser explicado pela morosidade do processo de recolha de dados e perda de indivíduos associada a esta metodologia, uma vez que se trata de um processo interrompido ao longo do tempo (Farrington, 1991). No entanto, como se trata de um contexto de vitimação, reconhece-se a necessidade de estudar este fenómeno numa perspetiva longitudinal, a fim de determinar quais os fatores de risco mais proeminentes para a vitimação no contexto das relações íntimas, o que poderia permitir a prevenção e/ou intervenção precoce deste tipo de situações, assim como a avaliação da prevalência deste fenómeno ao longo da vida, permitindo ainda uma compreensão mais aprofundada sobre a relação entre determinados tipos de vinculação e a violência nas relações íntimas.

Por fim, e como tem vindo a ser constatado, os homens vítimas de violência por parte das suas parceiras demonstram-se sempre bastante relutantes em relatar o sucedido, seja por medo ou vergonha (e.g. Drijber, Reijnders, & Ceelen, 2013), pelo que seria importante o desenvolvimento de estudos que se centrassem na criação de programas e/ou estratégias de prevenção e intervenção, a fim de providenciar o apoio necessário e facilitar o relato por parte destas vítimas.

5. Conclusão

Embora as estatísticas quer a nível nacional (e.g. APAV, 2016b) como internacional (e.g. Tjaden & Thoennes, 2000a) apontem para uma maior incidência de violência nas relações íntimas sobre as mulheres, tem vindo a ser constatado que também os homens têm vindo, cada vez com maior frequência, a ser vítimas por parte das suas parceiras íntimas (e.g. Amole et al., 2015), pelo que este tem vindo a ser um fenómeno merecedor de maior importância e atenção por parte da comunidade científica, carecendo, no entanto, de investigação. Neste sentido, a

Vinculação em Homens Vítimas de Violência na Intimidade: Uma Revisão Sistemática de Literatura

prevenção desta forma de violência deve centrar-se na intervenção de determinados fatores de risco específicos, considerando o impacto que a vinculação pode ter neste tipo de situações. Assim, o interesse pelo estudo da vinculação em homens vítimas de violência na intimidade, surgiu essencialmente a partir da escassez de estudos em Portugal sobre esta temática, pelo que se pretende que, esta dissertação possa ser um ponto de partida para o estudo de determinadas particularidades associadas a este grupo de vítimas tão específico.

Não obstante, face aos contributos e limitações supramencionados, continuam a existir um conjunto de questões que carecem de estudo e análise, sendo possível constatar que as atuais abordagens conceptuais e metodológicas para a avaliação da vinculação em homens vítimas de violência nas relações de intimidade, ou para a compreensão dos fatores de risco que podem potenciar esta forma de violência, continuam a apresentar uma série de limitações que comprometem a compressão de um fenómeno tão importante e cada vez mais recorrente.

No entanto, a partir da análise dos estudos selecionados para a presente revisão sistemática, constatou-se a existência de uma relação entre determinados estilos de vinculação (i.e. vinculação ansiosa e/ou evitante) e a violência nas relações de intimidade, sendo que indivíduos com este tipo de vinculação, tendem a ser frequentemente vítimas de violência na intimidade (Henderson et al., 2015), não tendo sido possível no entanto, explorar esta questão com o grupo específico de homens vítimas, uma vez que não foram encontrados estudos que analisassem estas duas variáveis em simultâneo. Do mesmo modo, além de um estilo de vinculação inseguro, foi possível identificar um conjunto de outros fatores de risco que poderão predispor estes indivíduos a serem vítimas, no entanto, continuam igualmente a existir uma série de limitações associadas a esta questão, uma vez que os estudos analisados não examinavam fatores de risco específicos inerentes apenas aos homens vítimas, mas sim a ambos os géneros (e.g. Gass et al., 2011).

Dadas as limitações anteriormente enunciadas, o número de estudos analisados sobre a prevalência do fenómeno da violência contra os homens foi reduzido, dada a sua relutância em relatar o sucedido, devido aos sentimentos de medo e vergonha que lhe estão associados, assim como à falta de suporte social para este tipo de vítimas (e.g. Dutton & Nicholls, 2005). Apesar disso, foi possível constatar ainda que os homens podem ser tão frequentemente vítimas de violência nas relações de intimidade como as mulheres, sendo que a violência perpetrada contra estes não pode ser vista apenas como um comportamento de autoproteção (i.e. em legítima defesa), existindo mesmo indícios de que, muitas vezes, são as mulheres que iniciam as agressões (Straus, 1993). Não obstante, verifica-se ainda que o facto de ser vítima de violência nas relações íntimas se constitui como um forte e consistente preditor do desajustamento psicológico, podendo contribuir para o desenvolvimento de diferentes psicopatologias (e.g. perturbação de pós-stress traumático, depressão, ansiedade, baixa autoestima, abuso de substâncias), que se podem refletir a curto e/ou a longo prazo, verificando-se que em alguns casos, a violência perpetrada contra os homens pode culminar igualmente na morte destes (e.g. Reid et al., 2008).

Relativamente ao tipo de violência mais experienciado por homens no contexto da intimidade, os estudos não apresentam resultados consensuais, sendo possível verificar que em alguns casos os homens tendem a experienciar mais episódios de violência psicológica (e.g. Hines & Douglas, 2010), enquanto que existem outros estudos que apontam que os homens apresentam uma maior probabilidade de virem a ser vítimas de violência física (e.g. Archer, 2000), verificando-se que as mulheres, em determinadas situações, podem utilizar níveis mais severos de violência em comparação com os homens, recorrendo muitas vezes ao uso de armas, seja em legítima defesa ou por forma a sentirem-se em superioridade, dado o facto de serem mais frágeis em relação aos seus parceiros (e.g. Busch & Rosenberg, 2004).

Assim, apesar de ser possível estabelecer uma relação entre determinados estilos de vinculação e a violência nas relações de intimidade em homens, a literatura existente acerca deste fenómeno ainda é bastante escassa, uma vez que este tipo de vitimação continua a ser frequentemente associado a vítimas do sexo feminino. Do mesmo modo, não existem estudos que comparem homens vítimas de violência nas relações íntimas, com aqueles que não sofrem qualquer tipo de violência, assim como estudos de prevalência, que permitam avaliar a incidência do fenómeno e as consequências que lhe poderão estar associadas. Além disso, deve ter-se em consideração que nem todos os homens vítimas apresentam resultados negativos, existindo padrões heterogéneos, que deveriam ser explorados em estudos futuros.

Continuam, igualmente, por ultrapassar uma série de limitações metodológicas que dificultam o consenso relativamente a diferentes conceitos, sendo fundamental o desenvolvimento de mais estudos empíricos nesta área, nomeadamente de carácter comparativo e longitudinal. A vinculação permite direccionar a compreensão deste crime para o contexto relacional, pelo que em estudos futuros esta informação deve ser tida em consideração, de forma a alcançar um maior e melhor conhecimento acerca deste fenómeno, permitindo, igualmente, delinear estratégias de prevenção e intervenção específicas com este tipo de vítimas, em função das características de cada indivíduo, salientando-se ainda a importância do desenvolvimento de estruturas de suporte social.

Referências Bibliográficas

- Ainsworth, M. D. S. (1985). Patterns of infant-mother attachments: Antecedents and effects on development. *Bulletin of the New York Academy of Medicine*, 61(9), 771-791.
- Ainsworth, M. D. S., Blehar, M. C., Waters, E., & Wall, S. (1978). *Patterns of attachment: A psychological study of strange situation*. New York: Psychology Press.
- Ainsworth, M. D. S., & Bowlby, J. (1991). An ethological approach to personality development. *American Psychologist*, 46(4), 333-341.
- Ali, P. A., Dhingra, K., & McGarry, J. (2016). A literature review of intimate partner violence and its classifications. *Aggression and Violent Behavior*, 31, 16-25. doi: 10.1016/j.avb.2016.06.008
- Allen, C. T., Swan, S. C., Maas, C. D., & Barber, S. (2015). A comparison of the structural factors of the propensity for abusiveness scale for women and men in a domestic violence treatment program. *Journal of Interpersonal Violence*, 30(13), 2326-2343. doi: 10.1177/0886260514552450
- Allwood, M. A., & Widom, C. S. (2013). Child abuse and neglect, developmental role attainment, and adult arrests. *Journal of Research in Crime and Delinquency*, 50(4), 551-578. doi: 10.1177/0022427812471177
- Amole, T. G., Bello, S., Odoh, C., Aliyu, M. H., & Iliyasu, Z. (2015). Correlate of female-perpetrated intimate partner violence in Kano, Northern Nigeria. *Journal of Interpersonal Violence*, 31(12), 2240-2254. doi: 10.1177/0886260515573576
- Amor, P. J., Echeburúa, E., & Loinaz, I. (2009). ¿Se puede establecer una clasificación tipológica de los hombres violentos contra su pareja? *International Journal of Child and Health Psychology*, 9(3), 519-539.
- Andrade, C. (2011). How to write a good abstract for a scientific paper on conference presentation. *Indian Journal of Psychiatry*, 53(2), 172-175. doi: 10.4103/0019-5545.82558

- Archer, J. (2000). Sex differences in aggression between heterosexual partners: A meta-analytic review. *Psychological Bulletin*, *126*(5), 651-680. doi: 10.1037//0033-2909.126.5.651
- Associação Portuguesa de Apoio à Vítima (2016a). *Estatísticas APAV: Homens vítimas de violência doméstica (2013-2015)*. Retirado de: <http://www.apav.pt/estatisticas>
- Associação Portuguesa de Apoio à Vítima (2016b). *Estatísticas APAV: Vítimas de violência doméstica (2013-2015)*. Retirado de: <http://www.apav.pt/estatisticas>
- Armsden, G. C., & Greenberg, M. T. (1987). The inventory of parent and peer attachment: Individual differences and their relationship to psychological well-being in adolescence. *Journal of Youth and Adolescence*, *16*(5), 427-454.
- Babcock, J. C., Miller, S. A., & Siard, C. (2003). Toward a typology of abusive women: Differences between partner-only and generally violent women in the use of violence. *Psychology of Women Quarterly*, *27*(2), 153-161. doi: 10.1111/1471-6402.00095
- Bagwell-Gray, M. E., Messing, J. T., & Baldwin-White, A. (2015). Intimate partner sexual violence: A review of terms, definitions, and prevalence. *Trauma, Violence & Abuse*, *16*(3), 316-335. doi: 10.1177/1524838014557290
- Bair-Merritt, M. H., Crowne, S. S., Thompson, D. A., Sibinga, E., Trent, M., Campbell, J. (2010). Why do women use intimate partner violence? A systematic review of women's motivations. *Trauma, Violence, & Abuse*, *11*(4), 178-189. doi: 10.1177/1524838010379003
- Barber, C. F. (2008). Domestic violence against men. *Nursing Standard*, *22*(51), 35-39. doi: 10.7748/ns2008.08.22.51.35.c6644
- Baron, R. M., & Kenny, D. A. (1986). The moderator-mediator variable distinction in social psychological research: Conceptual, strategic, and statistical considerations. *Journal of Personality and Social Psychology*, *51*(6), 1173-1182.

- Bartholomew, K. (1990). Avoidance of intimacy: An attachment perspective. *Journal of Social and Personal Relationships*, 7(2), 147-178.
- Bartholomew, K., & Allison, C. (2006). An attachment perspective on abusive dynamics in intimate relationships. In M. Mikulincer, & G. Goodman (Eds.), *Dynamics of romantic love: Attachment, caregiving, and sex* (pp. 102-127). New York: The Guilford Press.
- Bartholomew, K., & Horowitz, L. M. (1991). Attachment styles among young adults: A test of a four-category model. *Journal of Personality and Social Psychology*, 61(2), 226-244.
- Bartholomew, K., & Shaver, P. R. (1998). Methods of assessing adult attachment: Do they coverage? In J. A. Simpson, & W. S. Rholes (Eds.), *Attachment theory and close relationships* (pp. 25-45). New York: The Guilford Press.
- Berman, W. H., & Sperling, M. B. (1994). The structure and function of adult attachment. In M. Sperling & W. Berman (Eds.), *Attachment in adults: Clinical and developmental perspectives* (pp. 3-28). New York: The Guilford Press.
- Black, M. C. (2011). Intimate partner violence and adverse health consequences: Implications for clinicians. *American Journal of Lifestyle Medicine*, 5(5), 428-439. doi: 10.1177/1559827611410265
- Blanchette, K., & Brown, S. L. (2006). *The assessment and treatment of women offenders: An integrative perspective*. England: John Wiley & Sons.
- Bond, S. B., & Bond, M. (2004). Attachment styles and violence within couples. *The Journal of Nervous and Mental Disease*, 192(12), 857-863. doi: 10.1097/01.nmd.0000146879.33957.ec
- Bowlby, J. (1969). *Attachment and loss: Attachment* (Vol. 1, 2^aEd.). New York: Basic Books.
- Bowlby, J. (1973). *Attachment and loss: Separation anxiety and anger* (Vol. 2). New York: Basic Books.

- Bowlby, J. (1977). The making and breaking of affectional bonds: A etiology and psychopathology in the light of attachment theory. *The British Journal of Psychiatry*, *130*, 201-210.
- Bowlby, J. (1980). *Attachment and loss: Loss sadness and depression* (Vol. 3). New York: Basic Books.
- Bowlby, J. (1988). *A secure base: Parent-child attachment and healthy human development*. New York: Basic Books.
- Breiding, M. J., Basile, K. C., Smith, S. G., Black, M. C., & Mahendra, R. (2015). *Intimate partner violence surveillance: Uniform definitions and recommended data elements*. Atlanta, Georgia: Centers for Disease Control and Prevention National Center for Injury Prevention and Control.
- Brennan, K., Clarck, C., & Shaver, P. (1998). Self-report measurement of adult attachment. In J. A. Simpson, & W. S. Rholes (Eds.), *Attachment theory and close relationships* (pp. 46-76). New York: Guildford Press.
- Busch, A. L., & Rosenberg, M. S. (2004). Comparing women and men arrested for domestic violence: A preliminary report. *Journal of Family Violence*, *19*(1), 49-57. doi: 10.1023/B:JOFV.0000011582.05558.2e
- Caetano, R., Vaeth, P. A. C., & Ramisetty-Mikler, S. (2008). Intimate partner violence victim and perpetrator characteristics among couples in the United States. *Journal of Family Violence*, *23*(6), 507-518. doi: 10.1007/s10896-008-9178-3
- Calvete, E. (2008). Características de salud mental de los hombres que maltratan a su pareja. *Revista Española de Sanidad Penitenciaria*, *10*(2), 49-56.
- Campbell, A. M., Hicks, R. A., Thompson, S. L., & Wiehe, S. E. (2017). Characteristics of intimate partner violence incidents and the environments in which they occur: Victim

- reports to responding law enforcement officers. *Journal of Interpersonal Violence*, 32(8), 1-24. doi: 10.1177/0886260517704230
- Capaldi, D. M., Knoble, N. B., Shortt, J. W., & Kim, H. K. (2012). A systematic review of risk factors for intimate partner violence. *Partner Abuse*, 3(2), 231-280. doi: 10.1891/1946-6560.3.2.231
- Carmo, R., Grams, A., & Magalhães, T. (2011). Men as victims of intimate partner violence. *Journal of Forensic and Legal Medicine*, 18(8), 355-359. doi: 10.1016/j.jflm.2011.07.006
- Carney, M., Buttell, F., & Dutton, D. (2007). Women who perpetrate intimate partner violence: A review of the literature with recommendations for treatment. *Aggression and Violent Behavior*, 12(1), 108-115. doi: 10.1016/j.avb.2006.05.002
- Cassidy, J. (2001). Truth, lies, and intimacy: An attachment perspective. *Attachment & Human Development*, 3(2), 121-155.
- Collins, N. L. (1996). Working models of attachment: Implications for explanation, emotion and behaviour. *Journal of Personality and Social Psychology*, 71(4), 810-832.
- Collins, N. L., & Read, S. J. (1990). Adult attachment, working models, and relationship quality in dating couples. *Journal of Personality and Social Psychology*, 58(4), 644-663.
- Coker, A. L., Davis, K. E., Arias, I., Desai, S., Sanderson, M., Brandt, H. M., Smith, P. H. (2002). Physical and mental health effects of intimate partner violence for men and women. *American Journal of Preventive Medicine*, 23(4), 260-268. doi: 10.1016/S0749-3797(02)00514-7
- Costa, B. M., Kaestle, C. E., Walker, A., Curtis, A., Day, A., Toumbourou, J. W., & Miller, P. (2015). Longitudinal predictors of domestic violence perpetration and victimization: A systematic review. *Aggression and Violent Behavior*, 24, 261-272. doi: 10.1016/j.avb.2015.06.001

- Costa, D., Soares, J., Lindert, J., Hatzidimitriadou, E., Sundin, Ö, Toth, O., Ioannidi-Kapolo, E., & Barros, H. (2015). Intimate partner violence: A study in men and women from six european countries. *International Journal of Public Health, 60*(4), 467-478. doi: 10.1007/s00038-015-0663-1
- Creswell, J. W. (2014). *Research design: Qualitative, quantitative, and mixed methods approaches*. Thousand Oaks, CA: Sage.
- Critchfield, K. L., Levy, K. N., Clarkin, J. F., & Kernberg, O. F. (2008). The relational context of aggression in borderline personality disorder: Using adult attachment style to predict forms of hostility. *Journal of Clinical Psychology, 64*(1), 67-82. doi: 10.1002/jclp.20434
- Cross, C. P., Tee, W., Campbell, A. (2011). Gender symmetry in intimate aggression: An effect of intimacy or target sex? *Aggressive Behavior, 37*(3), 268-277. doi: 10.1002/ab.20388
- Devries, K. M., Mak, J. Y., Bacchus, L. J., Child, J. C., Falder, G., Petzold, M., Astbury, J., & Watts, C. H. (2013). Intimate partner violence and incident depressive symptoms and suicide attempts: A systematic review of longitudinal studies. *PLOS Medicine, 10*(5), 1-11. doi: 10.1371/journal.pmed.1001439
- Doumas, D., Pearson, C. L., Elgin, J. E., & McKinley, L. L. (2008). Adult attachment as risk factor for intimate partner violence: The “mispairing” of partners’ attachment styles. *Journal of Interpersonal Violence, 23*(5), 616-634. doi: 10.1177/0886260507313526
- Drijber, B. C., Reijnders, U. J. L., & Ceelen, M. (2013). Male victims of domestic violence. *Journal of Family Violence, 28*(2), 173-178. doi: 10.1007/s10896-012-9482-9
- Dutton, D. G., & Nicholls, T. L. (2005). The gender paradigm in domestic violence research and theory: Part 1 – The conflict of theory and data. *Aggression and Violent Behavior, 10*(6), 680-714. doi: 10.1016/j.avb.2005.02.001

- Dutton, D. G., Saunders, K., Starzomski, A., Bartholomew, K. (1994). Intimacy-anger and insecure attachment as precursors of abuse in intimate relationships. *Journal of Applied Social Psychology, 24*(15), 1367-1386.
- Dutton, D. G., & White, K. R. (2012). Attachment insecurity and intimate partner violence. *Aggression and Violent Behavior, 17*(5), 475-481. doi: 10.1016/j.avb.2012.07.003
- Ehrensaft, M. K., Cohen, P., Brown, J., Smailes, E., Chen, H., & Johnson, J. G. (2003). Intergenerational transmission of partner violence: A 20-year prospective study. *Journal of Consulting and Clinical Psychology, 71*(4), 741-753. doi: 10.1037/0022-006X.71.4.741
- Faria, C., Fonseca, M., Lima, V. S., Soares, I., & Klein, J. (2009). Vinculação na idade adulta. In I. Soares (Coord.), *Relações de vinculação ao longo do desenvolvimento: Teoria e avaliação* (2nd ed.) (pp. 121-158). Braga: Psiquilíbrios Edições.
- Farrington, D. P. (1991). Longitudinal research strategies: Advantages, problems, and prospects. *Journal of the American Academy of Child and Adolescent Psychiatry, 30*(3), 369-374.
- Farrington, D. P., Gaffney, H., & Ttofi, M. M. (2017). Systematic reviews of explanatory risk factors for violence, offending, and delinquency. *Aggression and Violent Behavior, 33*, 24-36. doi: 10.1016/j.avb.2016.11.004
- Felson, R. B., & Cares, A. C. (2005). Gender and the seriousness of assaults on intimate partners and other victims. *Journal of Marriage and Family, 67*(5), 1182-1195. doi: 10.1111/j.1741-3737.2005.00209.x
- Fonseca, M., Soares, I., & Martins, C. (2006). Estilos de vinculação, orientação para o trabalho e relações profissionais. *Psicologia, 20*(1), 187-208.
- Gass, J. D., Stein, D. J., Williams, D. R., & Seedat, S. (2011). Gender differences in risk for intimate partner violence among south african adults. *Journal of Interpersonal Violence, 26*(14), 2764-2789. doi: 10.1177/0886260510390960

- George, C., Kaplan, N., & Main, M. (1985). *The adult attachment interview* (2nd ed.). Unpublished manuscript, University of California, Berkeley.
- George, M. J. (1994). Riding the donkey backwards: Men as the unacceptable victims of marital violence. *The Journal of Men's Studies*, 3(2), 137-159.
- Gormley, B., & Lopez, F. G. (2010). Psychological abuse perpetration in college dating relationships: Contributions of gender, stress, and adult attachment orientations. *Journal of Interpersonal Violence*, 25(2), 204-218. doi: 10.1177/0886260509334404
- Hadden, B. W., Smith, C. V., & Webster, G. D. (2014). Relationship duration moderates associations between attachment and relationship quality: Meta-analytic support for the temporal adult romantic attachment model. *Personality and Social Psychology Review*, 18(1), 42-58. doi: 10.1177/1088868313501885
- Hamberger, L. K., & Larsen, S. E. (2015). Men's and women's experience of intimate partner violence: A review of ten years of comparative studies in clinical samples; part I. *Journal of Family Violence*, 30(6), 699-717. doi: 10.1007/s10896-015-9732-8
- Harned, M. S. (2001). Abused women or abused men? An examination of the context and outcomes of dating violence. *Violence and Victims*, 16(3), 269-285.
- Hazan, C., & Shaver, P. (1987). Romantic love conceptualized as an attachment process. *Journal of Personality and Social Psychology*, 52(3), 511-524.
- Hazan, C., & Shaver, P. R. (1994). Attachment as an organizational framework for research on close relationships. *Psychological Inquiry*, 5(1), 1-22.
- Henderson, A. J. Z., Bartholomew, K., Trinke, S. J., & Kwong, M. J. (2005). When loving means hurting: An exploration of attachment and intimate abuse in a community sample. *Journal of Family Violence*, 20(4), 219-230. doi: 10.1007/s10896-005-5985-y

- Henning, K., Jones, A., & Holdford, R. (2003). Treatment needs of women arrested for domestic violence: A comparison with male offenders. *Journal of Interpersonal Violence, 18*(8), 839-856. doi: 10.1177/0886260503253876
- Herrera, V. M., Wiersma, J. D., & Cleveland, H. H. (2010). Romantic partners' contribution to the continuity of male and female delinquent and violent behavior. *Journal of Research on Adolescence, 21*(3), 608-618. doi: 10.1111/j.1532-7795.2010.00693.x
- Higgins, J. P. T., & Green, S. (2011). *Cochrane handbook for systematic reviews of interventions*. The Cochrane Collaboration. Disponível em: <http://handbook.cochrane.org/>
- Hines, D. A., Brown, J., & Dunning, E. (2007). Characteristics of callers to the domestic abuse helpline for men. *Journal of Family Violence, 22*(2), 63-72. doi: 10.1007/s10896-006-9052-0
- Hines, D. A., & Douglas, E. M. (2009). Women's use of intimate partner violence against men: Prevalence, implications, and consequences. *Journal of Aggression, Maltreatment & Trauma, 18*(6), 572-586. doi: 10.1080/10926770903103099
- Hines, D. A., Douglas, E. M. (2010). Intimate terrorism by women towards men: Does it exist? *Journal of Aggression, Conflict and Peace Research, 2*(3), 36-56. doi: 10.5042/jacpr.2010.0335
- Hines, D. A., & Douglas, E. M. (2011). Symptoms of posttraumatic stress disorder in men who sustain intimate partner violence: A study of helpseeking and community samples. *Psychology of Men & Masculinity, 12*(2), 112-127. doi: 10.1037/a0022983
- Hines, D. A., & Douglas, E. M. (2015). Health problems of partner violence victims: Comparing help-seeking men to a population-based sample. *American Journal of Preventive Medicine, 48*(2), 136-144. doi: 10.1016/j.amepre.2014.08.022

- Hines, D. A., & Saudino, K. J. (2003). Gender differences in psychological, physical, and sexual aggression among college students using the revised conflict tactics scales. *Violence and Victims, 18*(2), 197-217.
- Holtzworth-Munroe, A., & Stuart, G. L. (1994). Typologies of male batterers: Three subtypes and the differences among them. *Psychological Bulletin, 116*(3), 476-497.
- Holtzworth-Munroe, A., Stuart, G. L., & Hutchinson, G. (1997). Violent versus nonviolent husbands: Differences in attachment patterns, dependency, and jealousy. *Journal of Family Psychology, 11*(3), 314-331.
- Honari, B., & Saremi, A. A. (2015). The study of relationship between attachment styles and obsessive love style. *Procedia – Social and Behavioral Sciences, 165*, 152-159. doi: 10.1016/j.sbspro.2014.12.617
- Horowitz, L. M., Rosenberg, S. E., & Bartholomew, K. (1993). Interpersonal problems, attachment styles, and outcome in brief dynamic psychotherapy. *Journal of Consulting and Clinical Psychology, 61*(4), 549-560.
- Hughes, F. M., Stuart, G. L., Gordon, K. C., & Moore, T. M. (2007). Predicting the use of aggressive conflict tactics in a sample of women arrested for domestic violence. *Journal of Social and Personal Relationships, 24*(2), 155-176. doi: 10.1177/0265407507075406
- Hyde, J. S. (1984). How large are gender differences in aggression? A developmental meta-analysis. *Developmental Psychology, 20*(4), 722-736.
- Kiecolt-Glaser, J. K., & Newton, T. L. (2001). Marriage and health: His and hers. *Psychological Bulletin, 127*(4), 472-503. doi: 10.1037/0033-2909.127.4.472
- Krahé, B., Scheinberger-Olwig, R., & Bieneck, S. (2003). Men's report of nonconsensual sexual interactions with women: Prevalence and impact. *Archives of Sexual Behavior, 32*(2), 165-175. doi: 10.1023/A:1022456626538

- La Flair, L. N., Bradshaw, C. P., Mendelson, T., & Campbell, J. (2015). Intimate partner violence and risk of psychiatric symptoms: The moderating role of attachment. *Journal of Family Violence, 30*(5), 567-577. doi: 10.1007/s10896-015-9681-2
- Lafontaine, M., & Lussier, Y. (2005). Does anger towards the partner mediate and moderate the link between romantic attachment and intimate violence? *Journal of Family Violence, 20*(6), 349-361. doi: 10.1007/s10896-005-7797-5
- Landis, J. R., & Koch, G. G. (1977). The measurement of observer agreement for categorical data. *Biometrics, 33*(1), 159-174.
- Laroche, D. (2005). *Aspects of the context and consequences of domestic violence: Situational couple violence and intimate terrorism in Canada in 1999*. Québec: Institut de la Statistique du Québec.
- Lawson, D. M., Malnar, S. G. (2011). Interpersonal problems as a mediator between attachment and intimate partner violence. *Journal of Family Violence, 26*(6), 421-430. doi: 10.1007/s10896-011-9376-2
- Levy, T. M., & Orlans, M. (2000). Attachment disorder an antecedent to violence and antisocial patterns in children. In T. M. Levy (Eds.), *Handbook of attachment interventions* (pp. 1-26). USA: Academic Press.
- Lima, V., Vieira, F., & Soares I. (2006). Vinculação em casais: Avaliação da representação da intimidade e da interação conjugal. *Psicologia, 20*(1), 51-63.
- Machado, A., Hines, D., & Matos, M. (2016). Help-seeking and needs of male victims of intimate partner violence in Portugal. *Psychology of Men & Masculinity, 17*(3), 255-264. doi: 10.1037/men0000013
- Machado, A., & Matos, M. (2014). Homens vítimas na intimidade: Análise metodológica dos estudos de prevalência. *Psicologia & Sociedade, 26*(3), 726-736.

- Machado, A., Santos, A., Graham-Kevan, N., & Matos, M. (2016). Exploring help seeking experiences of male victims of female perpetrators of IPV. *Journal of Family Violence, 31*(6), 1-11. doi: 10.1007/s10896-016-9853-8
- Madey, S. F., & Jilek, L. (2012). Attachment style and dissolution of romantic relationships: Breaking up is hard to do, or is it? *Individual Differences Research, 10*(4), 202-210.
- Main, M., & Solomon, J. (1990). Procedures for identifying infants as disorganized/disoriented during the Ainsworth strange situation. In M. T. Greenberg, D. Cicchetti, & E. M. Cummings (Eds.), *Attachment in the preschool years: Theory, research, and intervention* (pp. 121-160). Chicago: University of Chicago Press.
- Matos, P. M., & Costa, M. E. (1996). Vinculação e processos desenvolvimentais nos jovens e adultos. *Cadernos de Consulta Psicológica, 12*, 45-54.
- Mechem, C. C., Shofer, F. S., Reinhard, S. S., Hornig, S., & Datner, E. (1999). History of domestic violence among male patients presenting to an urban emergency department. *American Emergency Medicine, 6*(8), 786-791.
- Melton, H. C., & Sillito, C. L. (2012). The role of gender in officially reported intimate partner abuse. *Journal of Interpersonal Violence, 27*(6), 1090-1111. doi: 10.1177/0886260511424498
- Ménard, K. S., Anderson, A. L., & Godboldt, S. M. (2009). Gender differences in intimate partner recidivism: A 5-year follow-up. *Criminal Justice and Behavior, 36*(1), 61-76. doi: 10.1177/0093854808325905
- Mikulincer, M., & Shaver, P. R. (2005). Attachment theory and emotions in close relationships: Exploring the attachment-related dynamics of emotional reactions to relational events? *Personal Relationships, 12*(2), 149-168. doi: 10.1111/j.1350-4126.2005.00108.x
- Mikulincer, M., & Shaver, P. R. (2012). An attachment perspective on psychopathology. *World Psychiatry, 11*(1), 11-15. doi: 10.1016/j.wpsyc.2012.01.003

- Miller, S. L., & Meloy, M. L. (2006). Women's use of force: Voices of women arrested for domestic violence. *Violence Against Women, 12*(1), 89-115. doi: 10.1177/1077801205277356
- Mills, T. J., Avegno, J. L., & Haydel, M. J. (2006). Violence: Recognition, management and prevention. Male victims of partner violence: Prevalence and accuracy of screening tools. *The Journal of Emergency Medicine, 31*(4), 447-452. doi: 10.1016/j.jemermed.2005.12.029
- Moreira, J. M., Lind, W., Santos, M. J., Moreira, A. R., Gomes, M. J., Justo, J., Oliveira, A. P., Filipe, L. A., & Faustino, M. (2006). "Experiências em Relações Próximas", um questionário de avaliação das dimensões básicas dos estilos de vinculação nos adultos: Tradução e validação para a população Portuguesa. *Laboratório de Psicologia, 4*, 3-27.
- Neal, A. M., & Edwards, K. M. (2015). Perpetrators' and victims' attributions for IPV: A critical review of the literature. *Trauma, Violence, & Abuse, 6*, 1-29. doi: 10.1177/1524838015603551
- Nowinski, S. N., & Bowen, E. (2012). Partner violence against heterosexual and gay men: Prevalence and correlates. *Aggression and Violent Behavior, 17*(1), 36-52. doi: 10.1016/j.avb.2011.09.005
- O'Leary, K. D. (2000). Are women really more aggressive than men in intimate relationships? Comment on Archer (2000). *Psychological Bulletin, 126*(5), 685-689. doi: 10.1037/0033-2909.126.5.685
- O'Leary, K. D., Tittle, N., Bromet, E. J., & Gluzman, S. F. (2008). Descriptive epidemiology of intimate partner aggression in Ukraine. *Social Psychiatry and Psychiatric Epidemiology, 43*(8), 619-626. doi: 10.1007/s00127-008-0339-8

- Özmen, O., & Atik, G. (2010). Attachment styles and marital adjustment of turkish married individuals. *Procedia – Social and Behavioral Sciences*, 5, 367-371. doi: 10.1016/j.sbspro.2010.07.106
- Pearce, Z. J., & Halford, W. K. (2008). Do attributions mediate the association between attachment and negative couple communication? *Personal Relationships*, 15(2), 155-170. doi: 10.1111/j.1475-6811.2008.00191.x
- Peterson, Z. D., Voller, E. K., Polusny, M. A., & Murdoch, M. (2011). Prevalence and consequences of adult sexual assault of men: Review of empirical findings and state of the literature. *Clinical Psychology Review*, 31(1), 1-24. doi: 10.1016/j.cpr.2010.08.006
- Pretorius, H. G., & Botha, S. (2009). The cycle of violence and abuse in women who kill an intimate male partner: A biographical profile. *South African Journal of Psychology*, 39(2), 242-252.
- Randle, A. A., & Graham, C. A. (2011). A review of the evidence on the effects of intimate partner violence on men. *Psychology of Men & Masculinity*, 12(2), 97-111. doi: 10.1037/a0021944
- Reid, R. J., Bonomi, A. E., Rivara, F. P., Anderson, M. L., Fishman, P. A., Carrell, D. S., & Thompson, R. S. (2008). Intimate partner violence among men: Prevalence, chronicity, and health effects. *American Journal of Preventive Medicine*, 34(6), 478-485. doi: 10.1016/j.amepre.2008.01.029
- Ridley, C. A., & Feldman, C. M. (2003). Female domestic violence toward male partners: Exploring conflict responses and outcomes. *Journal of Family Violence*, 18(3), 157-170. doi: 10.1023/A:1023516521612
- Rodrigues, L. N., & Kitzmann, K. M. (2007). Coping as a mediator between interparental conflict and adolescents' romantic attachment. *Journal of Social and Personal Relationships*, 24(3), 423-439. doi: 10.1177/0265407507077230

- Rogers, W. S., Bidwell, J., & Wilson, L. (2005). Perception of and satisfaction with relationship power, sex, and attachment styles: A couples level analysis. *Journal of Family Violence*, 20(4), 241-251. doi: 10.1007/s10896-005-5988-8
- Romans, S., Forte, T., Cohen, M. M., Mont, J. D., & Hyman, I. (2007). Who is most at risk for intimate partner violence? A canadian population-based study. *Journal of Interpersonal Violence*, 22(12), 1495-1514. doi: 10.1177/0886260507306566
- Ross, T., & Pläfflin, F. (2007). Attachment and interpersonal problems in a prison environment. *The Journal of Forensic Psychiatry & Psychology*, 18(1), 90-98. doi: 10.1080/14789940601063345
- Shaver, P. R., & Mikulincer, M. (2005). Attachment theory and research: Resurrection of the psychodynamic approach to personality. *Journal of Research in Personality*, 39(1), 22-45. doi: 10.1016/j.jrp.2004.09.002
- Schafer, J., Caetano, R., & Clarck, C. L. (1998). Rates of intimate partner violence in the United States. *American Journal of Public Health*, 88(11), 1702-1704.
- Schumacher, J. A., Slep, A. M. S., & Heyman, R. E. (2001a). Risk factors for male-to-female partner psychological abuse. *Aggression and Violent Behavior*, 6, 255-268. doi: 10.1016/S1359-1789(00)00025-2
- Schumacher, J. A., Slep, A. M. S., & Heyman, R. E. (2001b). Risk factors for male-to-female partner physical abuse. *Aggression and Violent Behavior*, 6, 281-352. doi: 10.1016/S1359-1789(00)00027-6
- Scott, S., & Babcock, J. C. (2010). Attachment as a moderator between intimate partner violence and PTSD symptoms. *Journal of Family Violence*, 25(1), 1-9. doi: 10.1007/s10896-009-9264-1

- Shuler, A. (2010). Male victims of intimate partner violence in United States: An examination of the review of literature through the critical theoretical perspective. *International Journal of Criminal Justice Services*, 5(1), 163-173.
- Sigre-Leirós, V., Carvalho, J., & Nobre, P. J. (2015). Adult interpersonal features of subtypes of sexual offenders. *Journal of Forensic and Legal Medicine*, 34, 5-10. doi: 10.1016/j.jflm.2015.04.015
- Simmons, S. B., Knight, K. E., & Menard, S. (2015). Consequences of intimate partner violence on substance use and depression for women and men. *Journal of Family Violence*, 30(3), 351-361. doi: 10.1007/s10896-015-9691-0
- Simpson, J. A., Rholes, W. S., & Nelligan, J. S. (1992). Support seeking and support giving within couples in an anxiety-provoking situation: The role of attachment styles. *Journal of Personality and Social Psychology*, 62(3), 434-446.
- Sistema de Segurança Interna (2016). *Relatório Anual de Segurança Interna*. Lisboa: Sistema de Segurança Interna.
- Smith, L. S., & Stover, C. S. (2015). The moderating role of attachment on the relationship between history of trauma and intimate partner violence victimization. *Violence Against Women*, 22(6), 745-764. doi: 10.1177/1077801215610863
- Straus, M. A. (1993). Physical assaults by wives: A major social problem. In R. J. Gelles, & D. R. Loseke (Eds.), *Current Controversies on Family Violence* (pp. 67-87). Newbury Park, CA: Sage.
- Taft, C. T., O'Farrell, T. J., Torres, S. E., Panuzio, J., Monson, C. M., Murphy, M., & Murphy, C. M. (2006). Examining the correlates of psychological aggression among a community sample of couples. *Journal of Family Psychology*, 20(4), 581-588. doi: 10.1037/0893-3200.20.4.581

- Tjaden, P. & Thoennes, N. (2000a). *Extent, nature, and consequences of intimate partner violence: Findings from the national violence against women survey*. Washington, DC: U.S. Department of Justice.
- Tjaden, P., & Thoennes, N. (2000b). Prevalence and consequences of male-to-female and female-to-male intimate partner violence as measured by the national violence against women survey. *Violence Against Women*, 6(2), 142-161. doi: 10.1177/10778010022181769
- Thornton, A. J. V., Graham-Kevan, N., & Archer, J. (2016). Intimate partner violence: Are the risk factors similar for men and women, and similar to other types of offending? *Aggressive Behavior*, 42(4), 404-412. doi: 10.1002/ab.21635
- Uytun, M. C., Oztop, D. B., Esel, E. (2013). Evaluating the attachment behaviour in during puberty and adulthood. *The Journal of Psychiatry and Neurological Sciences*, 26(2), 177-189. doi: 10.5350/DAJPN2013260208
- Waters, E., Weinfield, N. S., & Hamilton, C. E. (2000). The stability of attachment security from infancy to adolescence and early adulthood: General discussion. *Child Development*, 71(3), 703-706.
- Weiss, R. S. (1991). The attachment bond in childhood and adulthood. In C. Parkes, J. Stevenson-Hinde, & P. Marris (Eds.), *Attachment across the life cycle* (pp. 66-76). New York: Routledge.
- West, M., Sheldon, A., & Reiffer, L. (1987). An approach to the delineation of adult attachment: Scale development and reliability. *The Journal of Nervous and Mental Disease*, 175(12), 738-741.
- Weston, R., Marshall, L. L., & Coker, A. L. (2007). Women's motives for violent and nonviolent behaviors in conflicts. *Journal of Interpersonal Violence*, 22(8), 1043-1065. doi: 10.1177/0886260507303191

- Wilson, J. B., Gardner, B. C., Brosi, M. W., Topham, G. L., & Busby, D. M. (2013). Dyadic adult attachment style and aggression within romantic relationships. *Journal of Couple & Relationship Therapy, 12*(2), 186-205. doi: 10.1080/15332691.2013.779185
- Winstok, Z., & Straus, M. A. (2014). Gender differences in the link between intimate partner physical violence and depression. *Aggression and Violent Behavior, 19*(2), 91-101. doi: 10.1016/j.avb.2014.01.003
- World Health Organization (2010). *Preventing intimate partner and sexual violence against women: Taking action and generating evidence*. Geneva: WHO Library Cataloguing-in-Publication Data.